



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA

CLAUDIVAN LOPES DE SOUZA

A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DA ARTE:
Uma análise da poesia de Dom Pedro Casaldáliga e da música de Zé Vicente

Recife
2019

CLAUDIVAN LOPES DE SOUZA

A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DA ARTE:

Uma análise da poesia de Dom Pedro Casaldáliga e da música de Zé Vicente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Profº. Dr. Felipe Campelo Barreto.

Coorientador: Profº. Dr. Nélio Vieira de Melo.

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

S729f Souza, Claudivan Lopes de.
A função pedagógica da arte: uma análise da poesia de Dom Pedro
Casaldáliga e da música de Zé Vicente / Claudivan Lopes de Souza. – 2019.
96 f.: 30 cm.

Orientador: Profº. Dr. Felipe Campelo Barreto.

Coorientador: Profº. Dr. Nélio Vieira, de Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.

Programa de Pós-graduação em Filosofia, Recife, 2019.

Inclui referências e apêndice.

1. Filosofia. 2. Libertação. 3. Socialismo. 4. Poeta popular e arte-educador.
5. Bispcatólico. 6. Música. I. Barreto, Felipe Campelo (Orientador). II. Melo,
Nélio Vieira (Coorientador). III. Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-202)

CLAUDIVAN LOPES DE SOUZA

A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DA ARTE:

Uma análise da poesia de Dom Pedro Casaldáliga e da música de Zé Vicente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Aprovada em: 12 /04/2019

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Felipe Campelo Barreto (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profº. Dr. Nélio Vieira de Melo (Co-orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profº. Dr. Oussama Naouar (Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus-Pai todo poderoso, invocando o seu nome na sua epifania entre os três povos, as três culturas que formaram a base da nossa civilização brasileira: o índio autóctone, o branco europeu e o negro africano: Tupã, Javé e Olorun. Três nomes para um só Deus, que me dá força e me inspira.

Agradeço a todos (as) que torceram e torcem por mim: amigos e amigas, família, colegas de trabalho e do nosso mestrado e um agradecimento especial a três pessoas que me orientaram e me assessoraram no meu projeto de pesquisa e na minha dissertação: o meu amigo João Paulo Bastos, minha amiga Maria Rosa e uma das mulheres mais especiais para minha pessoa: Izabel Cristina Castro.

Agradeço também ao professor Dr. Felipe Campelo Barreto, meu orientador, em especial ao professor Dr. Nélio Vieira de Melo, que foi fundamental para a conclusão da minha dissertação.

Agradeço ainda ao professor Dr. Junot Matos pela condução na coordenação do nosso mestrado, o Prof-Filo.

Para concluir, agradeço também a toda a equipe do Prof-Filo da Universidade Federal de Pernambuco, principalmente aos professores e professoras, que foram fundamentais na nossa formação acadêmica.

RESUMO

Esta dissertação acadêmica é um estudo da função pedagógica da arte e da aproximação de alguns elementos teóricos do marxismo com o paradigma teológico, que recebeu o nome de Teologia da Libertação. A arte, na forma de poesia profética e libertadora do bispo da Prelazia de São Felix do Araguaia no Mato Grosso, Dom Pedro Casaldáliga e nas letras das músicas do artista católico cearense Zé Vicente. Zé Vicente, cantor, compositor, arte-educador e poeta, é considerado um dos mais importantes artistas da Igreja Católica. Dom Pedro Casaldáliga, um religioso catalão erradicado no Brasil, uniu a poesia e o profetismo para denunciar as injustiças sofridas pelos pobres da região mato-grossense. Zé Vicente e Dom Pedro Casaldáliga têm em comum o fato de ambos serem poetas, de serem adeptos da Teologia da Libertação, de terem dedicado suas vidas a serviço dos pobres, dos excluídos e oprimidos da sociedade. Zé Vicente como músico e Casaldáliga como bispo. Além da parte teórica, este estudo da aproximação das teorias marxistas com a Teologia da Libertação contém também uma intervenção prática feita pelos estudantes dos terceiros anos da Escola de Referência Raimundo de Castro Ferreira em Santa Filomena – Pernambuco, relatado na parte final desta dissertação.

Palavras-chave: Teologia da Libertação. Marxismo. Zé Vicente. Dom Pedro Casaldáliga. Música.

ABSTRACT

This academic dissertation is a study of the pedagogical function of art and the approximation of some theoretical elements of Marxism with the theological paradigm that was called Liberation Theology. The art, in the form of prophetic and liberating poetry of the bishop of the Prelature of St. Felix of Araguaia in Mato Grosso, Dom Pedro Casaldáliga and in the lyrics of the catholic artist Ceará Zé Vicente. Zé Vicente, singer, composer, art educator and poet, is considered one of the most important artists of the Catholic Church. Dom Pedro Casaldáliga, a Catalan religious eradicated in Brazil, united poetry and prophetism to denounce the injustices suffered by the poor in the Mato Grosso region. Zé Vicente and Dom Pedro Casaldáliga have in common the fact that both are poets, of being adherents of Liberation Theology, of having dedicated their lives to the service of the poor, the excluded and oppressed of society. Zé Vicente as musician and Casaldáliga as bishop. In addition to the theoretical part, this study of the approximation of Marxian theories with Liberation Theology also contains a practical intervention made by students of the third years of the Raimundo de Castro Ferreira Reference School in Santa Filomena, Pernambuco, reported in the final part of this dissertation.

Keywords: Liberation Theology; Marxism; Zé Vicente; Dom Pedro Casaldáliga; music; poetry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A FILOSOFIA MARXISTA	10
2.1 A crítica marxista sobre a religião ser o ópio do povo ainda procede?	25
2.2 Teologia da libertação e justiça social	29
3 O ENCONTRO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A LITERATURA NO PROFETISMO E NA POESIA DE DOM PEDRO CASALDÁLIGA	36
4 ASPECTOS DA FILOSOFIA MARXISTA PRESENTES NAS LETRAS DAS MÚSICAS DE ZÉ VICENTE	50
4.1 Perfil biográfico de Zé Vicente.....	50
4.2 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Pelos Caminhos da América”	51
4.3 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Como te cantarei Senhor”	54
4.4 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Canto dos mártires da terra”	59
4.5 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Baião do Peregrino Sofredor”.	63
4.6 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “De repente nossa vida clareou”	66
4.7 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Ofertório do povo”	70
4.8 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Meu canto, minha arma”	77
4.9 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Eu venho de lá da roça”	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE	91

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem a pretensão de unir filosofia, teologia, história e arte, em especial poesia e música, no estudo de alguns aspectos da filosofia marxista presentes na Teologia da Libertação, na poesia do bispo catalão erradicado no Brasil, em Mato Grosso, Dom Pedro Casaldáliga, e nas letras das músicas do artista católico cearense Zé Vicente. Esta pesquisa contém, além da introdução e conclusão, três capítulos e um apêndice. Os três capítulos são a pesquisa bibliográfica, e o apêndice, o relatório da intervenção.

No primeiro capítulo, apresenta-se um perfil histórico-filosófico da Teologia da Libertação. Vários livros, trabalhos acadêmicos, entre artigos, teses e dissertações, foram usados como auxílio para este trabalho. Porém, quatro livros foram a base desta pesquisa. São eles: “O que é cristianismo da Libertação: Religião e Política na América Latina”, do filósofo franco-brasileiro Michael Löwy; “O Marxismo e a Teologia da Libertação”, do filósofo italiano Luigi Bordin; “Teologia da Libertação, perspectivas”, do Teólogo peruano Gustavo Gutierrez e “Utopias Esquecidas: As origens da Teologia da Libertação”, do historiador brasileiro Daniel Marques Villela.

Este capítulo aborda o surgimento da Teologia da Libertação e as duas obras teológicas consideradas os marcos iniciais desse novo paradigma, que foram os livros de Gustavo Gutierrez: “Teologia da Libertação, Perspectivas”; bem como do Teólogo Brasileiro Leonardo Boff: Jesus Cristo Libertador. Ainda neste capítulo, fala-se também de alguns personagens que Gutierrez citou como exemplo da aproximação das teorias marxistas e a doutrina cristã, como os intelectuais marxistas José Carlos Mariátegui e Ernest Bloch; os militantes políticos Fidel Castro e Che Guevara; os teólogos Jürgen Moltmann, Wolfhart Pannerg e Johann Baptist Metz; e o educador Paulo Freire.

No mesmo capítulo, apresentamos alguns aspectos teóricos da teoria da dependência, que foi uma teoria importante para a formulação da base teórica da Teologia da Libertação. Destacamos também o caráter ecumênico e inter-religioso da Teologia da Libertação e a perseguição a esse ramo da teologia cristã, tanto pelos “poderes da economia e do mercado”, como salientou Leonardo Boff¹, quanto pelos poderes eclesiásticos representados por setores conservadores da Igreja

¹Disponível em <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>> acesso em 15/08/2018.

Católica, incluindo o próprio Vaticano, nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Tal perseguição se deu pelo fato de essa teologia ter dialogado com as ciências sociais, principalmente o marxismo. Nesse aspecto, relaciona-se também a Teologia da Libertação, as lutas dos movimentos populares e pastorais sociais, ressaltando a “opção preferencial pelos pobres”, principal linha doutrinária da Teologia da Libertação. Indaga-se também se a crítica marxista sobre a Religião ser o ópio do povo ainda procede.

No segundo capítulo, tratamos da união da poesia com profetismo na figura de Dom Pedro Casaldáliga. Apresentaremos um perfil histórico-biográfico do referido bispo, destacando o caráter profético tanto de suas poesias, quanto do seu trabalho pastoral e missionário frente à Prelazia de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso. No terceiro capítulo, abordamos alguns elementos teóricos da filosofia marxista presentes nas músicas do cantor, compositor, poeta e arte-educador cearense Zé Vicente.

Traçamos, ainda, um perfil biográfico desse artista popular católico e analisaremos oito de suas músicas baseadas na filosofia marxista. As músicas analisadas serão: “Pelos caminhos da América”; “Como te cantarei Senhor”; “Canto dos mártires da terra”; “Baião do peregrino sofredor”; “De repente nossa vista clareou”; “Ofertório do Povo”; “Meu Canto, minha arma” e “Eu venho de lá da roça”. Ainda no terceiro capítulo, apresentaremos alguns depoimentos sobre Zé Vicente, feito por artistas, jornalistas e acadêmicos.

Ao final da nossa dissertação, encontra-se o apêndice, um relatório do projeto de intervenção, que foi um trabalho em grupo com os alunos e alunas da Escola de Referência em Ensino Médio Raimundo de Castro Ferreira em Santa Filomena, Pernambuco, onde aqueles estudaram fragmentos do Manifesto Comunista de Marx e Engels, alguns textos relacionados à Teologia da Libertação e analisaram as seguintes músicas de Zé Vicente: “O que Vale é o amor”; “Baião do Peregrino Sofredor”; “Como te cantarei Senhor”; “Utopia”; “Eu venho de lá da roça”; “Salve a romaria”; “Ofertório da Comunidade” e “Baião da nova mulher”. Constam também, nesta parte, as citações das exposições teóricas sobre os textos e as músicas estudadas pelos alunos e alunas.

2 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A FILOSOFIA MARXISTA

A Teologia da Libertação é uma corrente da teologia cristã surgida há 48 anos, (1971), que se apropriou de muitos elementos teóricos da filosofia marxista para construção de uma nova doutrina católica, que acabou se tornando um novo paradigma teológico, com a assimilação dessa doutrina por outras denominações religiosas, inclusive fora do espectro religioso do cristianismo, sendo posteriormente “usado por cristãos denominados progressistas, para desenvolver uma ação evangélica baseada na opção preferencial pelos pobres, nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, inclusive no Brasil” (SOUZA, 2017, p. 128).

Baseado nas teorias do filósofo franco-brasileiro Michael Löwy², o historiador brasileiro Daniel Marques Vilela (2013) afirma que a teologia da libertação não é só uma doutrina católica, mas também um movimento político, social e religioso fundamentado em 1971, a partir de publicações de dois importantes teólogos latino-americanos:

O termo Teologia da Libertação indica tanto uma doutrina católica quanto um movimento político, social e religioso. A fundamentação da doutrina foi publicada em 1971 por meio dos livros de Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff e foi o próprio título de Gutiérrez que cunhou o nome teologia da libertação que também passou a designar eventualmente movimentos ocorridos anteriormente na década de 1960. Portanto os livros de Boff (Jesus Cristo Libertador) e de Gutiérrez legitimavam estes movimentos e inspiravam-se nestes movimentos (VILELA, 2013, Kindle Edition Location 34-36).

Michael Löwy (2008) se aprofunda ainda mais em suas análises histórico-filosóficas sobre a teologia da libertação, afirmando que ela enquanto movimento de práxis, surgiu antes das produções teológicas que sistematizaram a base teórica deste novo paradigma teológico:

A teologia da libertação é, como escreveu Leonardo Boff, reflexo e reflexão sobre uma práxis pré-existente. Ou melhor, ela é expressão/legitimação de um vasto movimento social, que surgiu no início dos anos 60, bem antes dos novos escritos teológicos, e que incluiu setores significativos da Igreja (bispos, padres, ordens religiosas), movimentos religiosos leigos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã),

² LÖWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez, 1991.

pastorais populares (pastoral operária, pastoral urbana, pastoral da terra) e Comunidades Eclesiais de Base. Sem este movimento, que pode-se chamar cristianismo pela libertação, não se pode compreender toda a riqueza dos fenômenos sociais tão importantes como o desenvolvimento da revolução na América Central, ou a emergência do novo movimento operário no Brasil (LÖWY, 2008, n.p)³.

Vilela (2013) afirma que vários autores citados no livro de Gutiérrez vão em direção a uma apropriação de elementos do marxismo feito por esse teólogo no seu livro *Teologia da Libertação: Perspectiva*; são eles: o sociólogo marxista peruano José Carlos Mariátegui, que também era jornalista e ativista político; o filósofo marxista alemão Ernst Bloch; os revolucionários marxistas Che Guevara e Fidel Castro; os teólogos alemães Jürgen Moltmann, Wolfhart Pannerg e Johann Baptist Metz; e o filósofo e educador brasileiro Paulo Freire.

A partir de Bloch, Moltmann, Pannerg e Metz, Gutiérrez defendeu a esperança ativa com vistas ao reino terreno da liberdade e o avanço da religiosidade para além da vida privada. A partir de Mariátegui, Guevara, Castro e Freire, Gutiérrez defendeu um pensamento e uma revolução comunista não ortodoxa, condizentes à história latino-americana. No primeiro grupo de autores –de Bloch a Metz – há reflexões sobre marxismo, religião, história e política. No segundo grupo, há o apontamento de uma revolução latino-americana. (VILELA, 2013, Kindle Edition Location 44-49)

Segundo Vilela, Leonardo Boff, em seu livro *Jesus Cristo Libertador*, também cita Moltmann, Metz e Bloch, fazendo referências à desprivatização da crença dos fiéis. São encontrados nos livros tanto de Boff, quanto de Gutiérrez, trechos cuja natureza, de acordo com Vilela, pode-se classificar de Blochianas.

As teorias José Carlos Mariátegui foram fundamentais para a construção do referencial teórico da *Teologia da Libertação*. Esse sociólogo, jornalista e ativista político peruano, que Löwy aponta como “mais original e criativo dos marxistas latino-americanos” (Löwy, 2016, p. 51), era defensor da ideia de que existiam muitas afinidades entre revolucionários e religiosos. Em seu ensaio intitulado “o homem e o mito” (1925), Mariátegui propõe uma visão fora dos padrões, normas e regras pré-estabelecidas dos valores revolucionários:

Os intelectuais burgueses se ocupam com a crítica racionalista, a teoria e a técnica do método revolucionário. Que falta de compreensão! A força dos revolucionários não reside em sua ciência; ela reside em sua fé, sua paixão, sua força de vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual. É a força do

³ Disponível em <<http://orientacaomarxista.blogspot.com/2008/02/teologia-da-libertao-luta-de-classes.html>> acesso em 15/08/2018.

Mito... A emoção revolucionária... é uma emoção religiosa. As motivações religiosas se mudaram do céu para a terra. Não são mais divinas; são humanas, são sociais (MARIÁTEGUI apud LÖWY, 2016, p. 51).

Löwy (2016), afirma que Mariátegui elogiava o pensador marxista George Sorel, que foi o primeiro teórico a entender “o caráter religioso, místico e metafísico do socialismo”:

Graças a Sorel, o marxismo foi capaz de assimilar os elementos e as aquisições substantivas das correntes filosóficas que vieram depois de Marx. Pondo de lado as bases racionalistas e positivistas do socialismo da época, Sorel encontrou, em Bergson, as ideias pragmatistas que fortaleceram o pensamento socialista, restaurando-o à sua missão revolucionária... A teoria dos mitos revolucionários, aplicando ao movimento socialista a experiência dos movimentos religiosos, estabeleceu as bases para uma filosofia da revolução. (Ibdem).

Para Löwy a formulação de Mariátegui era a expressão de:

Uma rebelião romântica/marxista contra a interpretação predominante (semipositivista) do materialismo histórico – pode parecer demasiado radical. De qualquer forma, devemos deixar claro que Mariátegui não queria fazer do socialismo uma Igreja ou uma seita religiosa, e sim tinha a intenção de trazer à tona a dimensão espiritual e ética da luta revolucionária: a fé (mística), a solidariedade, a indignação moral, o compromisso com risco da própria vida (ao que ele chamava de “heroico”). O socialismo, para Mariátegui, era inseparável de uma tentativa de re-encantar o mundo através da ação revolucionária. Não é muito surpreendente, portanto, que ele tenha se tornado uma das referências marxistas mais importantes para o fundador da Teologia da Libertação, o peruano Gustavo Gutiérrez. (LÖWY, 2016, p.52)

Outro teórico Marxista, fundamental para a Teologia da Libertação foi o alemão Ernest Bloch, apontado tanto por Löwy, quanto por Vilela, como o primeiro filósofo marxista que mudou radicalmente seu arcabouço teórico sem abrir mão da perspectiva marxista e revolucionária. Segundo Vilela, para Ernest Bloch, a Bíblia era virtualmente subversiva e um aprofundamento crítico das leituras bíblicas, apontava para uma história do mundo e da salvação como sendo uma única história. O paraíso celeste prometido pelos antigos profetas hebraicos e por Jesus, não seria exclusivamente espiritual, mas, sobretudo, terreno. Sobre o episódio Bíblico do Êxodo, argumentou Vilela:

“O êxodo pode ser compreendido não como uma fuga geográfica, mas como um modelo de separação de um Estado de injustiça – nesse sentido, há uma grande consonância entre a Bíblia e os movimentos populares contra a ordem”. (VILELA, 2013, Kindle Edition Location 249).

Para Vilela, no pensamento Blochiano, o diálogo entre a bíblia e o marxismo não é só possível como também saudável, desde que a religião seja mais ativa e crítica, e o marxismo não dogmático:

O diálogo entre marxismo e religião com vistas à construção de uma sociedade mais justa é possível e salutar. No entanto seria necessário desdogmatizar o marxismo e transformar a religiosidade passiva, institucionalizada e formalista em uma religiosidade livre, dinâmica e crítica (VILELA, 2013, Kindle Edition Location 249-254).

Vilela afirma que Ernest Bloch apresentou uma leitura marxista peculiar da Bíblia, expondo a luta de classes no episódio do Êxodo, a conquista da Terra Prometida e o surgimento e a atuação militante dos profetas citados no Antigo Testamento da Bíblia cristã:

Bloch desenvolve sua leitura peculiar marxista da Bíblia. O desejo Utópico em Moisés originou-se a partir do contato com o comunismo primitivo beduíno em contraste com a sociedade escravista egípcia; e não da sarça ardente e do Monte Sinai. Após a fuga do Egito, o povo de Javé no deserto idealizava uma terra justa. No entanto, após a conquista da Terra Prometida, desenvolveu-se em Judá, principalmente em Jerusalém, a propriedade privada, a divisão do trabalho e a divisão entre ricos e pobres neste cenário surgiram os profetas. Bloch cita Amós, Miquéias especialmente Isaías. Estes profetas buscavam reaver e reativar o projeto de uma terra de justiça e igualdade, condenando em nome de Javé os adoradores de Baal, do ouro e do poder. (VILELA, 2013, Kindle Edition Location 437 – 444).

Ainda segundo Vilela, Bloch, na sua leitura da Bíblia com o viés histórico marxista, analisou a atuação de figuras históricas importantes não só para o judaísmo, mas, sobretudo, para o cristianismo, como João Batista e o próprio Jesus Cristo. Esse filósofo marxista também analisou o papel dos romanos como catalisador da insatisfação popular dos variados grupos judeus da época:

Os romanos chegaram a Jerusalém e à insatisfação popular contra os grupos dominantes e contra a presença romana era crescente. Neste ambiente de iminente revolta popular surgiu posteriormente Jesus. “Sua mensagem aos cansados e sobrecarregados não foi a cruz, que de qualquer forma muitos já carregavam”. Morreu deplorando a cruz, ou seja, morreu não aceitando o sofrimento. Bloch, em congruência com o materialismo dialético, não menciona a Ressureição e a Ascensão. Para Jesus, o Apocalipse ocorreria em breve, portanto não era necessária uma revolução armada contra o inimigo. (VILELA, 2013, Kindle Edition Location 444-451).

Sobre Moltmann, Pannerg e Metz, apesar de seus principais livros serem importantes para o surgimento da Teologia da Libertação, por questão de delimitação de nossa pesquisa, vamos deixar para outra oportunidade uma análise bibliográfica de suas obras teológicas.

De acordo com Michael Löwy (2016), apesar de importantes para o surgimento da Teologia da Libertação, as referências europeias são menos importantes do que as latino-americanas, inclusive para a formulação do que ele chama de um “marxismo original indo-americano adaptado às realidades da América Latina” (LÖWY 2016, p.130). Outras referências importantes latino-americanas, segundo tanto Löwy, quanto Vilela são a Revolução Cubana, que marcou a história mundial e, sobretudo, a história da América Latina, e a teoria da dependência, que, como afirmou Löwy: “Foi a crítica ao capitalismo dependente proposta por Fernando Henrique Cardoso, André Gunder Frank, Theotônio dos Santos e Anibal Quijano (todos mencionados várias vezes no livro de Gutiérrez)”. (LÖWY 2016, p. 130). Sobre a teoria da dependência, Daniel Marques Vilela também escreveu no seu Livro “Utopias esquecidas: Origens da Teologia da Libertação” (2013) que:

Em face do fracasso do desenvolvimentismo da década de 1950, surgiu na década de 1960 a teoria da dependência, desenvolvida por diversos pensadores latino-americanos, entre eles Fernando Henrique Cardoso. Para Gutiérrez, com base nestes pensadores, as sociedades da América Latina não alcançarão o desenvolvimento autônomo e a liberdade estando dentro do sistema capitalista internacional. Portanto, deve-se caminhar com vistas ao socialismo, de forma criativa e autêntica, com base em teoria e práxis condizentes com a realidade latino-americana. (VILELA, 2013, Kindle Edition Location 790-797).

Gutiérrez em seu livro *Teologia da Libertação: Perspectivas* (1986), cita Mariátegui, Che Guevara e Fidel Castro. Segundo Vilela, essas citações foram “Para legitimar sua defesa da criatividade e da originalidade no pensamento marxista latino-americano”. (VILELA 2013, Kindle Edition Location 797). De Mariátegui, cita Gutiérrez:

Por certo não queremos que o socialismo na América seja copia ou decalque. Deve ser criação própria. Temos que dar a vida, com nossos com nossa própria realidade, em nossa linguagem, ao socialismo indo-americano. É a missão digna de uma nova Geração (MARIÁTEGUI *apud* GUTIÉRREZ, 1986, p. 86).

Ao citar Che Guevara, Gutiérrez escreve: “Os Revolucionários precisamos, muitas vezes, dos conhecimentos e da audácia intelectual necessários para encarar a tarefa do desenvolvimento de um homem novo por métodos distintos dos convencionais” (GUEVARA *apud* GUTIÉRREZ, 1986, p. 87). A citação de Gutiérrez do líder cubano Fidel Castro foi na nota de rodapé do seu livro *Teologia da Libertação: Perspectivas*:

Nosso país aprofundará suas ideias revolucionárias e levará avante sua bandeira até onde for capaz; nosso país manterá além disso seu próprio selo, resultado de sua experiência e de sua história; e na ideologia, seu critério, sua mais absoluta independência, seu caminho mais próprio, elaborado por nosso povo e por nossa experiência. Nós não pretendemos ser os mais perfeitos revolucionários... Porém o que temos é nossa forma de interpretar o socialismo, nossa forma de interpretar o marxismo-leninismo, nossa forma de interpretar o comunismo. (CASTRO *apud* GUTIÉRREZ, 1986, p. 87).

Gutiérrez deixa claro que, para a libertação acontecer na América Latina, tem que vir pelas mãos do próprio povo oprimido latino-americano a partir de seus próprios valores. “Só nesse contexto pode ser levada a bom termo a verdadeira revolução cultural” (GUTIÉRREZ, 1986, p. 88).

Gustavo Gutiérrez também usou as teorias de Paulo Freire para formular o seu referencial teórico. O teólogo peruano até cita os trabalhos e as experiências e deste educador brasileiro no seu livro:

Por meio de uma “ação cultural” – que une teoria a práxis desalienante e libertadora, o homem oprimido percebe e modifica a sua relação como o mundo e com os outros homens. Passa deste modo de uma “consciência Ingênua”, que não problematiza, que superestima o tempo passado, tende a aceitar explicações fabulosas e busca polemizar, a uma consciência crítica, que aprofunda os problemas, é aberta ao novo substitui as explicações mágicas pelas causas reais, e tende a dialogar. Neste processo denominado por Freire de “Conscientização” o oprimido “extrojeta” a consciência opressora que nele habita, adquire conhecimento de sua situação, encontra-se sua própria linguagem e torna-se ele próprio menos dependente, mais livre comprometendo-se na transformação e na construção da sociedade (GUTIÉRREZ 1986, p. 88).

É dialogando com as ideias de Freire, que Gustavo Gutiérrez conclui que a consciência crítica não é alcançada de uma vez por todas, e sim um processo histórico situado no tempo e no espaço, através do esforço contínuo do homem. Nesse processo, o homem procura exercer a sua capacidade de criação e passa a

assumir responsabilidades. Para esse teólogo peruano “a consciência é, portanto, relativa a cada etapa histórica de um povo e da humanidade em geral” (Ibidem).

Apesar de a Teologia da Libertação ter se apropriado de elementos teóricos do marxismo, ela assimilou outras correntes de pensamento, tanto filosóficos, quanto sociológicos e teológico-religiosos. Segundo Leonardo Boff (2011), ela partiu dos mais pobres, oprimidos e desprezados:

A Teologia da Libertação partiu diretamente dos pobres materiais, das classes oprimidas, dos povos desprezados como os indígenas, negros marginalizados, mulheres submetidas ao machismo, das religiões difamadas e outros portadores de estigmas sociais. Mas logo se deu conta de que pobres-oprimidos possuem muitos rostos e suas opressões são, cada vez, específicas. (BOFF, 2011, n.p)⁴.

Para Boff, a Teologia da Libertação, sendo ecumênica e inter-religiosa desde o seu surgimento, assimilou elementos de outras denominações religiosas cristãs; das religiões indígenas e de matrizes africanas; da filosofia feminista e de correntes de pensamentos que lutam pela preservação do meio-ambiente, fazendo surgir, assim, varias tendências teológicas no seu interior:

Surgiram várias tendências dentro da mesma e única Teologia da Libertação: a feminista, a indígena, a negra, a das religiões, a da cultura, a da história e da ecologia. Logicamente, cada tendência se deu ao trabalho de conhecer de forma crítica e científica seu objeto, para poder retamente avaliá-lo e atuar sobre ele de forma libertadora à luz da fé (BOFF, 2011 n.p)⁵.

Sendo a Teologia da Libertação, na sua gênese e essência, ecumênica e inter-religiosa, ela acabou se tornando uma teologia sincrética. Porém, Marcelo Barros (2009), monge beneditino, escritor e teólogo brasileiro, afirma que o sincretismo enquanto teologia e em consonância com as teologias negras e das civilizações autóctones parecem estar partindo rumo ao pluralismo religioso. No entanto, ele vê com ressalvas essa aproximação teológico-cultural:

A teologia do sincretismo, em sintonia com a teologia negra e as várias teologias que partem da experiência autóctone, parece, portanto estar confluindo para uma proposta pluralista que, no entanto, precisa ser examinada com cuidado, pois nem tudo cabe em uma sociedade em que todos cabem. (BARROS, 2009, p.07).

⁴Disponível em <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>acesso em 15/08/2018.

⁵ Idem.

Para Barros, o diálogo entre as religiões não é fácil e continua sendo delicado tanto para teólogos quanto para praticantes de religiões populares:

A realidade do sincretismo e da dupla vivência religiosa continua sendo um dos pontos mais delicados e controversos do diálogo inter e intrarreligioso, tanto para teólogos mais afinados com o paradigma romano quanto para os mais sensibilizados pelas religiões populares. De fato, sabemos hoje que não são exceções à regra as inteiras comunidades latino-americanas que vivem seu Cristianismo popular sem abrir mão de milenares tradições espirituais (Idem, 2009, p.15).

Se o ecumenismo, que é o diálogo entre as religiões cristãs já é um desafio devido às divergências doutrinárias, filosóficas e teológicas, o diálogo inter-religioso - entre as religiões cristãs com outras religiões que não professam o cristianismo - é realmente delicado, pois muitos cristãos católicos e evangélicos conservadores ainda concebem como demoníaca qualquer religião que não tenham surgido do cristianismo, com exceção do Judaísmo. O mesmo acontece com as correntes teológicas que buscam dialogar com as várias concepções filosóficas e científicas - sobretudo no campo das ciências sociais - como foi o caso da própria Teologia da Libertação, que já foi acusada de desvirtuar a fé dos cristãos e instituir um suposto “marxismo cultural” na Igreja Católica:

Nesses últimos tempos, vemos uma crise dentro de alguns setores da Igreja também como consequência do cenário político brasileiro em frangalhos. O projeto marxista está gravemente comprometido em seu futuro e há um despertar de consciências em todos os âmbitos contra as tentativas de comunicação da nossa nação. Acontece que a Teologia da Libertação está de pés à cabeça metida com a construção do marxismo cultural no Brasil e envolvida com a consolidação dos governos de esquerda durante anos (BEZEERA, 2018, n.p)⁶.

Como já foi mencionado anteriormente, a Teologia da Libertação dialoga com as ciências sociais e com correntes do pensamento filosófico contemporâneo, principalmente o marxismo, o que torna esse ramo da teologia influente e controverso. Por esse motivo, ela tem seus defensores e seus críticos. Quem defende a Teologia da Libertação na dimensão científico-filosófica são acadêmicos, principalmente sociólogos, filósofos, teólogos, historiadores e geógrafos

⁶ Disponível em <<https://padreaugustobezerra.com/2017/06/06/a-fracassada-teologia-da-libertacao-anda-desesperada-atacando-a-lideranca-eclesiastica-brasileira/>> acesso em 18/08/2018.

academicamente progressistas que pesquisam a influência do marxismo nos seus respectivos campos de conhecimento.

Segundo o filósofo italiano Luigi Bordin (1987), a obra de Marx surgida no século XIX foi muito importante politicamente, social e economicamente, fazendo surgir correntes de pensamento que interpretavam as ideias desse filósofo ora com certa coerência, ora com certo reducionismo, dando origem a vários tipos de ideologias:

A obra de Marx constitui, desde o século XIX até os nossos dias, um dos elementos centrais da história política e da cultura sócio-econômico-filosófica. Desde então surgiram diversas interpretações da obra de Marx mais ou menos coerentes e redutivas que deram origem a várias formas de consciência e ideologias (BORDIN, 1987, p.14).

Para Bordin, alguns aspectos da filosofia marxista são encontrados em várias análises teóricas sobre o capitalismo e seus efeitos na sociedade como, por exemplo, o subdesenvolvimento:

Do ponto de vista da teoria são encontradas nas análises que constituem o desenvolvimento do campo teórico de Marx no contexto histórico contemporâneo, isto é as análise sobre as formas e processos de acumulação do capital sobre novas formas de capitalismo e seus efeitos sociais sobre o subdesenvolvimento, sobre as forma de imperialismo econômico, sobre o capitalismo de Estado, sobre a emergência social das classes. (Ibidem).

Na dimensão religiosa, os defensores da Teologia da Libertação são cristãos, (padres, freiras e leigos) e pessoas de outras religiões não cristãs, que com relação à doutrina, são mais liberais e progressistas, adeptos de uma práxis política em consonância com os processos históricos e culturais dos povos. Assim, escreve Bordin:

Os teólogos da libertação, na medida em que se propunha a elaborar uma teologia a partir da práxis política, não podem certamente ignorar essas contribuições teóricas fundamentais. Sem elas não poderiam entender objetivamente os processos histórico-políticos reais, e muito menos compreendê-los do ponto de vista do projeto histórico dos oprimidos, pois cairiam em contradição: por um lado, pretenderiam referir-se a práxis políticas sem, por outro lado, lançar mão das contribuições científicas mais pertinentes para compreendê-la objetivamente (BORDIN, 1987, p.15).

Portanto, para Bordin, os teólogos da libertação se apropriaram dos conhecimentos das ciências sociais e econômicas, principalmente do marxismo para fazer uma análise pertinente do ponto de vista filosófico-epistemológico, renovando as concepções doutrinárias e religiosas.

Os críticos da Teologia da Libertação na dimensão religiosa são os clérigos, tanto católicos quanto evangélicos, e os leigos de ambas as vertentes religiosas, que são conservadores e tradicionalistas, defensores de uma doutrina teológica que não misture religião com política. O cardeal Joseph Ratzinger, o Papa emérito Bento XVI, em entrevista para um jornalista brasileiro, revelou que a Teologia da Libertação foi seu primeiro grande desafio ao ser nomeado prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé em 1981 pelo então papa João Paulo II, que o antecedeu, pois para esse pontífice, tal perspectiva teológica, uma falsificação da fé cristã, era usada como motor para movimentos revolucionários:

Tanto na Europa quanto na América do Norte era difundida a opinião de que se tratava de um apoio aos pobres e, portanto de uma causa que sem dúvida se devia aprovar. Mas era um erro. A pobreza e os pobres eram sem dúvida colocados em evidência pela Teologia da Libertação mas, no entanto, em uma perspectiva muito específica. Não era questão de ajuda ou de reforma, mas da grande mudança que devia fazer nascer um mundo novo. A fé cristã era usada como motor por esse movimento revolucionário, transformando-se assim em uma força política. Naturalmente, essas ideias se apresentavam com diversas variantes e nem sempre se mostravam com absoluta clareza, mas, no todo, essa era a direção. A uma símile falsificação da fé cristã era necessário se opor até mesmo por amor aos pobres e em prol do serviço que deve ser feito para eles (RATZINGER *apud* GODOY, 2014, n.p).⁷

Michael Löwy (2016), afirma que o Vaticano acusou os teólogos da libertação de terem deturpado a tradição cristã ao substituir os pobres pelo proletariado marxista. Para esse filósofo franco-brasileiro, há inexactidão nessa crítica, pois o termo “pobre” é um conceito que tem implicações morais, bíblicas e religiosas.

O próprio Deus é definido por eles como o “Deus dos Pobres” e Cristo se reencarna nos pobres crucificados dos dias atuais. É também um conceito mais amplo que o das classes trabalhadoras: inclui, segundo Gutiérrez, não só as classes exploradas, mas também as raças menosprezadas e as culturas marginalizadas em seus escritos mais recentes, ele acrescenta as mulheres, uma categoria social que é duplamente explorada (LÖWY 2016, p.132).

⁷ Disponível em <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,bento-xvi-diz-que-teologia-da-libertacao-foi-seu-primeiro-grande-desafio,1138253>>acesso em 26/08/2018.

Para muitos membros da ala conservadora e tradicionalista da Igreja Católica, não importa se a Teologia da Libertação defende a “opção preferencial pelos pobres”. O simples fato de ela ter utilizado a filosofia marxista, uma filosofia ateia na construção da sua base teórica já faz dela uma “heresia”. É o que pensa o professor e tradutor Carlos Ramalhete, que, usando termos fortes, acusa a Teologia da Libertação de ser uma “heresia horrenda, medonha e inimiga de Deus e do homem” porque, basicamente, nega:

A própria essência da Religião, que é a ação sobrenatural (acima das possibilidades da natureza humana) da graça de Deus na Redenção do homem. A Redenção é reduzida a uma melhoria social, conquistada pela luta natural, os Sacramentos são vistos como símbolos naturais de algo igualmente natural, e não como sinais visíveis e eficazes de uma realidade sobrenatural (...). Isto é tornado ainda mais grave pelo fato de ser usado um vocabulário católico para expressar ideias contrárias à Religião, usando de “libertação” para falar de reorganização social igualitária, “pecado” para falar de estruturas sociais de classe, “teologia” para falar de sociologia, “evangelização” para falar de agit-prop (“agitação e propaganda”, nome da seção de um partido comunista encarregada de difundir o marxismo) (...). Assim esta heresia conseguiu em alguns lugares, aproveitando-se da imensa confusão que ocorreu depois do Concílio Vaticano II e usando um tal “espírito do Concílio” para opor-se ao que o texto do Concílio mandava, conquistar dioceses importantes e, o que é ainda mais triste, em grande medida as congregações que até então eram as mais fiéis à Igreja: jesuítas, dominicanos e franciscanos (RAMALHETE 2018, n.p)⁸.

É evidente que, para a maioria dos católicos conservadores em nome da tradição cristã, a empatia com as classes menos favorecidas fica em segundo plano ou, até mesmo, renegada, por considerarem “coisa de comunista”.

Dom Helder Câmara, conhecido cardeal brasileiro, que já foi presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), costumava dizer: “Se dou pão aos pobres, todos me chamam de santo. Se mostro por que os pobres não têm pão, me chamam de comunista e subversivo”⁹. Os conservadores não entendem ou não querem entender que o marxismo é mais uma teoria acadêmica, usada para uma leitura crítica da sociedade, com suas contradições, seus contrastes e suas mazelas. A luta de classes, um dos elementos teóricos da filosofia marxista de que a Teologia da Libertação se apropriou, serviu, segundo Löwy “não só como instrumento de análise, mas também como diretriz para a ação, tornou-se um elemento essencial da

⁸ Disponível em <<https://www.veritatis.com.br/teologia-da-libertacao-heresia-inimiga-de-deus/>> acesso em 26/08/2018.

⁹ Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-heldercamara/index.html>> acesso em 22/01/2019.

cultura política/religiosa dos setores mais radicais do Cristianismo da Libertação” (LÖWY, 2016, p. 132).

Gustavo Gutiérrez é categórico quando, em 1971, declara que aqueles que negam a luta de classe, tomam uma posição em favor da classe dominante:

Negar a realidade da luta de classes significa, na prática, tomar uma posição a favor dos setores sociais dominantes. Nessa questão, a neutralidade é impossível. [O que é preciso é] eliminar a apropriação por uns poucos da mais-valia produzida pelo trabalho da grande maioria e não apelos líricos a favor da harmonia social. Precisamos construir uma sociedade socialista que seja mais justa, mais livre e mais humana e não uma sociedade de conciliações falsas e igualdade aparente (GUTIÉRREZ *apud* LÖWY 2016, p.132).

É preciso salientar que os setores mais conservadores e reacionários da Igreja católica já decretaram a “morte” da Teologia da Libertação, porque suas principais lideranças envelheceram e algumas até já faleceram e ela teve pouca adesão das novas gerações. Entretanto, Michael Löwy reforça que, embora o declínio da Teologia da Libertação seja uma possibilidade clara, o prognóstico de morte é, no mínimo, demasiado apressado. Segundo esse filósofo, o cientista político Daniel Levine (2016), um dos melhores especialistas norte-americanos em religião e política na América Latina argumentou recentemente o seguinte:

Obituários da Teologia da Libertação existem em quantidade... Mas tais obituários são prematuros. Eles fazem uma leitura errônea da situação atual, e refletem uma falta de compreensão do que significou e ainda significa a Teologia da Libertação. A própria Teologia da Libertação é retratada em termos estáticos, e seu “sucesso ou fracasso” é associado intimamente com o destino, a curto prazo, de movimentos ou regimes. Mas a Teologia da Libertação é qualquer coisa, menos estática: tanto suas ideias como a expressão delas em grupos e movimentos evoluíram substancialmente com o passar dos anos. De qualquer forma, é um erro confundir a Teologia da Libertação com a própria libertação. Isso distorce o verdadeiro significado da mudança religiosa e política na América Latina e dificulta o entendimento do legado que essas mudanças provavelmente deixarão (LEVINE, *apud* Löwy, 2016, p.200).

Quase que a totalidade dos teólogos da libertação afirmam que a Teologia da Libertação foi perseguida pelos poderosos mesmo dentro da própria Igreja Católica, enquanto instituição oficial: O Vaticano. Para o jornalista Mauro Lopes (2017), essa perseguição sistemática do Vaticano à Teologia da Libertação que se iniciou durante o pontificado de João Paulo II, no começo de 1978, intensificando-se durante todo seu pontificado e no pontificado de Bento XVI, foi baseada em três “fraudes”:

A primeira tem fundo político-ideológico: demonizou-se a Teologia da Libertação como se fosse uma adesão ao marxismo e/ou comunismo, enquanto os dois papas e seus apoiadores eram e são arraigadamente capitalistas e defensores do direito à propriedade e à acumulação irrestrita de riquezas. A Igreja no Brasil virou as costas aos pobres como sujeitos da ação pastoral para fazer deles, no máximo, objeto de um olhar piedoso. (...) 2. A segunda razão foi eclesiológica (de ecclesia, Igreja) e vincula-se ao tema do poder: os dois papas, João Paulo II e Bento, a Cúria romana e a maioria da hierarquia católica no Brasil e América Latina consideram os leigos (pessoas que não são ordenadas sacerdotes) cidadãos de segunda categoria na Igreja. Defendem que a autoridade e o poder devem concentrar-se integralmente nas mãos da hierarquia. Para eles, todo o poder emana do clero e em seu nome será exercido – para implementar essa visão, amealharam apoio entre em sem número de leigos temerosos e oportunistas. É o que se chama clericalismo. As experiências das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e dos conselhos de leigos nas paróquias horrorizaram os conservadores, que as desarticularam. Para os defensores do clericalismo, uma Igreja circular, não hierárquica, romperia “o mistério”, tornando-a secular, banal, pois as pessoas comuns demandariam, em sua idealização, ritos de conotação mágica e subserviência à autoridade. Para os conservadores, a solução seria a obediência irrestrita dos leigos à hierarquia e investimentos que garantissem ordenação de mais padres e a abertura de novas paróquias. A estratégia mostrou-se equivocada, (...) mas serviu para concentrar o poder da Igreja nas mãos dos hierarcas. 3. A terceira motivação para a campanha de ódio e aniquilamento contra a Teologia da Libertação foi pragmática: os conservadores alegavam à época (segunda metade dos anos 1970) que os princípios, opções litúrgicas e prática pastoral de leigos, padres e teólogos vinculados de alguma maneira a esta corrente estavam afugentando os fiéis e esvaziando as igrejas. O combate à Teologia da Libertação traduziu-se numa campanha sistemática de perseguição a cardeais, bispos, padres, freiras, teólogos e ativistas leigos nas paróquias e comunidades promovidas por Roma, com iniciativas similares da hierarquia local. (...). Vários gestos de João Paulo II e Bento XVI indicaram os novos rumos da Igreja, na contramão do Vaticano II, e autorizaram as campanhas. Alguns deles: os processos e punições nos anos 1980 e 1990 a Leonardo Boff pela Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida por Joseph Ratzinger, a divisão da Arquidiocese de São Paulo, em 1989, com o objetivo de enfraquecer Dom Paulo Evaristo Arns, a repreensão pública ao padre Ernesto Cardenal, aliado dos sandinistas na Nicarágua, por João Paulo II, em 1983; as seguidas repreensões ao arcebispo de San Salvador, Dom Oscar Romero, sinalizando ao clero ultraconservador e aos militares do país que estava desautorizado pelo Papa, num claro sinal verde à campanha contra ele, até o assassinato por paramilitares durante a celebração da missa, em 1980 (LOPES, 2017, n.p).¹⁰

Segundo Lopes, a trajetória da Igreja Católica no Brasil nesses 35 anos de pontificado de João Paulo II e Bento XVI foi de perda de hegemonia, perda de fiéis para outras religiões - sobretudo as protestantes - e a volta a seu antigo papel na sociedade: de instituição instrumentalizada pelos ricos e poderosos para dominar e oprimir as classes menos favorecidas.

¹⁰Disponível em <<http://outraspalavras.net/maurolopes/2017/06/05/perseguiçao-a-teologia-da-libertacao-baseou-se-em-duas-fraudes-indicam-pesquisas/>> acesso em 26/09/2018.

O primeiro passo foi o rompimento dos moderados, pressionados por Roma e por seu desejo de fazer carreira na instituição, com os progressistas ligados de alguma forma à Teologia da Libertação. O segundo foi a composição de uma nova aliança dos moderados com dois segmentos: os conservadores “tradicionalistas” e a corrente “carismática”, os neopentecostais da Igreja Católica (cujas expressões mais barulhentas foram a Renovação Carismática Católica e a Canção Nova). Hoje é possível constatar que os restauracionistas, como qualifica o Papa Francisco, inimigos abertos ou velados do Concílio Vaticano II, campo que reúne tanto conservadores como carismáticos, vivenciam os primeiros sinais da crise de sua hegemonia de 35 anos, com a primavera em Roma. Com a primavera, salta aos olhos o fracasso retumbante do governo de mais de três décadas: 1) a perda de fiéis católicos tornou-se uma torrente e 2) a Igreja deixou de ser protagonista, tornando-se mero objeto decorativo no sistema de dominação dos ricos do continente –mesmo em sua função de controle social/moral dos pobres, os conservadores viram sua influência ser transferida em boa medida para as correntes neopentecostais protestantes, das quais o pentecostalismo católico (os “carismáticos”) é uma cópia mal acabada. (Idem).¹¹

Como já foi salientado, a Teologia da Libertação se apropriou de uma parte considerável da produção acadêmica marxista, fazendo surgir um novo paradigma teológico. O marxismo, enquanto teoria filosófica, fez uma leitura crítica da sociedade e expôs as contradições do capitalismo e isso fez com que os poderosos fizessem uma campanha sistemática de “demonização” das teorias marxistas e qualquer teoria que fosse inspirada neste sistema filosófico, incluindo, é claro, a Teologia da Libertação. Porém para Leonardo Boff (2018), os teólogos, os leigos engajados, os padres, ou os bispos e cardeais adeptos da Teologia da Libertação não foram perseguidos por serem marxistas, mas por sua “opção preferencial pelos pobres”. Para os poderosos, defender a causa dos pobres era “coisa de comunista”:

Fomos perseguidos não porque éramos marxistas, mas porque, a partir da miséria, pedíamos transformações sociais. Pedir transformações sociais é considerado “coisa de marxistas”. E aí nos confundiam e identificavam com eles. Nossa inspiração não era Marx, mas os profetas, a prática de Jesus e dos Apóstolos, e o apoio de grandes figuras episcopais proféticas como Dom Helder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Aloisio Lorscheider e seu primo Ivo Lorscheider, entre outros. Nunca entendíamos que as análises que fazíamos no método ver, julgar, agir e celebrar, eram devedoras do marxismo. Pelo contrário, muitos marxistas vinham participar das comunidades, pois, de resto, não podiam se reunir, e muitos diziam: se Marx estivesse aqui, apoiaria a opção pelos pobres e o processo de libertação (BOFF, *apud* CALIARE, 2018, n.p).¹²

Boff acrescenta que a Teologia da Libertação representa uma bênção e uma boa nova para os pobres porque eles:

¹¹ Ibidem.

¹² Disponível em <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/hum/21253100.html>> Acesso em 20/09/2018.

Sentem que não estão sós, encontraram aliados que assumiram sua causa e suas lutas. Lamentam que o Vaticano e boa parte dos bispos e padres construam no canteiro de seus opressores e se esquecem que Jesus foi um operário e pobre e que morreu em consequência de suas opções libertárias a partir de sua relação para com o Deus da vida que sempre escuta o grito dos oprimidos (BOFF, 2011, n.p)¹³.

Boff afirma que, numa perspectiva espiritual, “é uma honra para um teólogo ou uma teóloga comprometidos e perseguidos, participar um pouco da paixão dos maltratados deste mundo”.¹⁴

Para a maioria dos sociólogos, filósofos e teólogos, adeptos ou apoiadores da Teologia da Libertação, apesar das críticas, dos ataques dos poderosos e da perseguição sistemática da própria Igreja Católica (mas especificamente a ala conservadora da referida igreja), ela está bem viva, e ainda presente nas Pastorais Sociais, nas Comunidades Eclesiais de Base, nos Movimentos Populares e até em alguns partidos políticos de esquerda. Para os teólogos Leonardo e Clodovis Boff (2010), quando se pensa em Teologia da Libertação, pensa-se em teólogos conhecidos como Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino Pablo Richard e outros teólogos importantes. No entanto, esse ramo da teologia cristã é um fenômeno cultural, histórico e eclesial muito complexo e rico para se pensar apenas em teólogos profissionais. Os irmãos Boff afirmam que a Teologia da Libertação é uma corrente teológica que atravessa boa parte do meio eclesial, sobretudo nos países subdesenvolvidos que eles chamam de Terceiro Mundo e que é encontrada nos movimentos eclesiais e pastorais das igrejas, sobretudo da Igreja Católica:

De fato, existe nas bases da igreja, nas chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e nos círculos bíblicos, toda uma reflexão de fé que poderíamos qualificar de Teologia da Libertação difusa e generalizada. É um tipo de pensamento que é homogêneo a Teologia da Libertação mais elaborada pois que ele também põe em confronto a fé cristã em situação de opressão (BOFF, C. 2010; BOFF, L. 2010, p.24-25).

Os irmãos Boff afirmam ainda que, entre o nível elementar e o mais elevado da Teologia da Libertação, encontramos um nível intermediário: “É o campo que situa a reflexão dos pastores: bispos, padres, irmãs e outros agentes de pastoral. Esse nível é como uma ponte entre a Teologia da Libertação mais trabalhada e a reflexão libertadora das bases cristãs”. (BOFF, C., 2010; BOFF, L., 2010, p.25).

¹³ Disponível em <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>ACESSO em 26/08/2018.

¹⁴Ibidem.

Portanto, para os irmãos Boff, a Teologia da Libertação não é só feita pelos teólogos profissionais que fazem uma teologia sistematizada e mais elaboradas, mas, sobretudo, ela é feita por todos os que praticam a sua religião nas bases, fazendo uma opção preferencial evangélica e profética pelos pobres.

2.1 A crítica marxista sobre a religião ser o ópio do povo ainda procede?

Segundo o filósofo Luigi Bordin (1987), uma parte considerável dos estudos e pesquisas sobre religião e mudanças da Igreja e da sociedade parte da perspectiva sociológica funcionalista norte-americana. Para esse filósofo italiano:

Muito desses estudos e pesquisas veem a Igreja apenas como uma instituição social, e enfocam a relação entre seu aparelho de poder e o aparelho de poder estatal, não analisando também a dinâmica dos grupos e setores que compõem a igreja e suas respectivas relações com a própria instituição eclesiásticas, com sua hierarquia e com o Estado. É a partir dessa perspectiva que certos analistas são levados a considerar a opção política da Igreja latino-americana, em favor das classes populares oprimidas, mais como uma manobra estratégica em função da recuperação da influência perdida do que como um avanço substancial prático e teórico (BORDIN, 1987, p. 44-45).

Bordin salienta que essa abordagem é derivada da tese do sociólogo Luiz Alberto Gomes de Souza (1987) que afirma:

O fenômeno religioso – diz ele – não é só um fenômeno superestrutural. Não se exaure no nível das crenças, dos símbolos, dos mitos, das ideologias: ele envolve também as práticas sociais, que não são apenas as práticas dos aparelhos eclesiásticos do poder, mas também as dos setores e grupos que a compõem em seus vários níveis. As práticas religiosas são também as práticas sociais e manifestações de classes (SOUZA *apud* BORDIN, 1987, p.44).

Para Bordin, o sociólogo alemão Marx Weber já havia mostrado que existem vários comportamentos religiosos de acordo com as classes mais baixas da sociedade. Weber havia mostrado como “Por baixo de práticas religiosas semelhantes, podem ocultar-se de significados diferentes, e como, e como ela servem para justificar comportamentos diversos e até contraditórios.” (WEBER *apud* BORDIN, 1987, p.44). É numa perspectiva weberiana que Michael Löwy (2007) afirma que a Teologia da Libertação se aproxima do marxismo; porém, para esse filósofo francês:

A emergência do cristianismo revolucionário e da teologia da libertação na América Latina (e em outras partes) abre um capítulo histórico e eleva novas e excitantes questões que não podem ser respondidas sem uma renovação da análise marxista da religião. (LÖWY 2007, p.01).

Segundo Löwy, na contemporaneidade, a religião assume uma dimensão dialética com características alienantes e com grande poder de coesão social. Porém, não são poucas vezes que ela é instrumentalizada contra as ações de movimentos sociais e populares que lutam, por exemplo, pela reforma agrária e por melhores salários e condições de trabalho. Para Löwy, algumas indagações, mesmo hoje, no século XXI, são ainda pertinentes:

A religião ainda é tal como Marx e Engels a entendiam no século XIX, um baluarte de reação, obscurantismo e conservadorismo? Brevemente, *sim*, é. Seu ponto de vista se aplica ainda a muitas instituições católicas (a Opus Dei é só o exemplo mais claro), ao uso fundamentalista corrente das principais confissões (cristã, judia, muçulmana), à maioria dos grupos evangélicos (e sua expressão na denominada “igreja eletrônica”), e à maioria das novas seitas religiosas, algumas das quais, como a notória Igreja do reverendo Moon, são nada mais que uma hábil combinação de manipulações financeiras, lavagem cerebral e anticomunismo fanático (LÖWY, 2007, p.01).

Para os marxistas ortodoxos, a religião, mesmo com a tentativa da teologia em racionalizá-la, é ainda o oposto da filosofia marxista. Porém, para Löwy, o cristianismo revolucionário, principalmente na América Latina, fez os marxistas repensarem essa abordagem simplista e até de certo preconceito sobre religião e marxismo:

Inicialmente, confrontados com tal fenômeno, os marxistas recorreriam a um modelo tradicional de interpretação confrontando trabalhadores cristãos e camponeses, que poderiam ser considerados como suportes da revolução, com a Igreja considerada como corpo reacionário. Inclusive muito tempo depois, a morte do Padre Camilo Torres, que tinha se unido à guerrilha colombiana foi considerada um caso excepcional, ocorrida no ano de 1966. Mas o crescente compromisso de cristãos—inclusive muitos religiosos e padres— com as lutas populares e sua massiva inserção na revolução sandinista claramente mostrou a necessidade de um novo enfoque (LÖWY, 2007, p.01).

Löwy afirma ainda que, embora os marxistas insistam em minimizar essa aproximação da religião com a filosofia de Marx, com a distinção usual de prática social, a Teologia da Libertação surge, tornando-se necessária essa aproximação:

Os marxistas desconcertados ou confusos por estes desenvolvimentos ainda recorrem à distinção usual entre as práticas sociais vigentes destes cristãos, e sua ideologia religiosa, definida como necessariamente regressiva e idealista. Entretanto, com a Teologia da Libertação vemos a aparição de pensadores religiosos que utilizam conceitos marxistas e convocavam para lutas pela emancipação social (LÖWY, 2007, p.02).

Para os irmãos Boff, a crítica marxista da religião como “ópio do povo” não cabe mais ao cristianismo:

O cristianismo já não pode ser tachado mais de ópio do povo, nem apenas de favorecer o espírito crítico: agora em um fator de compromisso de libertação. A fé se confronta não só com a razão humana e com o curso da história dos vitoriosos, mas no Terceiro Mundo se enfrenta com a pobreza decodificada como opressão. Daí só poderá se levantar a bandeira da Libertação. (BOFF, C. 2010; BOFF, L. 2010, p.19).

A mensagem de libertação, segundo os irmãos Boff, faz-se presente na mensagem do próprio Jesus Cristo, que eles chamam de “novíssimo Adão”. Essa mensagem não é só para o homem “moderno”, mas sobretudo para os “não homens”, ou seja, aqueles desumanizados pela negação de sua dignidade e de seus mais fundamentais direitos:

O evangelho se dirige não somente ao homem moderno e crítico, mas principalmente aos “não homens”, isto é, aquele que a quem se nega a dignidade e os direitos fundamentais. Daí resulta uma reflexão profética e solidária que visa fazer do “não homem” um homem pleno e do homem pleno um homem novo, segundo o projeto do novíssimo Adão, Jesus Cristo. (BOFF, C. 2010; BOFF, L. 2010, p.19).

Para o teólogo brasileiro Benedito Ferraro (1983), doutor em Teologia pela Universidade de Friburgo na Suíça, a vida dos pobres tem que ser mantida, sobre o risco de toda a humanidade perecer. Isso inclui um cuidado mais que especial com a natureza, como assim fazem os indígenas:

A manutenção da vida dos pobres é condição de manutenção da vida de todos e, inclusive, condição da preservação da natureza. Tal afirmação é eco da palavra da índia xavante a um grupo de estudantes de teologia de São Paulo: “Se os brancos nos matarem, os brancos também vão morrer, pois os brancos não sabem cuidar da natureza”. Tal constatação por singela que pareça, demonstra uma das grandes intuições dos economistas: a destruição das fontes de riqueza, o homem-mulher e a natureza. A volta do capitalismo selvagem, tendo o neoliberalismo como ideologia, aprofunda o desemprego, freia o progresso e o desenvolvimento do Terceiro Mundo e destrói brutalmente a natureza. Em outras palavras, tal processo torna-se cada vez mais problemática a reprodução da vida humana e da natureza, sendo os pobres a sua primeira vida (FERRARO, 1993, p.15-16).

Segundo Leonardo Boff, a fé no Jesus Cristo libertador só tem sentido com o compromisso da libertação histórica dos oprimidos contextualizado na dominação dos poderosos, que deve se superada pela libertação dos empobrecidos:

Viver a fé em Jesus Cristo libertador só tem sentido supõe um compromisso com a libertação histórica dos oprimidos. A partir de um compromisso real (lugar social) se procura dar relevância a todas as dimensões libertadoras presente no ministério de Jesus Cristo. Enfatiza-se a prática libertadora do Jesus histórico, pois como filho encarnado proclamou uma determinada mensagem e se comportou de tal forma que tinha como efeito a produção de uma alvissareira atmosfera de liberdade para todo povo. Estes conteúdos fundam o seguimento dos cristãos em contexto de dominação que deve ser superada por um processo de libertação (BOFF, 2012, p.11).

Michael Löwy escreve que a crítica à religião como ópio do povo assume uma dupla dimensão, positiva e negativa e que tal crítica não é especificamente marxista:

A conhecida frase “a religião é o ópio do povo” é considerada como a quintessência da concepção marxista do fenômeno religioso pela maioria de seus partidários e oponentes. O quão acertado é este um ponto de vista? Antes de qualquer coisa, as pessoas deveriam enfatizar que esta afirmação não é de todo especificamente marxista. A mesma frase pode ser encontrada, em diversos contextos, nos escritos de Immanuel Kant, J. G. Herder, Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer, Moses Hess e Heinrich Heine. Por exemplo, em seu ensaio sobre Ludwig Börne (1840), Heine já a usava –de uma maneira positiva (embora irônica): “Bem-vinda seja uma religião que derrama no amargo cálice da sofredora espécie humana algumas doces, soníferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, esperança e crença”. (LÖWY, 2007, p.02).

Segundo Löwy, o filósofo e jornalista Moses Hess, em seu ensaio publicado na Suíça em 1843, toma uma postura mais crítica, porém ainda ambígua: “A religião pode tornar suportável [...] a infeliz consciência de servidão [...] de igual forma o ópio é de boa ajuda em angustiosas doenças” (HESS, *apud* LÖWY, 2007, p.02).

É necessário salientar que os membros da Igreja, seja ela católica ou protestante, quando assume a opção preferencial pelos pobres sempre são acusados de “comunistas”, de “socialistas”, de “marxistas” e em termos mais atuais, de “bolivarianos” (O termo usado como uma forma de xingamento ao pessoal da esquerda, em alusão à Venezuela e ao seu falecido presidente Hugo Chaves, apesar de aqueles que comumente usam esse termo não terem a menor ideia de quem foi Simão Bolívar).¹⁵, de “esquerdopata” e de “petralha” (Termos criados pelo

¹⁵ Disponível em <<https://www.revistaforum.com.br/bmariafro-aos-leitores-que-repetem-bolivarianismo-e-nao-fazem-ideia-que-falam/>> acesso em 23/01/2019.

jornalista e escritor Reinado Azevedo e é usado como uma espécie de xingamento a membros da esquerda e do PT)¹⁶.

Em 1982, o Bispo emérito da Diocese de Juazeiro, no norte da Bahia, Dom José Rodrigues de Souza (falecido em 2012), foi acusado de comunista, e os membros do clero dessa diocese, de marxistas. Dom José Rodrigues, tornou-se célebre pela sua incansável luta pelos empobrecidos do sertão. Tamanha era a sua dedicação pela causa dos pobres, dos excluídos e oprimidos, que ele passou para história como “o Bispo dos Excluídos”. Sobre os ataques e difamações à sua pessoa e ao clero da sua diocese, estas foram as suas palavras:

Sempre achei interessante como a classe dominante define para nós o que devem significar palavras como agitação e subversão, violência, Luta de classes paz e reconciliação. Por exemplo: Se um especulador rouba a terra de um pobre agricultor então isso é um “trato”, um “negócio”, se um agricultor defende, então isso é “violência” o domínio de poucos sobre um povo inteiro é chamado de “paz social”, mas se você quer esclarecer esse domínio dizem que é “iniciar a luta de classes”. A Igreja, a casa episcopal, as casas e os muros de Juazeiro estão pichadas com frases “ O bispo é comunista”, “abaixo ao clero vermelho”, morte aos padres vermelhos. Essas sujeiras eu atribuo a extrema direita brasileira. Precisamos considerar que essa diocese fica no triste Nordeste, numa das regiões mais quentes, mais secas e mais pobres do Brasil. As estatísticas do governo mostra que o povo, aqui, vive a mais absoluta miséria. A Diocese de Juazeiro segue o seu trabalho na orientação do documento de Puebla: que a nossa obrigação é ajudar o povo a se organizar para que ele possa viver sua fé e ganhar forças para reivindicar seus direitos (SOUZA, apud PATER, 1992, p.100-101).

A diocese de Juazeiro já foi considerada uma das mais progressistas dioceses brasileiras. Depois da aposentadoria de Dom José Rodrigues, dois bispos assumiram o comando dessa diocese: Dom José Geraldo e o atual Dom Carlos Roberto Breis. A Diocese de Juazeiro ainda continua com o mesmo trabalho pastoral, embora não tão intensivo como outrora.

2.2 Teologia da libertação e justiça social

A maioria dos Teólogos da Libertação afirmam que qualquer cristão é chamado a ser profeta, ou seja, “anunciar” e “denunciar”. Anunciar o reino de Deus, um reino de justiça e de fraternidade, de paz e de liberdade. Profeta também

¹⁶ AZEVEDO, Reinaldo. País dos Petralhas. Rio de Janeiro: Record, 2008.

denuncia a situação de fome, de miséria, de exclusão e de opressão que fere a dignidade do povo de Deus.

Para Gustavo Gutiérrez, o estado de miséria e alienação em que vive a maioria dos seres humanos é uma ofensa não só a eles, mas também ao próprio Deus, sendo que a própria humanidade tem responsabilidade sobre esse problema:

Há muito se fala em ambientes cristãos do problema social ou da questão social, mas só nos últimos anos se tomou clara consciência da amplitude da miséria e, sobretudo da situação de opressão e alienação que vive a maioria da humanidade. Estado de coisa que representa uma ofensa ao homem e por consequência a Deus. Mais ainda, percebe-se melhor tanto a própria responsabilidade nesta situação, como obstáculo que ele representa para plena realização de todos os homens, explorados e exploradores (GUTIÉRREZ, 1986, p.63).

Uma parte considerável dos teólogos da libertação sempre fez uma análise crítica da conjuntura dos países empobrecidos em todo o mundo, principalmente na América Latina. Tais análises fizeram esses teólogos concluírem que a dominação econômica leva à dominação política e à marginalização cultural dos povos da América Latina, e que a sua miséria é fruto da injustiça social e da exploração de uns poucos privilegiados sobre uma massa de excluídos e oprimidos nesse subcontinente. Sobre essa exploração no continente latino-americano Leonardo Boff escreveu:

A expressão “interdependência” apenas dissimula a exploração econômica, o domínio político e a marginalização cultural dos nossos países pelas nações de Primeiro Mundo. Os pobres devem permanecer subdesenvolvidos. Sentem, por experiência própria, quão pernicioso é o sistema capitalista, quanta miséria e sangue custa o bem-estar de alguns privilegiados. Esperar das multinacionais um código de ética seria o mesmo que treinar lobos com a esperança de vê-los transformados em cães pastores. A moral do capitalismo exige dele exclusivamente o abrandamento de sua malícia, não que dela abdique. Capitalismo é mais ou menos imoral, nunca mais ou menos moral. Não adianta limar os dentes dos lobos, tornando-os mais curtos. Somente uma coisa pode resgatar os pobres: um outro sistema, um sistema de participação de todos, mediante a justa e efetiva repartição dos bens (BOFF, 1995, p.11).

É consenso, entre os teólogos da libertação, que eles não são intelectuais de gabinetes e sim intelectuais orgânicos no sentido gramsciano da palavra. Para os irmãos Boff, os Teólogos da Libertação são teólogos militantes que “se situam dentro da caminhada do Povo de Deus e articulados com os responsáveis da pastoral. Ele conserva certamente um pé num centro de reflexão e outro na vida da

comunidade” (BOFF,C. 2010; BOFF, L. 2010, p.33). Segundo os irmãos Boff, os teólogos da libertação são encontrados nas bases e pertencem à caminhada das comunidades:

Por onde anda o teólogo da libertação? Você encontra nas bases. Ele está ligada a uma comunidade concreta, inserido virtualmente nela. Exercendo de iluminação teológica, ele pertence a caminhada da comunidade. Você pode surpreendê-lo em um fim de semana em alguma favela, num grupo de periferia ou numa paróquia rural. Lá ele está caminhando com o povo, falando, aprendendo, ouvindo, interrogando e sendo interrogado. Não há teólogo puro, só teólogo que sabe apenas Teologia. Como vimos o teólogo da libertação deve possuir um alto grau de articulação: articular o discurso da sociedade, dos oprimidos, do universo das significações populares simbólicas e sacramentais com o discurso da fé e da grande Tradição. No ambiente da libertação querer saber somente Teologia é condenar-se a não saber nem a própria Teologia. Por isso o teólogo da libertação possui o seu momento de pastor, de analista, de interprete, de articulador, de irmão da fé e companheiro de caminhada. Sempre deve ser um homem de espírito para animar e traduzir, em reflexão de fé e esperança e de amor comprometido, as exigências do Evangelho confrontando com os sinais dos tempos, emergentes nos meios populares (BOFF,C. 2010; BOFF, L. 2010, p.33-34).

É necessário salientar que quase todos os teólogos da libertação, incluindo os mais conhecidos, são militantes de movimentos populares, pastorais sociais ou das Comunidades Eclesiais de Base - CEBS. Geralmente, eles atuam mais na assessoria desses movimentos e pastorais.

Os cristãos e cristãs da América Latina que se identificam ou são adeptos da Teologia da Libertação, assumem concretamente um compromisso político com as lutas populares, com os excluídos e oprimidos da sociedade. Para Bordin, é a partir desse compromisso que os grandes temas da vida cristã são reinterpretados:

Com efeito, é a partir do compromisso político concreto de determinados grupos de cristãos engajados nas lutas de libertação na América Latina, e na problemática decorrente desse compromisso, que na Teologia da Libertação os grandes temas da vida cristã são reinterpretados. Ela parte desse compromisso e em função dele é elaborada. Quer ser não apenas uma teologia para contemplação, mas, e, sobretudo para ação transformadora da sociedade: uma teologia da práxis libertadora (BORDIN, 1987, p.65).

A Teologia da Libertação, como já foi enfatizada, tem como característica principal a opção preferencial pelos pobres. Na América Latina, esses pobres são personificados nos índios, negros, mulheres, operários crianças e jovens, principalmente da periferia, e homossexuais. A luta e a resistência desses povos já duram mais de 500 anos. Porém um questionamento é plausível de se fazer: É

possível uma sociedade justa, solidária, igualitária, sem excluídos, sem oprimidos ou opressores? Ferraro (1993) acredita que os pobres apontam uma alternativa:

Creemos que os pobres apontam uma alternativa, a medida que, a partir de suas lutas, vão plasmando uma sociedade viável. A partir por suas lutas econômicas por terra, trabalho e pão, os pobres indicam a importância fundamental da satisfação das necessidades básicas, alicerces de qualquer sociedade que se queira solidária, democrática, ecológica, livre, utópica, humana. Consequentemente, com tais lutas deslegitimam e desmascaram a idolatria do mercado que se apresenta como evangelho realizador da melhor convivência humana. Em sua prática histórica, afirmam que o mercado total, hoje legitimado pela ideologia neoliberal, é excludente, marginalizador e vive sacrificando vidas humanas para poder manter sua estabilidade (FERRARO, 1993, p.84-85).

O compromisso com a causa dos pobres, dos excluídos e dos oprimidos é o principal objetivo dos adeptos da Teologia da Libertação. Esse compromisso para os teólogos da libertação é, como explica os irmãos Boff:

O compromisso da fé, em nosso caso, de participar, de algum modo, no processo libertador, de estar comprometidos com os oprimidos. Sem essa condição concreta a Teologia da Libertação vira mera literatura. Não basta, pois, aqui refletir a prática. É preciso antes estabelecer uma ligação viva com a prática. Do contrário, o pobre, opressão, revolução, sociedade nova se reduzem a meras palavras que se pode encontrar em qualquer dicionário (BOFF, C. 2010; BOFF, L. 2010, p.37-38).

Para simbolizar esse compromisso, essa “opção preferencial com os pobres” assumidos pelos teólogos da libertação e pelo os militantes pastorais dos movimentos sociais foi adotado um anel preto, feito de uma palmeira da Amazônia, que foi chamado de “Anel de Tucum”. A maioria dos teólogos da libertação, dos menos conhecidos, até os mais famosos, como o próprio Leonardo Boff usam esse referido anel.

Nos anos 70 do século XX, o Conselho Indigenista Missionário (CMI), um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que luta pelos direitos dos indígenas, adotou e divulgou o anel de tucum, que se tornou, no mundo inteiro, um símbolo daqueles que assumiram o compromisso com as causas sociais, como por exemplo as causas indígenas, as causas negras ou as causas populares, como explicam os militantes da Pastoral da Juventude Adilson Miguel Alberton e Giovani Garcia Bessegato:

Foi na década de 70 que o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) adotou e divulgou o Anel de Tucum, hoje usado no mundo inteiro por quem assume a luta pelas causas populares, misturando-se com a sorte dos pobres da terra. O anel de tucum é um símbolo usado por aqueles que acreditam no compromisso preferencial das Igrejas com os pobres, com o objetivo de resgatar este compromisso e denunciar as causas da pobreza. Esse símbolo foi bem escolhido, pois assim como é penoso fazer o anel de tucum, também é árdua a luta por dignidade, vida, esperança e paz (ALBERTON, 2014, n.p).¹⁷

Dom Pedro Casaldáliga, Bispo emérito da Prelazia de São Felix do Araguaia, no Mato Grosso, é um dos mais conhecidos representantes dos adeptos do uso desse anel; e até fez uma poesia que representa o simbolismo do anel de tucum com a causa dos oprimidos:

O ANEL DE TUCUM
 Chamar-me-ão de subversivo/
 Eu responderei incisivo:/
 O sou. Pelo meu povo que luta,/
 Pelo meu povo que trilha apressado/
 Caminhos de sofrimento./
 Eu tenho fé de guerrilheiro/
 E amor de revolução./
 E entre Evangelho e canção/
 Penso, e digo o que sei./
 Se escandalizo, primeiro/
 Eu me abrasei de Paixão/
 Na cruz do meu Senhor!
 (CASALDÁLGIA, *apud* ALBERTON; BESSEGATO, 2014, n.p).¹⁸

Segundo o site Ordem Franciscana Secular do Brasil, historicamente, o anel de tucum nasceu no período Brasil imperial:

Enquanto a realeza usava joias de metais e ouro, os escravos e índios, sem acesso a esses materiais, criaram o Anel do Tucum. Tucum é uma Palmeira comum na Amazônia. Fizeram, então, desse objeto rústico um símbolo de amizade entre si, pactos matrimoniais e, também, de resistência na luta por libertação. Desse modo, o anel de Tucum era um símbolo cuja linguagem, só eles conheciam. Um símbolo secreto da amizade deles e de suas lutas cotidianas.

Mais tarde, os cristãos passam a ter no Anel de Tucum um símbolo de fé e compromisso. Especialmente com a Teologia da Libertação, nos anos 60, quando o apelo às causas dos mais pobres e abandonados começa a crescer, não só no Brasil como também em nossa América Latina. Tivemos, portanto, nesse período um grupo grande de pessoas dedicadas à luta dos

¹⁷ Disponível em <http://discipuladoemcristo.blogspot.com/2014/10/o-anel-detucum-e-simbolo-da-igreja-dos.html>>acesso em 19/09/2018.

¹⁸ Idem.

mais fracos, o que rendeu muitos testemunhos e martírios (ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, 2016, n.p).¹⁹

Ainda hoje, qualquer cristão ou cristã, sejam eles católicos ou protestantes, que sejam comprometidos com a causa dos pobres, dos excluídos dos oprimidos usam o anel de tucum. Não só os cristãos e cristãs, mas toda e qualquer pessoa comprometida com as causas sociais usam esse citado anel.

Ser cristão ou cristã e não fazer uma opção preferencial pelos pobres, para muitos teólogos, é igual a nunca ter lido os evangelhos de Jesus Cristo e se leu não entendeu nada do que está escrito neles. Muitos dos que se dizem cristãos e cristãs atualmente em pleno século XXI, são intolerantes, fundamentalistas religiosos, racistas, classistas, misóginos e homofóbicos. Em outras palavras, pregam a palavra de Deus, mas não a praticam. O verdadeiro cristão ou cristã preocupa-se com os empobrecidos. Na Teologia da Libertação, a preocupação com os pobres é uma prioridade:

Esse pobre, do qual fala a Teologia da Libertação, é aquele que, segundo a Conferencia de Puebla, vive, de maneira muito concreta, “o mais devastador e humilhante dos flagelos”. Sua pobreza se exprime em situação concretas: a mortalidade infantil, a falta de moradia adequada, problemas de saúde, salários de fome, desemprego, subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas em sem proteção” No rosto dos desvalidos, revela o rosto do Cristo, que por eles tem preferência, uma vez que o divino se reconhece neste rosto (DA VEIGA, 2009, p.13).

Foi por enxergar o rosto de Jesus Cristo nos pobres, especialmente nos migrantes nordestinos, que o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, na época arcebispo de São Paulo, vendeu, em 1970, o palácio episcopal da sua diocese para construir casas e centro de treinamento para atender os nordestinos que desembarcavam aos milhares na capital paulista. O histórico imóvel, segundo o historiador Sandro Ramon (2006), era enorme e luxuoso, e foi vendido por cinco milhões de dólares.

Para os adeptos da Teologia da Libertação, o cristão ou cristã, que é indiferente à causa da justiça social, à causa dos empobrecidos, tem uma fé frágil, contraditória, e não está de acordo com os ensinamentos do seu próprio mestre, pois o próprio Jesus Cristo, nas suas bem-aventuranças, declarou:

¹⁹Disponível em <http://www.ofs.org.br/noticias/item/1527-o-anel-de-tucum-simbolo-da-igreja-comprometida-com-os-pobres> acesso em 07/11/2018.

Bem-aventurados vós que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós que agora chorais, porque vos rireis. Bem-aventurados sois, quando os homens vos odiarem, e quando vos expulsarem da sua companhia, vos ultrajarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do homem (BÍBLIA, Lucas, 6, 20-22).

Solidarizar-se com os pobres segundo, os teólogos da libertação, é estar de acordo com a missão libertadora de Jesus, que fez uma opção preferencial e radical por eles, chegando ao ponto de desafiar os dois poderes estabelecidos do seu tempo: o político representado pelo Império Romano e o religioso representado pelas pessoas dos fariseus, saduceus, escribas e doutores da lei, que eram membros das instituições religiosas judaicas da Antiguidade.

A Teologia da Libertação, mesmo tendo dialogado e até se apropriado de uma parte considerável da base filosófica e teórica de uma filosofia ateia (o marxismo), é a corrente teológica e filosófica cristã que mais se aproxima da doutrina das primeiras comunidades cristãs, do assim denominado “cristianismo primitivo”, expresso nos Atos dos Apóstolos, onde a igualdade e a justiça social não eram uma utopia e sim uma realidade.

É preciso salientar que as grandes filosofias cristãs do final da Antiguidade e início da Idade Média, a Patrística e a Escolástica, tiveram suas bases teóricas advindas de sistemas filosóficos considerados “pagãos” pelas autoridades eclesiásticas da época. A Patrística se baseou em Platão e a Escolástica em Aristóteles, que tiveram as suas teorias filosóficas adaptadas para o cristianismo.²⁰ Não poderia ser diferente na Idade Contemporânea com o marxismo, sendo que uma parte considerável desse sistema filosófico foi também adaptada para o cristianismo, surgindo, assim, a Teologia da Libertação.

²⁰ CHAUI, Marilena. Convite à filosofia Ática, São Paulo, 2000.

3 O ENCONTRO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A LITERATURA NO PROFETISMO E NA POESIA DE DOM PEDRO CASALDÁLIGA

A Teologia da Libertação, como já foi salientado no capítulo 01, desta produção acadêmica, foi um novo paradigma teológico surgido há 48 anos, portanto em 1971 e, de certa, forma revolucionou as produções teológicas a colocar os pobres como centro das investigações deste campo do conhecimento.

Existem teólogos e teólogas do Brasil e da América Latina, bispos, padres, leigos e leigas da Teologia da Libertação, que são referências. Nomes como Leonardo Boff e seu irmão Clodovis Boff, Gustavo Gutiérrez, Ivone Gebara, José Comblin, Jon Sobrino, Pablo Richard, entre outros. Existem bispos, que foram e são muito importantes para a Teologia da Libertação e para a própria Igreja Católica, entre os quais Dom Oscar Romero de El Salvador, que foi assassinado por paramilitares na capital daquele país, San Salvador, e que, recentemente, foi canonizado pelo Papa Francisco e é o mais novo santo da Igreja Católica, sendo conhecido como “São Romero das Américas”²¹.

Dom José Rodrigues de Souza, conhecido como “Bispo dos Excluídos”, da Diocese de Juazeiro na Bahia, uma das mais progressistas do Brasil; Dom Paulo Evaristo Arns, um dos mais célebres defensores dos Direitos Humanos e que criou e coordenou em sigilo junto com o pastor protestante estadunidense Jaime Wright, o Projeto “Brasil: Nunca Mais”, que teve como resultado a cópia de mais de um milhão de páginas de processos do Superior Tribunal Militar (STM).²² Dom Pedro Casaldáliga, Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia no Mato Grosso do Sul, que também é poeta. Por questão de delimitação da nossa pesquisa, não vamos nos aprofundar sobre a vida e as obras de todos os teólogos, teólogas e bispos supracitados; apenas um deles será objeto de nossa investigação histórico-filosófica, Dom Pedro Casaldáliga.

Pere Casaldàliga i Pla, mais conhecido como Dom Pedro Casaldáliga, é um bispo católico, teólogo, escritor e poeta, pertencente à ordem religiosa dos Claretianos, (Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria). Ele é natural de Balsareny, na Catalunha, Espanha; nasceu em 16 de fevereiro de

²¹ Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-10/canonizacao-oscar-romero-figura-luminosa-pastor-america-latina.html>>acesso em 05/01/2019

²² Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-paulo-evaristo-arns/index.html>>acesso em 25/11/2018.

1928. Sua ordenação sacerdotal foi em 31 de maio de 1952, na cidade de Barcelona, na Espanha, e foi nomeado bispo prelado de São Félix do Araguaia, Mato Grosso no Brasil, em 27 de agosto de 1971, pelo então Papa Paulo VI. Assim escreveu o Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Emerson Sbardelotti sobre a vinda de Dom Pedro Casaldáliga para o Brasil e a situação econômica, social e política deste país quando este bispo aqui chegou:

No dia 30 de julho de 1968, o padre Pedro Casaldáliga, um missionário claretiano, chegou à região de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, Brasil, para nunca mais voltar para Balsareny, na Catalunha, Espanha. O maio francês e a Primavera de Praga faziam o mundo fervilhar; na América Latina e no Caribe, o processo de aggiornamento proposto por São João XXIII se fazia ecoar na Conferência de Medellín, que foi a realização na prática do Concílio Ecumênico Vaticano II por estas terras continentais. O Brasil que o padre Casaldáliga conheceu era um país pobre, envolvido por uma sangrenta ditadura militar. Um país onde sobrava a injustiça social, e por causa disso, germinava a profecia (SBARDELOTTI, 2016, p.02).

Dom Pedro Casaldáliga é considerado um dos grandes expoentes da Teologia da Libertação no Brasil e também um dos seus principais defensores. Sua atividade como bispo teve as seguintes características:

Evangelização sem colonialismos, vinculada à promoção humana e à defesa dos direitos humanos dos mais pobres; Criação de comunidades eclesiais de base com líderes que sejam fermento entre os pobres; Encarnação na vida, nas lutas e esperanças do povo; Estrutura participativa, co-responsável e democrática na diocese. Outra característica marcante de sua atuação como bispo foi o fato de preferir não utilizar os tradicionais trajes eclesiásticos, em vez da mitra, preferia o chapéu de palha, em vez de um anel de ouro, utilizava um anel de tucum. (CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre)²³

Para Adriana Lins Precioso (2011), Doutora em Teoria da Literatura, Dom Pedro Casaldáliga é um grande defensor das minorias, é a voz da resistência e luta enquanto bispo e a voz da poesia enquanto poeta:

Militante da Teologia da Libertação em defesa dos pobres e das minorias, Casaldáliga entrelaça a voz de resistência e luta enquanto bispo e a voz da poesia, enquanto poeta (...). Por ter fixado residência no Araguaia, a temática de sua obra visita os indígenas, os negros, a mulher e denuncia os posseiros e toda a forma de poder e manipulação que constrange, humilha,

²³ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Casald%C3%A1liga>acesso em 25/11/2018.

violenta e mata em terras amazônicas do Mato Grosso (PRECIOSO, 2011, p. 54).

Segundo o mestre em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas, Mairon Escorsi Valério (2007), Dom Pedro Casaldáliga é um profeta contemporâneo, pois:

O profetismo se tornou o *modus vivendi* religioso que tem inspirado Casaldáliga. Sua atuação religiosa e sacerdotal é profundamente influenciada pelos modelos proféticos presentes no texto bíblico e como profeta ele se representa. Essa constituição de si como profeta tem sido fundamental na organização de uma narrativa acerca de si mesmo baseada na memória. Levando em conta que as biografias se baseiam nas memórias e depoimentos do bispo, elas tendem a criar um eixo narrativo em função da consolidação dessa imagem profética (VALÉRIO, 2007, p.21).

Valério (2007), baseado nas teorias do historiador jesuíta francês Michel de Certeau sobre Hagiografia, afirma que a biografia de Casaldáliga, considerada ideal pela Teologia da Libertação, enquadra-se no conceito de santidade, no sentido hagiográfico:

A interferência do elemento religioso nas biografias de Casaldáliga obedece a um segundo enquadramento. De acordo com De Certeau, a hagiografia é ainda um discurso de virtudes do santo, apesar de cada santo oferecer uma escolha e uma organização própria dessas virtudes, utilizando para esse fim o material fornecido pelos fatos e gestos do santo. No caso de Casaldáliga, as virtudes cristãs são eleitas e louvadas como sendo aquelas a serem seguidas pelos outros no caso da teologia da libertação, considerando também a afirmação de De Certeau de que a vida do santo também prova uma teologia. Assim, o conjunto de virtudes relacionado nas biografias atende àquelas privilegiadas na conduta cristã considerada ideal pela teologia da libertação e se enquadram no seu conceito de santidade. (IDEM, p.23).

Dom Pedro Casaldáliga uniu a poesia e o profetismo para denunciar a injustiça, a opressão, a exclusão, e as perseguições sofridas pelos trabalhadores e camponeses pelos grandes empresários e poderosos latifundiários na região de São Félix do Araguaia.

Para Silva (2008), como cristão e sacerdote, Casaldáliga, um poeta padre, tem visão singular da poesia como prática ritualística e afirmação de sua fé. Através da poesia, ele canta a palavra de Deus, que é a boa notícia, para as classes empobrecidas. A poesia, segundo o próprio Casaldáliga, é bastante eficaz nas pregações de libertação. “Cantar em - dizia Santo Agostinho - é orar duas vezes.

Pregar em poesia pode ser uma disciplina, pregação, quem sabe...” (CASALDÁLIGA, *apud* SILVA, 2008 p. 40).

Segundo Emerson Sbardelotti (2016), o primeiro ato de Dom Pedro Casaldáliga, quando foi sagrado bispo de São Felix do Araguaia, foi publicar uma carta pastoral onde denunciava a situação agrária daquela região amazônica e a perseguições sofridas pelos camponeses e nativos:

Como primeiro ato, publicou uma carta pastoral intitulada Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social, onde denunciou a situação iníqua da estrutura agrária brasileira, colocando a Prelazia e todas as suas forças em defesa dos lavradores e indígenas; posição mantida até os dias atuais. (SBARDELOTTI 2016, p.04).

A vida de Casaldáliga se baseia teológica e espiritualmente no fato de ele acreditar que Deus está unido à vida de seu povo. É importante mencionar que todos os artigos e dissertações de mestrado sobre Dom Pedro Casaldáliga, analisados até aqui, apontam esse bispo prelado como um defensor e propagador tanto da Teologia da Libertação, como da Espiritualidade da Libertação e também como um poeta e autor de várias obras sobre espiritualidade, antropologia, sociologia e ecologia. Sbardelotti (2016), afirma que Casaldáliga adotou como lema para sua atividade pastoral: “Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar”. (Casaldáliga, *apud* Sbardelotti, 2016, p.5).

Dom Pedro Casaldáliga foi um dos fundadores do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em 1972 e da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em 1975, no Brasil. Sobre o CIMI, que surgiu com o nome de Pastoral Indígena, o teólogo José Ocar Beozzo escreveu o seguinte:

A Pastoral Indígena se consolidou no início dos anos 1970. Entretanto foi no final dos anos 1960, nos encontros de Missões na América Latina, que ela começou a se esboçar. Os encontros de Caracas em 1969, de Xicotepec, no México em 1970 e o de Iquitos, no Peru em 1971, indicaram o esforço de se repensar a questão indígena. Porém, foi no ano de 1972, em Assunção, no Paraguai, que as Missões definiram novas linhas mestras de atuação junto às populações indígenas da América Latina. As tais linhas concentravam-se em quatro pontos centrais: descobrir a presença de Deus salvador em todo o povo e cultura, reconhecer que as igrejas têm sido ideologizadas e usadas como instrumentos de opressão, o reconhecimento da existência do racismo, em suas práticas institucionais, inclusive na Igreja, e redefinição de missão a partir da noção de diálogo ecumênico, com os índios e as ciências humanas. No Brasil, esse esforço resulta na fundação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), pautado no trinômio: terra, cultura e autodeterminação dos povos indígenas (BEOZZO, *apud* VALÉRIO, 2007, p.50).

Sobre a CPT, que nasceu sobre a alcunha de Pastoral da Terra, escreveu Valério:

A Pastoral da Terra foi também fruto das renovações promovidas pela Igreja dos anos 1960. No Brasil, nasceu na Amazônia e região Centro-Oeste no início dos anos 1970 e culminou na organização da CPT (Comissão Pastoral da Terra), ligada à Linha Missionária da CNBB, fundada em 1975 nas iniciativas tomadas dos Encontros de Pastoral da Amazônia. O surgimento da CPT, órgão específico para tratar a questão agrária se deveu ao contexto rural do Brasil durante a Ditadura Militar. As regiões de onde surgiu o maior impulso para a criação da CPT eram estratégicas para a política de desenvolvimento agrário do governo brasileiro. À frente dessa iniciativa estavam: Dom Pedro Casaldáliga (São Félix do Araguaia, MT), Dom Tomás Balduino (Goiânia, GO) e Dom Moacyr Grecchi (bispo responsável pela Linha Missionária da CNBB). Havia um contexto de problemas de terras. Conflitos que envolviam as empresas financiadas pela SUDAM (Superintendências de Desenvolvimento da Amazônia) e os posseiros da região, além de notícias da existência de escravidão por dívidas, grilagem, confrontos entre peões, posseiros, jagunços e policiais militares. Tudo isso desembocou numa estratégia de atuação pastoral que se colocaria contra o latifúndio e a política agrária dos militares para a região. (VALÉRIO, 2007, p. 49).

A região que Dom Pedro Casaldáliga escolheu para viver e atuar como missionário, o norte do Mato Grosso - São Félix do Araguaia - era habitada em sua maioria por gente simples e humilde, que vivia da subsistência, tirando da mata o seu sustento:

Casas de pau a pique, nenhum saneamento ou noção de higiene, nada de escolas e lavouras cultivadas de modo elementar. No pequeno vilarejo, Casaldáliga não tinha escolha: todos eram pobres, sua opção por eles havia sido tomada anteriormente. A escolha de ser um missionário e enfrentar regiões adversas precedia o suposto 'encontro com os pobres' (VALÉRIO, 2007, p. 33).

Casaldáliga, em uma região longínqua, encontrou um povo carente, oprimido, excluído e abandonado, ameaçado pelos ricos e poderosos latifundiários da região. Segundo Emerson Sbardelotti, eram “os pobres do Evangelho, a quem havia escolhido dedicar a sua vida, estavam ali” (SBARDELOTTI 2016, p.05).

Segundo Valério (2007), os missionários, principalmente os que vieram da Espanha, entre eles Casaldáliga, achavam que as pessoas que viviam em São Félix do Araguaia precisavam de uma “verdadeira conversão” e que apesar de elas serem católicas, o catolicismo daquelas pessoas, que era comumente chamado de “catolicismo popular” pelos teólogos e sacerdotes, era visto como uma fé inferior, já que a consideravam infantil e alienada. Para esses missionários, as práticas

religiosas distorcidas faziam com que o verdadeiro sentido da fé se perdesse. “Daí a necessidade de uma conversão pedagógica ao catolicismo que lhes trazia os missionários, ou seja, a missão era sinônimo de normatização da fé” (VALÉRIO, 2007, p. 33).

Valério (2007) afirma que, em seu diário, Casaldáliga descreveu as aflições que ele sentia com relação aos seus próprios critérios morais tradicionais do catolicismo, que dava ênfase aos contrastes do agora ‘seu rebanho’. O bispo catalão considerava a região do Araguaia sua nova terra de missão contraditória, que contrastava do extremo ao pitoresco. Com uma visão típica dos colonizadores europeus, acreditava que os índios eram “pagãos” e os demais habitantes indiferentes, amorais, ignorantes e supersticiosos. Porém, Casaldáliga percebeu que existiam pessoas que eram exemplos da mais pura e mais sólida fé cristã e que, apesar disso, tais pessoas passavam anos sem ver um padre católico.

Francisco Escribano biógrafo de Casaldáliga, ao escrever sobre ele, retrata-o como “bispo de esquerda, ou bispo progressista, profético e revolucionário” (ESCRIBANO, *apud* VALÉRIO, p.35). Segundo esse escritor, Casaldáliga fez uma leitura da mesma questão que se contrasta com a rigidez das expressões utilizadas naqueles primeiros anos:

(...) Houve duas coisas que me surpreendeu muito, aqueles primeiros anos: de um lado, a problemática dos casamentos e, de outro, a facilidade com que se morre e se mata, é claro. Eu estava habituado a um mundo muito de direita, às vezes muito de aparências. Em minha infância, por exemplo, quem imaginava o divórcio? Aqui, porém, os casamentos eram feitos e desfeitos com muita facilidade. Casavam-se muito jovens talvez já tivessem sido casados, amadureciam, encontravam um outro companheiro ou companheira e formavam um novo casal, firme, sincero. E como você podia dizer que aquele segundo casamento era ilegal? Em segundo lugar, o aspecto do matar é curioso, mas nos fez pensar muito. Como não existe justiça para os pobres, cada um faz por sua conta: se, por exemplo, foi violentada uma menina que tem irmãos e pai, pela mentalidade mais primitiva do povo seria uma injustiça total que estes não a vingassem, matando o estuproador. Mas, por outro lado, é mais ofensivo dar uma bofetada em alguém que feri-lo ou matá-lo. O rosto é a dignidade da pessoa (...). (CASALDÁLIGA, *apud* ESCRIBANO, p.19).

Valério (2007) afirma ainda que Casaldáliga teve que rever seus conceitos e adaptar-se à cultura local, levando-o a relativizar a moralidade:

A relativização feita por Casaldáliga acerca da moralidade popular é adequada com a representação da imagem profética do bispo presente em suas memórias e biografias. Casaldáliga torna-se símbolo da crítica ao

conservadorismo católico apegado a esse moralismo mais estreito. Sua imagem de relativista, construída a posteriori, obedece aos critérios hagiográficos de exposição das virtudes de um exemplo de bispo da teologia da libertação do qual um rígido moralismo não faz parte (VALÉRIO, 2007, p. 36).

De acordo com a doutrina da Teologia da Libertação, a verdadeira imoralidade está na fome, na miséria, na injustiça, na exclusão social e na concentração de terra e de renda, e é alinhado a essas teorias que Casaldáliga condena a hipocrisia de muitos cristãos que oprimem, exploram e escravizam o povo pobre de São Felix do Araguaia:

Aos católicos latifundiários que escravizam o povo de nossa região – eles mesmos alienados, muitas vezes, pela convivência interessada ou cômoda de certos elementos eclesiais - pediríamos, se nos quisessem ouvir em simples pronunciamento entre sua fé e o seu egoísmo. ‘Não se pode servir a dois senhores’ (Mt 6, 24). Não lhes adiantará ‘dar cursinhos’ em São Paulo ou patrocinar o ‘Natal dos Pobres’ e entregar esmolas para as ‘Missões’, se fecham os olhos e os corações para os peões escravizados ou mortos nas suas fazendas e para as famílias de posseiros que os seus latifúndios deslocam num eterno êxodo ou cercam sadicamente fora da terra necessária para viver. Leiam o Evangelho, leiam a Primeira Carta de São João e a Carta de São Tiago... (CASALDÁLIGA, *apud* VALÉRIO, 2007, p.112).

Para Casaldáliga, o cristão que despreza o índio, o negro, o peão, o velho, a prostituta, o pobre não é, de maneira alguma, cristão verdadeiro. Com o surgimento da Teologia da Libertação uma nova proposta de evangelização também surge, tendo maior espaço na América Latina, pelo fato de ela ter sofrido um genocídio e um cruel e desumano processo de colonização. Nessa nova forma de evangelização, os pobres são os protagonistas:

A realidade dos pobres é altamente conflitiva, pois eles são feitos pobres por mecanismos econômicos, relações sociais e discriminações que ofendem a justiça. A compreensão da sociedade, das Igrejas e da teologia a partir deles se apresenta outrossim conflitiva, pois permite ver a cumplicidade de todas as instâncias com sua opressão e também sua solidariedade com suas lutas por vida e liberdade (BOFF, *apud* PRECIOSO, 2011 p.04).

Casaldáliga, como poeta, usa a poesia nas suas pregações e denúncias. O bispo soube aproveitar esse gênero literário e usá-lo como ferramenta pedagógica e catequética, adaptando-a à realidade do povo simples de São Félix do Araguaia, empobrecido pela concentração de renda, característica do sistema capitalista.

Através da profecia e da poesia de Pedro Casaldáliga se aprende que há possibilidade de ser uma Igreja Pobre, de ser uma Igreja Povo de Deus, pois a humanidade inteira é povo de Deus. Na profecia e na poesia de Pedro encontram-se os pobres do Evangelho. E a primeira missão de um bispo é ser profeta, e profeta é aquele que diz a verdade diante de todo o povo (ESCRIBANO, *apud* SBARDELOTTI, 2016, p.07).

Nas suas poesias, Casaldáliga criticava, sobretudo o latifúndio, mas também incentivava e promovia o diálogo inter-religioso e denunciava as agressões ao meio ambiente, à natureza. Algumas de suas poesias serão aqui analisadas com estas temáticas:

CONFISSÃO DO LATIFÚNDIO

Por onde passei,
plantei
a cerca farpada,
plantei a queimada.
Por onde passei,
plantei
a morte matada.
Por onde passei,
matei
a tribo calada,
a roça suada,
a terra esperada...
Por onde passei,
tendo tudo em lei,
eu plantei o nada.

(CASALDÁLIGA, *apud* PRECIOSO, 2011 p. 40).

Nessa poesia, Casaldáliga denuncia o latifúndio ao referir-se à “cerca farpada”, uma referência aos arames farpados, que são utilizados para cercar as propriedades rurais. O bispo denuncia também as agressões à natureza por parte dos latifundiários que, muitas vezes, derrubam as matas nativas para plantar soja²⁴ ou pasto para gado²⁵. Há referências também, nesse texto, ao genocídio de povos indígenas (a tribo calada); grilagem e concentração de terra (a roça suada, a terra esperada). Casaldáliga também denuncia, nesse poema, a justiça, que, muitas vezes, é instrumentalizada pelos ricos e poderosos e usada contra os pobres, prejudicando-os. A maioria dos teólogos da libertação, militantes pastorais e de movimentos sociais, nas suas críticas ao sistema judiciário, afirmam que, quase

²⁴Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/sustentabilidade/soja-e-responsavel-indireta-pelo-desmatamentonobrasil,3febd717c9c21410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>Acesso em 30/12/2018.

²⁵ Disponível em <https://reporterbrasil.org.br/2006/07/desmatamento-e-poluicao-seguem-o-rastro-do-agronegocio/acesso> em 30/12/2018.

sempre, a justiça é morosa e ineficaz quando é para conceder algum direito aos pobres; porém, rápida e eficiente, quando se trata de alguma ação que beneficie os poderosos. Não há dúvida de que Casaldáliga, quando escreveu essa poesia, usou-a como crítica e denúncia do latifúndio e do próprio sistema judiciário. Ao analisar esse poema de acordo com a teoria da literatura, a professora Adriana Lins Precioso escreveu:

O eu-lírico confessa suas ações tendo em convivência e amparo a lei que protege a classe dos latifundiários. O paralelismo das estruturas denuncia o movimento “passei” e a ação “plantei”, contudo, o resultado negativo é descrito por meio dos participios adjetivados que resultam em consonância rítmica da repetição em “- ada”: queimada, calada, matada... até coincidir com o vazio maior do último verso “eu plantei o nada” (PRECIOSO, 2011, p. 55).

É com poesia que Dom Pedro Casaldáliga na apresentação da “Missa dos Quilombos”, faz um retrospecto de toda trajetória dos negros e negras, que foram tirados da África e levados para ser escravos na Europa e, sobretudo na América. A missa dos Quilombos tem textos do próprio Casaldáliga em parceria com o poeta e militante político Hamilton Pereira da Silva, mais conhecido como Pedro Tierra e músicas de Nilton Nascimento.

Em nome de um deus supostamente branco e colonizador, que nações cristãs tem adorado como se fosse o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, milhões de Negros vem sendo submetidos, durante séculos, à escravidão, ao desespero e à morte. No Brasil, na América, na África mãe, no Mundo.

Deportados, como "peças", da ancestral Aruanda, encheram de mão de obra barata os canaviais e as minas e encheram as senzalas de indivíduos desaculturados, clandestinos, inviáveis. (Enchem ainda de sub-gente -para os brancos senhores e as brancas madames e a lei dos brancos- as cozinhas, os cais, os bordéis, as favelas, as baixadas, os xadrezes).

Mas um dia, uma noite, surgiram os Quilombos, e entre todos eles, o Sinai Negro de Palmares, e nasceu, de Palmares, o Moisés Negro, Zumbi. E a liberdade impossível e a identidade proibida floresceram, "em nome do Deus de todos os nomes", "que fez toda carne, a preta e a branca, vermelhas no sangue".

Vindos "do fundo da terra", "da carne do açoite", "do exílio da vida", os Negros resolveram forçar "os novos Albores" e reconquistar Palmares e voltar a Aruanda.

E estão aí, de pé, quebrando muitos grilhões -em casa, na rua, no trabalho, na igreja, fulgurantemente negros ao sol da Luta e da Esperança.

Para escândalo de muitos fariseus e para alívio de muitos arrependidos, a Missa dos Quilombos confessa, diante de Deus e da História, esta máxima culpa cristã. (...) (CASALDÁLIGA, 1992, n.p)²⁶

Nesta poesia, Casaldáliga denuncia o etnocentrismo dos europeus que, com sua pretensa superioridade racial, cultural e religiosa, achava-se no direito de escravizar os diferentes povos de continentes como o africano e o asiático. No caso dessa poesia específica, Casaldáliga, quando se refere à escravidão, não faz menção ao continente asiático e sim ao africano. Esse bispo denuncia a escravidão do povo negro durante o processo de colonização das terras brasileiras no passado e a criminalização desse mesmo povo na atualidade. No passado, os negros e negras foram relegados à “coisa”, à “mão de obra barata” que “enchiam” as senzalas, os canaviais, os cafezais, as minas e as alcovas da elite colonial escravocrata.²⁷ No presente, continuam com a mesma “sina”, relegados a “subgente” e condenados ao desemprego e ao subemprego, explorados, discriminados e criminalizados, tratados, muitas vezes, como a “escória da sociedade”.

Porém essa poesia não é só denúncia, mas também uma verdadeira “ode” à luta e à resistência do povo negro, com seus heróis como Zumbi dos Palmares, que, nesse poema, é comparado a Moisés, personagem bíblico do livro do Êxodo.

Zumbi transforma-se em Moisés Negro, e Palmares, o Sinai Negro dos Quilombos. Tal alusão demonstra a importância das narrativas e personagens bíblicos para ampliar a esfera do discurso cristão. Zumbi e o Quilombo dos Palmares passam a ser lidos religiosamente e entendidos a partir da perspectiva bíblica. (VALÉRIO, 2007, p.116).

Para Casaldáliga, os negros e negras, apesar de excluídos, oprimidos e explorados, quebram paradigmas, na luta e na esperança de um dia viverem numa sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Uma nova “Aruanda”, que, nas religiões de matrizes africanas, é a morada da paz e da sabedoria²⁸. Um novo Palmares renascido e revivido na esperança do povo negro tão sofrido e para desespero das elites civis, militares e religiosas que ele chama na poesia de “fariseus”, e, também para alívio de muitos cristãos, sensível a lutas pela causa negra, a Missa dos

²⁶Disponível em <<http://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/poesia/quilombos.htm>> Acesso em 30/12/2018.

²⁷ SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

²⁸Disponível em<<https://www.iqilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/aruanda/>>acesso em 30/12/2018.

Quilombos se tornou uma espécie de reconhecimento de culpa da Igreja Católica, segundo esse bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia. Essa mesma Igreja que, no período da escravidão no Brasil, foi omissa e, até mesmo, cúmplice do regime escravocrata brasileiro.

A causa indígena e a luta pela preservação do meio ambiente, cada dia mais devastado, são temas sempre abordados por Casaldáliga nas suas poesias, como esta a seguir:

ROUBARAM AS TERRAS ÍNDIAS

Roubaram as terras índias
E batizam as fazendas
Com nomes índios ausentes.
Aritana, onde está?

Debaixo da terra os mortos
Pedem os cantos da tribo...
E só respondem os bois
Calcando a paz invadida.

Aqui, onde a mata um dia
Erguera seus arcos verdes,
Se alastra o capim exangue.

O sol, que foi testemunha,
Se vinga no chão despido.

E pela estrada invasora
A seriema costura
Um telegrama impotente.

(CASALDÁLIGA, apud PRECIOSO, 2011, p. 56).

Nessa poesia, Casaldáliga denuncia a ação dos latifundiários que, muitas vezes usando de violência e com a conivência da justiça se apropriam das terras indígenas, devastando-as com o objetivo de obter o lucro a qualquer custo:

Ao apresentar o sujeito da ação de roubar como indeterminado nota-se uma enorme ironia que denuncia a prática dos latifundiários ao se apropriarem das terras indígenas, desmatando as florestas com o único objetivo do lucro. O gado ocupa o espaço das matas que são substituídas pelo capim e o sol acaba por servir de testemunha e vinga-se pela ausência das árvores. O silêncio indígena ressoa triste na voz da seriema. (PRECIOSO, 2011, p. 56).

Silva (2011), ao analisar essa poesia, afirma que Casaldáliga assume a voz dos despossuídos, que sofrem com a perda da terra e do próprio espaço temporal onde a natureza é mostrada como perdida e através do sol acaba se vingando,

queimando o chão outrora verde, foi desmatado (ou despido como está contido no poema):

O poeta assume a voz de um sujeito coletivo que sofre a perda não só da terra, mas a ausência de um espaço-temporal, onde a natureza guarda seu sentido primeiro. O sentimento da natureza perdida é mostrado pela visão de um espaço presentificado, visível. No aqui do poema, nas terras roubadas, com a imagem do sol se vingando no chão despido, é possível imaginar os índios, com seus cantos da tribo, em uma mata de arcos verdes. A terra roubada constitui um tempo ausente. Também o tempo é roubado para aquele que imagina, em seu momento atual, a ausência prolongada. A imagem da siriema correndo pela estrada invasora faz recordar a impotência humana diante do passado (SILVA 2011, p. 42-43)

A cruz e a espada andaram juntas e foram parceiras na colonização da América, sobretudo a América Latina e o Brasil. Sistemas políticos, econômicos, religiosos, culturais e morais indígenas foram desestruturados em nome de deus cristão que, contraditoriamente, era pregado como um Deus misericordioso e que era o próprio amor. Como bispo católico, Casaldáliga foi um exemplo de solidariedade e um grande defensor da causa indígena.

Para Valério (2007), além de conferir uma significação cristã à trajetória de negros e indígenas, Casaldáliga se preocupou em denunciar a existência do racismo no Brasil. Valério afirma que não há dúvida de que o bispo foi influenciado pelo “clima de denúncia proveniente dos anos 1960, principalmente com os estudos da Escola Sociológica Paulista, preocupada em desconstruir o mito da democracia racial” (VALERIO, 2007, p.206).

Será que acabou mesmo a escravidão dos negros no Brasil? Não existe ainda um tipo de cativo, pesando sobre o povo negro, marcando sempre os negros como se valessem menos, deixando os negros de lado? (...) Dizer que no Brasil não há discriminação racial é uma grande mentira. No Brasil, o negro é desprezado e fica sempre com os piores serviços. Oitenta por cento da população negra do Brasil vive nas regiões mais pobres, confinada em barracos, alagados, favelas. (...) Até mesmo a Igreja, durante séculos, não deu valor ao negro. Os negros eram trazidos da África como ‘peças’ e, chegando aos portos brasileiros, eram batizados e marcados a ferro, tudo num tempo só. A Igreja calando, aceitando a escravidão. (CASALDÁLIGA *apud* VALÉRIO, 2007 p.206).

Defensor e militante da causa camponesa, Dom Pedro Casaldáliga sempre lutou pela reforma agrária. Muitos de seus poemas contêm também essa temática como, por exemplo, o poema Terra Nossa, Liberdade:

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!
Outra é a Terra nossa, homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos!
(Casaldáliga, apud SILVA, 2008, p.43-44).

Nessa poesia, o poeta-bispo amaldiçoa as cercas e a propriedade privada que, segundo ele, é um empecilho ao amor fraterno e à vida plena e abundante. Casaldáliga também amaldiçoa as leis injustas que privam a humanidade da terra, escravizando-a e serve como instrumento para uma minoria rica e poderosa acumular bens e capital através da concentração de terra e renda. Para a Silva (2008), Casaldáliga faz da poesia um instrumento de denúncia da exploração do homem e faz com que a religião não seja resumida, exclusivamente, ao plano espiritual:

O poeta cristão faz da poesia uma arte compromissada com a denúncia do homem explorado, da má distribuição de renda e das distorções do mundo moderno. A poesia que nasce de um tempo de denúncias pretende ser mais que simples enunciado poético. A função poética é extrapolada para o alcance da função referencial e apelativa, que alertam e clamam ao leitor um posicionamento. A própria religião não se resume em um fenômeno exclusivamente de ordem espiritual. (SILVA, 2008, p.44).

A poesia libertadora de Dom Pedro Casaldáliga é um discurso de alerta de um pregador, que deseja despertar a consciência crítica naqueles que vivem alienados e com consciência ingênua e acordar aqueles que, ainda, persistem em dormir no sono da ignorância.

Concentrando-se na substância íntima da poesia, o poeta transporta um conflito, fundamentalmente humano, para o universo totalizador de sua poética e revela-nos que o mundo do homem explorado será restaurador do mundo espiritual quando chegar a hora da Libertação. (SILVA, 2008, p.47).

Mesmo sendo um bispo cristão e um religioso da congregação dos Claretianos, a religiosidade enquanto fenômeno, que fundamenta a poesia de Casaldáliga, segundo Silva (2008), está num processo de engajamento contido na

realidade do mundo e posicionando-se contra a exploração e anunciando uma libertação que será resultado da ressurreição do próprio homem, livre do poder no qual está alienado e aprisionado:

O fenômeno religioso que fundamenta a poética do autor retira-o da contemplação mística e insere-o em um estágio de engajamento em que, para ser, não basta ser; deve-se estar no mundo; posicionar-se. O poeta nesse contexto evidencia sua arte como ato edificante que comunica o mundo que não se quer, no presente devastador, e o mundo que se deseja, profetizado. Não é só da frustração do tempo presente que trata o poeta, mas também de um tempo de libertação, prenunciado e aclamado, como tempo de ressurreição do próprio homem, livre do poder que aprisiona e aliena (SILVA 2008, p.48).

A poesia de Casaldáliga é uma poesia engajada e profética, como se propõe a doutrina da Teologia da Libertação. E é nessa perspectiva teológica que Casaldáliga se apropria dessa modalidade da arte, para anunciar o reino de Deus, um reino de justiça e fraternidade e denunciar a idolatria do poder e do dinheiro, que escravizam os homens e mulheres, tornando-os eternas vítimas no holocausto ao novo deus contemporâneo: o capitalismo.

4 ASPECTOS DA FILOSOFIA MARXISTA PRESENTES NAS LETRAS DAS MÚSICAS DE ZÉ VICENTE

4.1 Perfil biográfico de Zé Vicente

José Vicente Filho, mais conhecido como Zé Vicente, é natural de Orós, Ceará, e é cantor e compositor católico. Ele também é um poeta popular e arte-educador. Zé Vicente como é conhecido, é considerado um dos mais importantes artistas da igreja católica, ao lado de Padre Zezinho e Padre João Carlos.

Zé Vicente é um artista da COMEP (Comunicação Musical Editora Paulinas), pertencente ao grupo Paulinas, que possui além de um estúdio audiovisual, uma editora de livros e revistas. Esse grupo foi fundado pela Pia Sociedade Filhas de São Paulo, popularmente conhecida como “Irmãs Paulinas”. Segundo as Paulinas, desde 1981, Zé Vicente canta e compõe, não só no Brasil, mas também em toda América Latina:

Zé Vicente canta e compõe desde 1981, fazendo de suas composições e voz instrumentos não só para o povo brasileiro, mas também para toda a América Latina. Porque os países do nosso continente têm muitas histórias em comum, principalmente o sofrimento e a luta por existência mais digna e alegre. Esse é o tipo de poesia que acontece na obra de Zé Vicente, uma poesia que só acontece no coração de quem sabe o que é o sofrimento, mas já experimentou a alegria do encontro com Cristo. (PAULINAS, 2017, n.p).²⁹

Zé Vicente é conhecido como o cantor da esperança e em seus CDs:

Canta a esperança acima de todas as aparências de desespero que andam por aí. A aceitação é tão grande que países por onde Zé Vicente nem passou ainda solicitam suas músicas em versões para o espanhol, como Colômbia, México e Venezuela. Apesar de só ter visitado Nicarágua, Panamá e Chile. (Ibidem).³⁰

É muito forte a influência dos ritmos nordestinos na música de Zé Vicente, considerada sua “marca registrada”:

²⁹Disponível em <https://www.paulinas.org.br/comep/?system=artistas&action=detalhes&artista=305043>, acesso em 26/07/2018.² Ibidem.

Músicas cheias de energia e contagiantes, que estão na medida para um músico que volta-se para as emoções das pessoas, seja para fazer dançar ou chorar. Além disso, Zé Vicente é reconhecido pela beleza e profundidade com que resgata a mística popular nas suas letras, mesmo que seja sob a ótica do cotidiano nos setores menos favorecidos da população. (ibidem)³¹

A maioria das músicas de Zé Vicente são inspiradas na Teologia da Libertação, corrente teológica que usou a filosofia marxista na composição de uma parte da sua base teológica. E não só essa filosofia, mas também os conhecimentos oriundos das religiões de matrizes africanas e indígenas, além de outras correntes teológicas, filosóficas e das ciências sociais.

4.2 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Pelos Caminhos da América”

No Livro “As veias abertas da América Latina”, o jornalista e escritor Eduardo Galeano, numa interpretação marxista da História da América Latina, escreve que a História é concebida como uma contenda; o atraso e a miséria da América Latina são o resultado do fracasso daqueles que justamente enxergam a história desse continente como essa contenda:

Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beaguins nativos. Na alquimia colonial e neocolonial o ouro se transfigura em sucata, os alimentos em veneno. Potosí, Zacatecas e Ouro Preto caíram de ponta-cabeça da garimpada de esplendores dos metais preciosos no fundo buraco dos socavões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno do salitre e da floresta amazônica da borracha; o nordeste açucareiro do Brasil, as matas argentinas de quebrachos ou certos povoados petrolíferos do lago de Maracaibo têm dolorosas razões para acreditar na mortalidade das fortunas que a natureza dá e o imperialismo toma. (GALEANO, 2010, p.11).

Portanto, para Galeano (2010), a história do subdesenvolvimento da América Latina representa a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. A derrota desse subcontinente sempre esteve implícita na vitória dos outros e sua riqueza sempre gerou sua própria pobreza por nutrir a prosperidade alheia. A música “Pelos Caminhos da América” de Zé Vicente expressa bem o que Galeano escreve sobre a América Latina. Para o filósofo Ricardo Luís Reiter (2017), bacharel e Licenciado em

³¹Ibidem.

Filosofia pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul, essa música é um hino de resistência das Américas:

Uma música forte, desconhecida pela maioria, mas que é, de certa forma, um hino para os movimentos de esquerda social. Talvez esta música vá além. Acredito que ela seja um hino de resistência da América Latina que sangra pelas feridas abertas nas várias ditaduras militares que presenciou (REITER, 2017, n.p)³²

Reiter afirma que a música apresenta, por meios de breves analogias, a luta de resistência da América Latina:

Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Latino América.

Pelos caminhos da América há tanta dor,
Tanto pranto, nuvens, mistérios,
Encantos que envolvem nosso caminhar.
Há cruces beirando a estrada,
Pedras manchadas de sangue,
Apontando como setas,
Que a liberdade é pra lá.

Pelos caminhos da América há monumentos sem rosto
Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor.
Caveiras de ditadores, soldados tristes, calados,
Com olhos esbugalhados, vendo avançar o amor.

Pelos caminhos da América há mães gritando, qual
loucas,
Antes que fiquem tão roucas, digam onde acharão,
Seus filhos mortos, levados na noite da tirania,
Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão.

Pelos caminhos da América, no centro do continente,
Marcham punhados de gente, com a vitória da mão.
Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade,
Com o fuzil da verdade, combatem firme o dragão.

Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo
tempo,
Vão semeando, ao vento, frases teimosas de paz.
Lá na mais alta montanha, há um pau d'arco florido,
Um guerrilheiro querido, que foi buscar o amanhã.

Pelos caminhos da América há um índio tocando flauta,
Recusando a velha pauta, que o sistema lhe impõe

³²Disponível em <<http://filosofiadocotidiano.org/pelos-caminhos-da-america/>> acesso em 24/07/2018>.

No violão um menino e um negro tocam tambores,
Há sobre a mesa umas flores, pra festa que vem depois.
(ZÉ VICENTE, 1996)

Para os historiadores marxistas que estudam a América Latina, o processo de colonização e de independência desse subcontinente foi marcado por intensos conflitos e muito sangue. A América Latina foi e ainda é palco de opressão, de exclusão, dor e de morte. A América Latina Foi e ainda é, palco de desrespeito aos direitos humanos, como, por exemplo, o desrespeito aos nativos que foram exterminados e aos africanos que foram trazidos para este subcontinente, para serem escravizados.

Zé Vicente, ao escrever a música Pelos Caminhos da América, usa muitas metáforas e usa o termo “caminhos” fazendo uma alusão à história da América Latina. Para esse compositor, na primeira estrofe dessa música, os “caminhos” da América, em sentido figurado, são sangrentos, dolorosos, cheios de prantos e misteriosos. As “cruzes”, beirando a estrada e as pedras manchadas de sangue, são como setas, que apontam o caminho para liberdade. Caminho este, seguido provavelmente à “esquerda”.

Na segunda estrofe, Zé Vicente faz na sua música uma crítica, talvez não intencional, ao positivismo na sua dimensão histórica, quando refere-se aos monumentos históricos alusivos aos “heróis” latino-americanos, que, segundo a historiografia tradicional, são dos conquistadores desse subcontinente e que esse artista classifica de “mau gosto”. Como a história oficial da América Latina foi contada pelos “vencedores”, para Zé Vicente, faltou o colorido típico da arte e cultura latino-americana, restando apenas o “obscurantismo” dos “livros de história sem cor”. O compositor ainda faz alusão aos ditadores que governaram o referido subcontinente, e não foram perdoados pela história, restando apenas seus esqueletos e seus soldados entristecidos com o “avanço do amor”. Tantos monumentos sem rosto, homenageando todos aqueles que deram sua vida pelo sonho da liberdade.

Tantos heróis esquecidos e apagados da história, mas que encheram de terror os olhos do soldado que via avançar o amor naquele ambiente marcado pelas caveiras dos ditadores. Um ambiente onde, até hoje, as mães choram, gritam e clamam pelos filhos que foram vitimados na

ditadura. Filhos que simplesmente foram arrancados de seus lares, torturados e desovados (REITER, 2017, n.p).³³

Na terceira estrofe, Zé Vicente se refere ao movimento das mães e avós da Praça de Maio, na Argentina, que ainda choram porque não encontraram seus filhos e netos desaparecidos nas noites tirânicas e que representam cada mãe e cada avó que perderam seus filhos e filhas, netos e netas torturados e mortos pelas ditaduras civis-militares latino-americanas.

Na quarta estrofe, Zé Vicente se refere aos movimentos de resistência latino americanos, que, no passado, lutaram contra a tirania dos governantes, sejam eles colonizadores ou ditadores, sonhando com liberdade e que, apesar de ter pegado em armas outrora, hoje, suas maiores armas, são a verdade no combate ao “dragão” identificado como o capitalismo selvagem. Para Reiter (2017) “E meio a tudo isso, a resistência vencia. Grupos lutavam pela liberdade. Homens e mulheres encorajavam-se e, munidos da verdade, desafiavam os generais”.

Na penúltima e última estrofe, Zé Vicente continua referindo-se ao movimento de resistência, agora identificado na figura do guerrilheiro, que é querido por defender os pobres e lutar contra a tirania na América Latina e também nos índios, negros, crianças, que recusam a “pauta” imposta pelo sistema capitalista opressor. Os movimentos sociais abraçaram a causa dos excluídos e, apesar das perseguições, nunca deixaram de lutar contra todo poder do sistema, sonhando com um mundo mais justo e fraterno. “A resistência que, semeando teimosamente ideias de paz, permitiu a criação de um amanhã, de um futuro florido, onde um menino toca violão, um negro toca tambor e um índio toca flauta” (REITER, 2017, n.p)³⁴

A América Latina ainda hoje sofre com a fome, com a miséria, com o desemprego, com a opressão e com as políticas que privilegiam os ricos e poderosos e penalizam os pobres.

4.3 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Como te cantarei Senhor”

³³ Disponível em <<http://filosofiadocotidiano.org/pelos-caminhos-da-america/>> acesso em 24/07/2018>.

³⁴ Disponível em <<http://filosofiadocotidiano.org/pelos-caminhos-da-america/>> acesso em 24/07/2018>.

O filósofo alemão Karl Marx, ao escrever seu livro “Crítica da filosofia do direito de Hegel (1843), fez a seguinte afirmação: “A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real (...) Assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo” (MARX, 1843, p. 145). Porém, segundo o livro “Convite a Filosofia”, sua autora a filósofa Marilena Chauí (1994) afirma que Marx fez uma afirmação que, em geral, não é lembrada: “A religião é lógica e enciclopédia popular, espírito de um mundo sem espírito” (MARX *apud* CHAUÍ, 1994, p. 395).

Para Chauí, Marx procurou mostrar que a religião é uma forma de conhecimento e de explicação da realidade, usada pelas classes populares. “Lógica e enciclopédia dão sentido às coisas, como, por exemplo, às relações sociais e políticas, encontrando significações. O espírito no mundo sem espírito é algo que lhes permitem, periodicamente, lutar contra os poderes tirânicos” (CHAUÍ, 1994, p. 395).

A música “Como te cantarei Senhor” é uma espécie de oração cantada, que fala do sofrimento do povo pobre, excluído e oprimido, é uma das músicas de Zé Vicente muito popular nas Comunidades Eclesiais de Base e expressa bem o diálogo entre a Teologia da Libertação e a filosofia marxista e é esta a outra visão que Marx tinha sobre a religião:

Como te cantarei Senhor?
Como te cantarei Senhor?

Quando a justiça nos falta, quando o poder nos oprime.
Quando forçaram calar nossa voz, nossa dor, senhor!
Quando da terra expulsos, em terra alheia sofremos.
Quando obrigaram a esquecer, nossa história de amor, senhor!

Quando arrancam os frutos, e o lucro de nossas mãos.
Quando é negado ao pobre o direito e o valor, senhor!
Quando perseguem e matam, os companheiros da gente.
Quando esmagam a esperança e nos fazem o terror, senhor!

Quando prometem e enganam, a confiança do povo.
Quando dividem os pequenos no plano traidor, senhor!
Quando na cruz te afogasse, no poço de nossa dor.
Contigo ressuscitamos, Jesus vencedor, senhor! (VICENTE, 1995).

Nessa música, Zé Vicente faz uma indagação ao “Deus Javé”, personificado na pessoa de Jesus Cristo, que os cristãos creem ser o filho do próprio Deus e, até mesmo, esta divindade, pois o dogma da “Santíssima Trindade” é bastante

respeitado entre os seguidores de Jesus. Nessa primeira estrofe da música, Zé Vicente pergunta como deve “saudar” a Deus através do seu canto, num cenário de tanta injustiça, de tanta opressão? Esse artista católico continua perguntando como deve cantar ao senhor numa situação de dor, de sofrimento, de censura, de expropriação da terra dos camponeses pobres, de migração forçada por conta da perda não só de suas terras, como também de suas identidades.

O teólogo Leonardo Boff (2011), afirma que a Teologia da Libertação tem como característica principal e “marca registrada” agora e até o juízo final a opção pelos pobres contra sua pobreza e a favor de sua vida e liberdade; porém, esse teólogo pergunta: “Como anunciar que Deus é Pai e Mãe de bondade num mundo de miseráveis?” (BOFF, 2011, n.p). E também afirma: “Este anúncio só ganhará credibilidade se a fé cristã ajudar na libertação da miséria e da pobreza. Então tem sentido dizer que Deus é realmente Pai e Mãe de todos mas especialmente de seus filhos e filhas flagelados” (ibidem).³⁵

O grande desafio, segundo Boff, é justamente saber como tirar os empobrecidos, os oprimidos da pobreza, não na direção da riqueza, mas da justiça. Na segunda estrofe, Zé Vicente denuncia a exploração dos pobres através da apropriação da sua mão de obra, e a negação de seus direitos e de seus valores, uma alusão clara à teoria da mais-valia desenvolvida por Karl Marx. Segundo o Dicionário do pensamento marxista (1883) organizado por Tom Bottomore, importante sociólogo marxista inglês, a mais valia extraída do proletário é a mais específica forma da exploração capitalista:

A extração de mais-valia é a forma específica que assume a exploração sob o capitalismo, a diferença específica do modo de produção capitalista, em que o excedente toma a forma de lucro e a exploração resulta do fato da classe trabalhadora produzir um produto líquido que pode ser vendido por mais do que ela recebe como salário. Lucro e salário são as formas específicas que o trabalho excedente e o trabalho necessário assumem quando empregados pelo capital. Mas o lucro e o salário são, ambos, dinheiro e, portanto, uma forma objetificada do trabalho que só se torna possível em função de um conjunto de mediações historicamente específicas em que o conceito de mais-valia é crucial (BOTTOMORE, 2013, p.363).

Relacionando esse trecho da música com as teorias marxistas podemos destacar duas delas: a da alienação e a da reificação. Na teoria marxista, reificação

³⁵ Disponível em <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>acesso em 22/10/2017.

é a desumanização ou coisificação do trabalhador. No Dicionário do pensamento marxista, encontramos uma explicação detalhada desse fenômeno:

Ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso “especial” de alienação, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista (BOTTOMORE, 2013, p.494).

É preciso evidenciar que, assim como no mercado, os seres humanos, quando se proletarizam, são alienados da sua força de trabalho, ou seja, perde-a para o patrão capitalista (burguês). Nesse processo, eles são transformados em seres semelhantes a coisas, não se comportando de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas; os camponeses também, ao terem “os frutos e o lucro arrancados de suas mãos”, são também desumanizados, principalmente quando têm negada sua cultura, suas tradições e suas histórias.

Zé Vicente, ao referir-se à perseguição e à morte de pessoas que chama de “companheiros”, faz uma alusão aos inúmeros militantes de movimentos populares, pastorais sociais, políticos de esquerda, padres, freiras e até bispos, que foram assassinados porque defendiam os pobres das perseguições dos poderosos. As autoridades eclesiais católicas declaram “mártir” qualquer pessoa que morre em nome da fé em Jesus Cristo e defendendo esta Igreja cristã. Para a Teologia da Libertação, “Mártir” é qualquer um que morre lutando por justiça social e contra os poderes tirânicos da sociedade. Michael Löwy, filósofo francês e um especialista na Teologia da Libertação, cita, em seu livro Cristianismo da Libertação (2016), o martírio de um dos personagens mais marcantes desse ramo da teologia cristã, o monsenhor Oscar Romero (EL SALVADOR, 1980):

Em março de 1980, monsenhor Romero foi assassinado por um esquadrão da morte (sob as ordens do Major d'Aubuisson) quando celebrava a missa. Durante seu enterro, o Exército, uma vez mais, atirou no povo presente, matando trinta e cinco pessoas (LÖWY, 2016, p.172).

Na terceira estrofe da música, Zé Vicente denuncia a mentira e as falsas promessas que sempre dividem o povo. O músico chama de traidor os planos que

iludem os pequenos e causa divisão entre eles. Tal constatação faz lembrar as críticas de alguns marxistas radicais e anarquistas à democracia representativa burguesa e suas eleições, muitas vezes, fraudadas e manipuladas. Faz lembrar também os grandes meios de comunicação de massa, que com raras exceções, manipulam a opinião pública a favor dos projetos das elites burguesas. Essa manipulação da mídia empresarial que instrumentaliza o povo mereceu críticas do próprio Papa Francisco:

Esta instrumentalização do povo é também um desprezo pelo povo, porque o transforma em massa. É um elemento que se repete com frequência, desde os primeiros tempos até hoje. Pensemos nisso. O Domingo de Ramos é: todos ali aclamam “Bendito o que vem em nome do Senhor”. Na sexta-feira sucessiva, as mesmas pessoas gritam: “Crucifiquem-no”. O que aconteceu? Fizeram uma lavagem cerebral e mudaram as coisas. E transformaram o povo em massa, que destrói (FRANCISCO, *apud* DONNINI, 2018, n.p).³⁶

Para setores da mídia alternativa brasileira, entre eles a Revista Fórum, em um trecho intitulado “Intrigar: um método usado também hoje”, o Papa parece ter se dirigido ao Brasil, ao processo de *impeachment* da Ex-presidente Dilma Roussef (que setores da esquerda e da mídia alternativa chamam de golpe), e à prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao fazer uma descrição exata da atual situação política deste país:

Criam-se condições obscuras para condenar a pessoa, e depois a unidade se desfaz. Um método com o qual perseguiram Jesus, Paulo, Estevão e todos os mártires e muito usado ainda hoje. A vida civil, a vida política, quando se quer fazer um golpe de Estado: “a mídia começa a falar mal das pessoas, dos dirigentes, e com a calúnia e a difamação essas pessoas ficam manchadas”. Depois chega a justiça, “as condena e, no final, se faz um golpe de Estado”. Uma perseguição que se vê também quando as pessoas no circo gritavam para ver a luta entre os mártires ou os gladiadores. (ibidem).³⁷

Ainda nessa estrofe, Zé Vicente lembra que Jesus morreu na cruz pelo sofrimento e a dor do povo pobre e que, assim como ele ressuscitou, o povo também ressuscita, numa alusão às lutas populares que se dão às vezes por terra e por um teto para morar, muitas vezes, sofrendo com perseguições e morte. Contudo, quando conquistam moradias populares e terras para plantarem e sustentarem suas

³⁶ Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-05/papa-francisco-missa-santa-marta-unidade.html>> acesso em 26/07/2018.

³⁷ Ibidem.

famílias, é como se tivessem ressuscitado, assim como Jesus ressuscitou, na ótica deste artista católico. Desse modo, também pensava o monsenhor Romero, que afirmou ressuscitar no povo salvadorenho, caso fosse assassinado:

Eu já fui ameaçado de morte várias vezes... Se me matarem, ressuscitarei no povo salvadorenho. O martírio é uma graça de Deus que não creio merecer. Mas, se Deus aceitar o sacrifício de minha vida, deixe que meu sangue seja uma semente de liberdade e um sinal de que a esperança em breve se tomará realidade. Um bispo pode morrer, mas a Igreja de Deus, que é o povo, nunca perecerá. (ROMERO, *apud* LÖWY, 2016, p.175).

Em um sermão na Catedral Metropolitana dia 23 de março, monsenhor Romero tomou uma iniciativa, que Michael Löwy classificou de “sem precedentes”; ousou conclamar aos soldados a não obedecerem às ordens de seus superiores para matar os seus compatriotas salvadorenhos:

Eu gostaria de fazer um apelo especial aos membros do Exército. Irmãos, cada um de vocês é um de nós. Somos o mesmo povo. Os camponeses que vocês matam são seus próprios irmãos e irmãs. Quando vocês ouvirem a voz de um homem ordenando-lhes que matem, lembrem, em vez disso, da voz de Deus: “Não matarás!”
A lei de Deus deve prevalecer. Nenhum soldado é obrigado a obedecer uma ordem contrária à lei de Deus. Ainda há tempo para que vocês obedeçam sua própria consciência, mesmo diante de uma ordem pecaminosa para matar...Em nome de Deus, em nome de nosso povo atormentado cujos gritos se erguem ao céu, eu lhes suplico, eu lhes imploro, eu lhes ordeno: parem com a repressão! (ROMERO, *apud* LÖWY, 2016, p.175).

No dia posterior em que o monsenhor Romero fez o sermão conclamando os soldados a não atirarem contra seus compatriotas, ele foi assassinado pelos esquadrões da morte a mando dos paramilitares. Segundo Michael Löwy, o sacrifício de monsenhor Romero fez dele um símbolo carismático para todos os cristãos ativistas na América Latina e fora desse continente.

4.4 Diálogo entre a filosofia marxista e a música Canto dos mártires da terra

A música “Canto dos Mártires da Terra” é sempre cantada por romeiros nas várias Romarias, seja ela dos Mártires ou da terra em todo o Brasil. Segundo o próprio compositor, Zé Vicente, ela inspira e motiva à resistência, à perseverança na luta pelo direito à terra, à moradia, à dignidade, para ser reconhecido entre nós, o

Reino de Deus tão sonhado por Jesus. Na análise da música, serão utilizados dois elementos teóricos da filosofia marxista: a dialética e a luta de classe.

Venham todos cantemos um canto que nasce na terra.
Canto novo de paz e esperança em tempo de guerra!
Neste instante há inocentes tombando nas mãos de tiranos!
Tomar terra, ter lucros matando são esses seus planos.

Lavradores, Raimundo, José, margarida, nativo,
Assumir sua luta e seu sonho por nós é preciso.
Haveremos de honrar todo aquele que caiu lutando,
Contra os muros e cercas da morte jamais recuando.

Eis o tempo de graças, eis o dia da libertação!
De cabeça erguidas, de braços unidos irmãos!
Haveremos de ver qualquer dia chegando à vitória,
O povo nas ruas fazendo a história,
Crianças sorrindo em toda nação.

Companheiro, no chão desta pátria é grande a peleja!
No altar da Igreja o seu sangue bem vivo lateja!
Sobre as mesas de cada família há frutos marcados
e há flores vermelhas gritando por sobre os roçados.

Ó Senhor Deus da vida, escute este nosso cantar,
Pois contigo o povo oprimido há de sempre contar.
Para além da injúria e da morte conduz nossa gente.
Que seu reino triunfe na terra deste continente (VICENTE, 1986).

Na primeira estrofe, Zé Vicente conclama a todos a entoar um novo canto nascente da terra, em nome da paz e da esperança. Esse artista relembra e lamenta os milhares de inocentes que, a cada dia e cada hora, morrem nas mãos de poderosos latifundiários, que ele chama de “tiranos”. Essas pessoas, além de terem suas terras tomadas, são mortas em nome do lucro.

Na segunda estrofe, Zé Vicente cita alguns lavradores e lavradoras que foram assassinados em conflitos de terras: Raimundo, José e Margarida; que representa todos e todas que deram a sua vida pelos pobres, pelos marginalizados, pelos excluídos. Vicente também lembra todos os nativos, que representam tanto os indígenas, que, ainda, hoje são dizimados pelos poderosos, pelos invasores de suas terras, para explorar as riquezas naturais ou usá-las na produção no chamado agronegócio, quanto os camponeses, que nasceram e sempre viveram nas terras, que trabalhavam e que, ou foram expulsos, ou foram assassinados em nome do lucro. Esse artista afirma que o povo unido e organizado precisa assumir “o sonho e a luta” e honrar a todos que morreram, lutando por um mundo mais justo e fraterno,

contra as forças e poder do latifúndio que representa a morte: “contra os muros e cercas da morte jamais recuando”.

No refrão, Zé Vicente afirma que o tempo de graça está prestes a chegar e que o povo pobre e trabalhador irá vencer a luta contra os poderosos e escreverá sua própria história, na qual a libertação será a protagonista.

Na terceira estrofe, Zé Vicente afirma que no solo de nosso país, a luta é grande e que muitos trabalhadores e trabalhadoras que foram assassinados tiveram apenas o seu corpo “imolado”. O “sangue vivo, latejando nos altares das igrejas”, a que Vicente se refere, representa a memória dos mártires, de todos aqueles e aquelas que morreram lutando pela causa camponesa. Em muitas Comunidades Eclesiais de Base, principalmente aquelas que surgiram em áreas de conflitos, é comum uma Celebração Eucarística (uma missa) ou da palavra, dedicadas aos “santos” mártires. Na Igreja de São Felix do Araguaia, em Ribeirão Cascalheira, Mato Grosso, existe um santuário dedicado aos mártires da caminhada, onde acontece de cinco em cinco anos a Romaria dos Mártires da Caminhada. Segundo os organizadores dessa romaria, ela é: “Um encontro que celebra causas: a indígena, a de negros e negras, mulheres marginalizadas, meninos e meninas de rua, dos operários, onde os participantes da caminhada renovam seu compromisso com as lutas pela Vida e pela Justiça” (Prelazia de São Felix do Araguaia, 2011, n.p).³⁸

As flores vermelhas e os frutos marcados representam o sangue de trabalhadores e trabalhadoras, assassinados pelos donos do poder e do dinheiro e também as lideranças dos trabalhadores e trabalhadoras, que foram marcados para morrer pelos esquadrões da morte, que eram organizações paramilitares, que perseguiam e assassinavam membros de movimentos sociais e militantes de esquerda consideradas “subversivas” durante as ditaduras na América Latina, sobretudo, no Brasil. No Acre, na Região Amazônica, na década de 80, a casa de uma liderança camponesa, que era marcada para morrer, era manchada com sangue de boi e os assassinos deixavam também cabeças de boi em frente às residências. Quando os líderes seringueiros Wilson Pinheiro e Chico Mendes foram assassinados em 1980 e 1988, as fachadas de suas casas foram manchadas e as macabras cabeças bovinas deixadas em suas portas.

³⁸ Disponível em <http://www.prelaziasaofelixdoaraguaia.org.br/quemsomos/index.html> acesso em 28/07/2018.

Na quarta e última estrofe, Zé Vicente clama ao Deus Javé, que ele chama de “Deus da vida”, para que ele escute seu canto, o “canto dos mártires da terra”. Ele afirma que, apesar da opressão, de toda forma de escravidão e difamação o povo pode sempre contar com o auxílio divino, para conduzi-los aos triunfos nestas terras da América Latina. Em vista dos argumentos mencionados sobre esta música Canto dos mártires da Terra e levando em consideração a teoria marxista, podemos encontrar alguns elementos teóricos desse sistema filosófico. Identificamos dois: a dialética e a Luta de classes. Segundo as filólogas Maria Helena Pires Martins e Maria Lucia de Arruda, a dialética é:

A estrutura contraditória do real, que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese. A realidade em movimento é explicada pelo antagonismo entre o momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese. (PIRES; MARTINS 2009, p. 327)

Nessa música de Zé Vicente, a tese são os latifundiários, as madeireiras, os empresários do ramo de mineração, que, muitas vezes, expulsam os camponeses e índios de suas terras, ou assassina-os para tomá-las. A antítese são os camponeses, trabalhadores e trabalhadoras rurais, e os indígenas que lutam pela terra. A síntese é a vitória dos trabalhadores e trabalhadoras, e também a dos indígenas, quando retomam suas terras ou conquistam o direito de permanecer na terra em que nasceram e sempre viveram ou, ainda, quando numa disputa agrária, conseguem vencer o pleito judicialmente, recebendo o título fundiário.

É consenso entre os filósofos e filólogas marxistas que a luta de classes é o confronto entre duas classes antagônicas quando lutam por seus interesses de classe. Essa teoria segundo o próprio Marx não é nova, já tinha sido concebida muito antes dele por historiadores burgueses:

No que se refere a mim, não me cabe o mérito de haver descoberto nem a existência das classes, nem a luta entre elas. Muito antes de mim, historiadores burgueses já haviam descrito o desenvolvimento histórico dessa luta entre as classes e economistas burgueses haviam indicado sua anatomia econômica. O que eu trouxe de novo foi: 1) demonstrar que a existência das classes está ligada somente a determinadas fases de desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado; 3) que essa ditadura nada mais é que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes (MARX, *apud* PEREIRA, 2012, p. 3).

Observa-se que a teoria da luta de classes, nessa música de Zé Vicente, está presente tanto nas quatro estrofes da música, quanto no refrão. Ela é identificada na luta dos camponeses, trabalhadores rurais e dos indígenas (os nativos citados na segunda estrofe) contra os latifundiários, as madeireiras, os empresários do ramo de mineração. Os primeiros lutam para defender suas terras, ou contra o latifúndio improdutivo, e os últimos, recorrendo, muitas vezes, à violência, lutam para se apossar das terras dos primeiros.

4.5 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Baião do Peregrino Sofredor”

O ex-frade franciscano Leonardo Boff é considerado, ao lado do padre peruano Gustavo Gutiérrez, o fundador da Teologia da Libertação e um dos seus principais expoentes no Brasil. Internacionalmente, Boff é conhecido por sua defesa dos direitos dos pobres e dos excluídos. Seu livro “Jesus Cristo Libertador” é considerado, assim como “Teologia da Libertação: Perspectivas”, de Gutiérrez, a obra literária que deu início a esse ramo da teologia cristã. Nele, Boff retrata um cristo dialético, tanto humano, quanto divino, que sofreu e sofre o lado do seu povo, que, em marcha, clama e luta por Libertação e anseia por justiça, sobretudo justiça social. Foi nesta perspectiva que Zé Vicente compôs a música “Baião do Peregrino Sofredor”:

Bendita seja esta marcha, dos pobres, dos sofredores.
Romeiros de São Francisco, de Jesus os seguidores.

Já Chegou a Hora, tempo de Alegria,
Festa dos Pequenos, nesta Grande Romaria.

Das favelas e dos becos, do abandono nós chegamos.
E a ti nosso Deus clemente, reunidos nós clamamos.

Da terra somos expulsos, pela força da ambição.
Vem Senhor fazer justiça, aos pobres desta nação.

No corpo trazendo as marcas, do sofrimento e da dor.
Na alma trazendo a força, de Cristo nosso Senhor.

De ladrões e preguiçosos, somos sempre acusados:
Da riqueza que criamos, não somos recompensados.

Nas cadeias torturados, nos tribunais sem defesa.
Deus da vida e liberdade, vem salvar nossa pobreza.

Menores, negros, mulheres, deficientes pisados.
Reunidos na irmandade, nós seremos libertados.

Com Jesus Servo bendito, com Maria mãe das dores.
 Com os mártires, nossos santos, seremos libertadores.
 Nossa festa toma conta, da cidade e do sertão.
 A força nova da vida, brota em cada coração. (VICENTE, 2000).

No evangelho de Lucas, capítulo 6 e versículo de 20 a 26, Jesus fala das bem-aventuranças e começa com a seguinte frase: “Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence” (Lc 6, 20). Nesta primeira estrofe da música, *Baião do Peregrino Sofredor*, Zé Vicente começa “bendizendo” ou abençoando a marcha (caminhada) dos empobrecidos, dos que sofrem, e que em romaria seguem “São Francisco”, considerado o “Santo” dos pobres. “Feliz”, segundo o dicionário Aurélio é um dos vários sinônimos de “bendito”. Isso infere que Zé Vicente, ao usar essa palavra na sua composição quer dizer que a caminhada, a marcha dos pobres em romaria, por mais dura e difícil que seja, sempre será abençoada, porque Javé (Deus) está ao lado deles.

No refrão música, Zé Vicente afirma que o tempo de alegria chegou e que “os pequeninos de Javé”, como são chamados os pobres e oprimidos pelos teólogos da libertação, farão uma festa na grande marcha, na, grande romaria da libertação. Na segunda estrofe, Zé Vicente afirma que os pobres, oprimidos e “abandonados” são oriundos das favelas com seus “becos do abandono”, e que unidos e organizados clamam a Javé, que é um Deus bondoso e misericordioso.

Na terceira e na quarta estrofe, Zé Vicente afirma que, apesar de os pobres terem perdido suas terras por causa da ganância dos poderosos, Deus vai fazer justiça a eles e que o sofrimento, a dor, é a marca dos excluídos, dos oprimidos e humilhados. Porém, para esse compositor católico, os pobres, trazem “marcados” no espírito, metaforicamente falando, a “força de Jesus libertador.”

Na quinta e na sexta estrofe, Zé Vicente denuncia a criminalização da pobreza, dos Movimentos Populares e até das Pastorais Sociais. Em tempos de superestimação da ideologia conhecida como meritocracia, a qual afirma que o sucesso profissional e social é uma consequência dos méritos individuais de cada pessoa, no caso de suas dedicações e seus esforços, os pobres são criminalizados e acusados de preguiçosos ou rotulados de “vitimistas”.

São também criminalizados aqueles que lutam pela ascensão social dos pobres ou contra a tirania dos poderes estabelecidos e contra o chamado “*status quo*” que é a preservação do estado de exploração das classes populares, oprimidas

pelo sistema, identificado no capitalismo neoliberal, que, na verdade, só serve aos interesses das elites, ou seja, aos ricos e poderosos.

A história comprova que quem se levanta contra o poder opressor e hegemônico é quase sempre preso, acusado de corrupção ou outros crimes tão, ou mais graves, e é, até mesmo, assassinado, não importando se é um pobre trabalhador proletário, um camponês ou um agente pastoral, um padre, ou pastor ou, até mesmo um bispo ou cardeal. Foi assim que aconteceu com o operário negro brasileiro Santo Dias, com a líder sindical Margarida Alves, também brasileira, com a freira católica americana Dorothy Stang, com o arcebispo de El Salvador Oscar Romero e com o missionário reformador alemão do Século XVI, o anabatista Thomas Münzer, que criou junto com seus seguidores camponeses, uma comunidade messiânica muito parecida com a comunidade de “Canudos” de Antônio Conselheiro.

Todos esses personagens supracitados foram assassinados (com exceção de Antônio Conselheiro, que morreu de disenteria), porque ousaram defender os pobres, operários, camponeses, contra as tiranias dos ricos e poderosos, sejam eles aristocratas ou burgueses. Na sétima e na oitava estrofe, Zé Vicente se refere às várias categorias de excluídos da sociedade, e afirma que só vai haver libertação se unidos e irmanados lutarem por ela. Zé Vicente faz, na oitava estrofe, uma alusão à “profecia do Servo Sofredor” (Isaias, 56). Segundo os teólogos, esse profeta hebreu, citado no Antigo Testamento da Bíblia cristã, referia-se ao próprio Jesus, que para os cristãos é o messias prometido pelos antigos profetas e o filho do próprio Deus Javé.

Na nona e última estrofe, Zé Vicente afirma que a nova força, que vem do Deus da vida, brota nos corações dos pobres e que, unidos, operários e camponeses, cidade e Sertão, vão juntos para a grande celebração da vida. Diante do que já foi exposto, é possível identificar na música “Baião do Peregrino sofredor” dois elementos da teoria marxista: a teoria da alienação e, implicitamente, a teoria da dialética marxista. A teoria da alienação no marxismo consiste na perda pelo proletário da sua força de trabalho, que é apropriada pelo capitalista. O sociólogo político Carlos Eduardo Sell afirma que para Marx:

A alienação significa que a ‘exteriorização’ e objetivação dos bens sociais que resultam do processo de trabalho tornaram-se autônomos e independentes do homem, apresentando-se como realidades ‘estranhas’ e

opostas a ele, como um ser alheio que o domina. (SELL, *apud* BODART, 2013, n.p).³⁹

O proletário, por não ter os meios de produção, vende sua força de trabalho para o burguês em troca de um salário. A força de trabalho dos proletários é a sua capacidade produtiva. Na quinta estrofe de sua música, Zé Vicente afirma que pelas riquezas que os trabalhadores criaram não receberam recompensa. Isso significa que eles perderam o controle das riquezas produzidas, estando, portanto, alienados nas relações de produção. Sobre a dialética marxista, é importante ressaltar que, no Dicionário do pensamento marxista ela é conceituada como científica e histórica:

A dialética de Marx é científica porque explica as contradições do pensamento e as crises da vida socioeconômica em termos das relações essenciais, contraditórias e particulares que as geram (dialética ontológica). E a dialética de Marx é histórica porque a mesma tem raízes nas e é (condicionalmente) um agente das – mudanças nas relações e circunstâncias que descreve (dialética relacional). (BOTTOMORE 2013, p.174).

Sendo a dialética uma contradição entre a tese e a antítese, e sendo superada pela síntese, na música “Baião do Peregrino Sofredor”, podemos inferir que ela aparece em todas as estrofes. A tese é representada pelos ricos e poderosos que aparecem implícitos nesta música. A antítese é representada na figura dos “pobres e sofredores” (menores, negros, mulheres, deficientes e excluídos em geral), que aparecem na primeira e na sétima estrofe da música. Zé Vicente afirma que eles são expulsos das suas terras, são acusados de serem “ladrões e preguiçosos”, moram em favelas, trazem no corpo as “marcas do sofrimento, da dor”, são presos e torturados, sem sequer terem direito à defesa nos tribunais. A Síntese nesta música é a libertação tão presente nela. Aqui, essa libertação assume contornos metafísicos, mais especificamente na metafísica cristã, já que ele invoca e clama ao Deus cristão e a Jesus (que ele chama de servo bendito) por essa libertação.

4.6 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “De repente nossa vista clareou”:

³⁹Disponível em <<https://cafecomsociologia.com/alienacao-em-marx/>>acesso em 26/07/2018.

A Teologia da Libertação serviu como base teórica para a atuação da Igreja Católica latinoamericana a partir da década de 70 do século XX. Diante da realidade de exclusão dos pobres, de opressão, de dominação social, política, econômica e cultural da América Latina pelas potências europeias e pelos Estados Unidos, a Igreja enxergou a necessidade de uma nova “práxis” libertadora e de uma nova evangelização, adaptada à realidade do povo pobre e excluído, promovendo uma defesa plena da vida contra as tiranias do poder opressor. Diante desse novo contexto, a bíblia foi redescoberta e estudada nos ciclos bíblicos das Comunidades Eclesiais de Base, nas pastorais da juventude e outras pastorais sociais, fazendo o povo despertar para a luta. Foi esse contexto que levou Zé Vicente a compor a música “De repente nossa vista clareou”:

De repente nossa vista clareou! Clareou! Clareou!
E descobrimos que o pobre tem valor. Tem valor! Tem valor!

Nós descobrimos o valor da união,
Que é arma poderosa, e derruba até dragão.
E já sabemos que a riqueza do patrão,
E o poder dos governantes, passa pela nossa mão.

Nós descobrimos que a seca no Nordeste,
Que a fome e que a peste, não é culpa de Deus Pai.
A grande culpa é de quem manda no país,
Fazendo o povo infeliz, deste jeito é que não vai.

O que nós vemos é deputado e senador,
O banqueiro, o jogador, recebendo seus milhões.
Enquanto isso o povo trabalhador,
Derramando seu suor, tem que viver de tostões.

Temos certeza que Deus pai libertador,
Lá na bíblia nos deixou, um caminho para seguir.
Uniu seu povo que era escravo no Egito,
Faraó ficou aflito e Moisés pode seguir. (VICENTE, 2004).

Numa entrevista em uma rádio católica, Zé Vicente afirmou que escreveu essa música quando começou a participar dos ciclos bíblicos promovidos pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEBS - de Crateús, no Ceará. Nesses encontros, a bíblia era interpretada à luz da Teologia da Libertação e a partir da realidade do povo pobre e excluído. É notório que, nessa música, o povo pobre foi esclarecido ao tomar conhecimento dessa nova interpretação bíblica, valorizando a luta dos pobres.

É possível identificar, na música “De repente nossa vista clareou”, quatro elementos teóricos do marxismo: a alienação; a ideologia; a superestrutura e a luta

de classes. A teoria da alienação nessa música é identificada tanto no sentido gramsciano, quanto no marxista. Segundo as filólogas Aranha e Martins (2013), no sentido gramsciano em um primeiro momento:

A ideologia tem a função positiva de atuar como cimento da estrutura social. Quando incorporada ao senso comum, ajuda a estabelecer o consenso, conferindo hegemonia a uma determinada classe, que passará a ser dominante (ARANHA; MARTINS, 2013, p. 97)

Na primeira estrofe, a ideologia assume uma dimensão gramsciana quando Zé Vicente afirma que o povo, outrora alienado ideologicamente, toma consciência da sua situação de empobrecido, de explorado, e passa crer que a arma mais poderosa contra o poder opressor é exatamente a união. A ideologia nessa perspectiva é positiva porque os pobres tomam consciência de que a riqueza da burguesia e o poder de quem governa só são possíveis por causa da mão de obra e do voto da classe operária e camponesa. Observa-se que, na música, a superestrutura da sociedade é percebida pela a classe popular. Tal conscientização, é fundamental para traçar estratégias de luta contra a exploração do proletariado e do campesinato. É necessário ressaltar que a superestrutura tem um caráter político e ideológico e que, segundo Aranha e Martins, constitui-se pelos seguintes aspectos:

A estrutura jurídico-política representada pelo Estado e pelo direito: segundo Marx, a relação de exploração de classe no nível econômico repercute na relação de dominação política, porque o Estado e as leis estão a serviço da classe dominante e a estrutura ideológica, as expressões da consciência social, tais como a religião, as leis, a educação, a literatura, a filosofia, a ciência e a arte; também nesse caso, a classe dominada submete-se à ideologia, porque sua cultura reflete as ideias e os valores da classe dominante (ARANHA; MARTINS, 2013, p. 264).

Na segunda estrofe, a ideologia assume uma dupla perspectiva: marxista e gramsciana. É necessário salientar que Marx tinha uma visão negativa da ideologia; na sua ótica, ela esconde os conflitos de classes. Segundo Aranha e Martins (2013), a ideologia para Marx é:

Uma distorção da realidade porque camufla os conflitos existentes no seio da sociedade, ao apresentá-la una e harmônica, dando a ilusão de que todos os indivíduos partilham dos mesmos interesses e ideais (ARANHA; MARTINS, 2013, p. 93).

Ao criticar a ideologia fatalista e determinista, que coloca a culpa de todos os males em Deus, a ideologia defendida por Zé Vicente nessa música, aproxima-se mais da perspectiva gramsciana do que especificamente a de Marx. Para esse compositor católico, a culpa da seca no Nordeste, da fome e das doenças é da classe dominante, que faz uma política baseada na exploração do povo, empobrecendo-o.

Na terceira estrofe, é possível identificar a teoria da dialética marxista quando Zé Vicente denuncia as desigualdades na distribuição de renda no Brasil, onde políticos, jogadores e banqueiros ganham altos salários, enquanto que o povo pobre trabalhador é obrigado a viver com seus baixos salários.

É preciso frisar que o problema da desigualdade está intimamente ligado à questão da concentração de terra e de renda no Brasil. É necessário ressaltar que, segundo dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), colhidos no Censo Agropecuário de 2017, a estrutura agrária no Brasil aumentou ainda mais a sua concentração nos últimos 11 anos, desde o último levantamento. De acordo com jornalista Rute Pina, do Jornal Brasil de Fato a pesquisa do IBGE informou que:

As propriedades rurais com até 50 hectares (equivalentes a 500 mil m², ou 70 campos de futebol cada) representam 81,3% do total de estabelecimentos agropecuários, ou seja, mais de 4,1 milhões de propriedades rurais. Juntas, elas somam 44,8 milhões hectares, ou 448 mil km², o que equivale a 12,8% do total da área rural produtiva do país.

Por outro lado, 2,4 mil fazendas com mais de 10 mil hectares (100 km², ou 14 mil campos de futebol cada), que correspondem a apenas 0,04% das propriedades rurais do país, ocupam 51,8 milhões de hectares (518 mil km²), ou 14,8% da área produtiva do campo brasileiro.

O Censo Agropecuário é feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A última edição da pesquisa foi realizada em 2006. Na época, os produtores com até 50 hectares representavam 78,4% e estavam em uma área correspondente a 13,3% da área rural produtiva.

Por outro lado, 2,4 mil fazendas com mais de 10 mil hectares (100 km², ou 14 mil campos de futebol cada), que correspondem a apenas 0,04% das propriedades rurais do país, ocupam 51,8 milhões de hectares (518 mil km²), ou 14,8% da área produtiva do campo brasileiro (PINA, 2018, n.p).⁴⁰

No que diz respeito à concentração de renda no Brasil, uma reportagem do Jornal Valor Econômico mostra que, segundo o IBGE, a Renda de 1% mais rico é 36 vezes a média da metade mais pobre:

⁴⁰ Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2018/07/26/no-brasil-2-mil-latifundios-ocupam-area-maior-que-4-milhoes-de-propriedades-rurais/>> acesso em 28/07/2018.

O grupo dos 1% mais ricos da população brasileira tinha um rendimento médio (de todos os trabalhos) de R\$ 28.040 mensais no ano passado, 36,1 vezes acima da que recebia a metade mais pobre da população no período (R\$ 754). Os números que mostram a concentração de renda existente no país são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (BOAS, 2018, n.p).⁴¹

Na quarta e última estrofe, Zé Vicente relembra o episódio bíblico do “Êxodo” onde o povo hebreu, que era oprimido pelo faraó com ajuda de Moisés, fugiu do Egito. Segundo esse artista, isso só foi possível por conta da união dos hebreus sobre a liderança de Moisés.

É consenso entre os teólogos que a fé no Deus Yavé deu força para eles agirem; porém, a fuga só foi possível, porque os hebreus resolveram se unir e enfrentar o poder opressor do Faraó. Mais uma vez, identificamos a teoria da luta de classes, pois os hebreus eram escravos dos egípcios e chegou o momento em que eles, liderados por Moisés e Aarão, fugiram do Egito.

Fazendo uma analogia com a atualidade, percebe-se que da mesma forma que o povo hebreu era oprimido no Egito, os pobres, hoje, são oprimidos no Brasil. A figura de Moisés representa as lideranças de movimentos sociais, que lutam contra toda forma de opressão. O Faraó representa a classe dominante, que, na contemporaneidade, é a burguesia capitalista e seus asseclas no poder público.

4.7 Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Ofertório do povo”:

O evangelho de Jesus segundo Lucas, encontrado na Bíblia cristã católica, é o mais dialético desse grande livro, considerado sagrado para os praticantes dessa denominação religiosa. Nele, um Jesus, “que se fez Homem” desafia a superestrutura da sociedade hebraica e também o poderoso Império Romano, no século I d.C., assumindo uma opção preferencial pelos pobres e denuncia a hipocrisia social de forma contundente, mexendo com os privilegiados, principalmente com os Fariseus, Saduceus e Doutores da lei. Segundo o próprio Zé Vicente, as letras de suas músicas são inspiradas nos “Evangelhos de Jesus Cristo, que infere, no caso desta letra específica, a inspiração pode ter sido à passagem bíblica da oferta da viúva pobre no templo:

⁴¹ Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2018/07/26/no-brasil-2-mil-latifundios-ocupam-area-maior-que-4-milhoes-de-propriedades-rurais/>> acesso em 28/07/2018.

“Erguendo os olhos, Jesus viu pessoas ricas que depositavam ofertas no tesouro do templo. Viu também uma viúva pobre, que depositou duas pequenas moedas Então disse:

- Eu garanto a vocês: Esta viúva pobre depositou mais do que todos, pois os outros depositaram do que estava sobrando para eles. Mas a viúva na sua pobreza depositou tudo que tinha (LUCAS 21, 1-4)

Nessa música “Ofertório do povo”, Zé Vicente também relembra a história da “luta do povo oprimido” do Nordeste Brasileiro, de camponeses e operários assassinados por lutarem contra toda forma de opressão e escravidão. Essa música será analisada à luz das teorias marxistas da ideologia, dialética e luta de classes:

Quem disse que não somos nada,
E que não temos nada para oferecer.
Repare as nossas mãos abertas,
Trazendo as ofertas do nosso viver.

A fé do homem nordestino,
Que busca um destino,
E um pedaço de chão.
A luta do povo oprimido,
Que abre caminho transforma a nação.
O, o, o, o, recebe Senhor.

Retalhos de nossa história,
Bonitas vitórias que meu povo tem.
Palmares, Caldeirão, Canudos,
São lutas de ontem e de hoje também.
O, o, o, o, recebe Senhor.

Aqui trazemos a semente,
Sangue desta gente que fecunda o chão.
Do gringo e tantos lavradores,
Santo e operários em libertação.
O, o, o, o, recebe Senhor.

Coragem de quem dá a vida,
Seja oferecida neste vinho e pão.
É força que destrói a morte,
Muda nossa sorte é ressurreição.
O, o, o, o, recebe Senhor. (VICENTE, 2000).

No refrão dessa música, logo no seu início, Zé Vicente faz um questionamento para aquelas pessoas que acham que os pobres “não têm nada para oferecer”. Ele convida-os a reparar nas mãos que se abrem para trazer as ofertas da vida do povo pobre oprimido. Gramsci considerava a ideologia algo positivo, quando ela era historicamente orgânica:

As ideologias 'arbitrárias' merecem ser submetidas a uma crítica que, de fato, as desqualifica. As ideologias 'historicamente orgânicas', porém, constituem o campo no qual se realizam os avanços da ciência, as conquistas da 'objetividade', quer dizer, as vitórias da representação daquela realidade que é reconhecida por todos os homens, que é independente de qualquer ponto de vista meramente particular ou de grupo (GRAMSCI, *apud* KONDER, 1977, p. 156).

Nota-se, na letra dessa música um posicionamento ideológico positivo, no sentido gramsciano. A ideologia nessa letra está presente na constatação de que o povo pobre, apesar de, aparentemente, nada possuir, é solidário com os aqueles que mais precisam. A solidariedade é um elemento ideológico que surge organicamente a partir dos pobres em detrimento do egoísmo e da desigualdade, tão invocados atualmente em tempos de apologia a meritocracia.

Para Leonardo Boff (2011), quem fica dos lados dos pobres, sofre acusações por parte dos poderosos, não importando se são civis ou religiosos:

Antes de ser pobre, ele é um oprimido ao qual a Igreja deveria sempre se associar em seu processo de libertação. Isso não é politizar a fé mas praticar uma evangelização que inclui também o político. Consequentemente, quem toma partido pelo pobre-oprimido sofre acusações e marginalizações por parte dos poderosos seja civis, seja religiosos (BOFF, 2011, n.p.)⁴²

Marx, no seu livro *O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte* também afirma que quem desafia os poderes estabelecidos também sofre perseguições.

E, por fim, os próprios sumos sacerdotes da "religião e ordem" são escorraçados a pontapés dos seus tripodes pítios*, tirados das suas camas na calada da noite, enfiados em carruagens prisionais, jogados em cárceres ou mandados ao exílio, o seu templo é arrasado, a sua boca é selada, a sua pena quebrada, a sua lei rasgada, tudo em nome da religião, da propriedade, da família, da ordem. (MARX, 2011, pg 42).

É preciso frisar que Marx se referia a Luiz Napoleão, sobrinho de Napoleão Bonaparte. Luiz Napoleão era o governante francês na época em que Marx escreveu o livro supracitado.

Na primeira estrofe da música, Zé Vicente afirma que a nação brasileira será transformada pela "fé" do povo nordestino, que luta por reforma agrária. Esse povo, apesar de oprimido, prepara o caminho para uma sociedade mais justa e igualitária.

⁴² Disponível em <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/acessoem22/10/2017>

A teoria marxista presente na letra dessa estrofe é a luta de classes. Podemos inferir que a luta de classes é entre os pobres, especificamente do Nordeste, oprimidos pelo sistema capitalista e as poderosas aristocracias e oligarquias rurais dessa mesma região.

Zé Vicente, na segunda estrofe, fala de fatos históricos que marcaram o Nordeste brasileiro no período colonial e na Primeira República. No período colonial, esse artista cearense fala do Quilombo dos Palmares de Zumbi, e na Primeira República, dos episódios de Caldeirão e de Canudos, dos beatos José Lourenço e Antônio Conselheiro. Analisando esta estrofe pela teoria da dialética marxista, temos como a tese, no caso do episódio de Palmares, os senhores de engenho escravocratas e o Governo Geral de Pernambuco.

Nos episódios de Caldeirão e Canudos, a tese são os grandes latifundiários representados na figura dos coronéis, a Igreja Católica, os Governos do Ceará e Bahia e do próprio Governo republicano de Prudente de Moraes (este no episódio de Canudos). A antítese, ou seja, a contradição, é o próprio Quilombo dos Palmares, representado na figura de Zumbi e seus guerreiros, o episódio de Caldeirão, representado pela figura do Beato José Lourenço e seus seguidores e de Canudos, por Antônio Conselheiro e seus seguidores. Ambas as comunidades foram destruídas e suas principais lideranças mortas, a maioria assassinadas. Nos casos do dos Beatos Conselheiro e Lourenço, eles morreram de doenças. Conselheiro de disenteria e Lourenço de peste bubônica.

A síntese nesses episódios supracitados, é a condição de símbolos de resistências contra toda forma de opressão que essas três figuras históricas foram alçadas, assim como suas referidas comunidades. Zumbi tornou-se um símbolo de luta contra o racismo e pelo empoderamento dos negros e negras do Brasil.

A data da morte de Zumbi, descoberta por historiadores, no início da década de 1970, foi alçada como símbolo da luta e resistência dos negros escravizados no Brasil, bem como da luta por direitos que seus descendentes reivindicam, durante um congresso do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978 (CANTALICE, 2005, n.p).⁴³

Segundo a Fundação Cultural Palmares (FCP), entidade criada pela Lei n.º 7.668/1988, que tem como finalidade promover a preservação dos valores culturais,

⁴³ Disponível em <<http://www.palmares.gov.br/?s=Zumbi%2C+heroi+nacional>>acesso em 27/07/2018.

sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira:

O Dia da Consciência Negra foi criado em 2003 e instituído oficialmente em 2011, pela Lei 12.519 e declarado feriado em mais de mil municípios brasileiros, é uma data a ser celebrada ininterruptamente e a memória de Zumbi dos Palmares, algo a ser expandido continuamente (CANTALICE, 2005, n.p).⁴⁴

Sobre o episódio de Canudos, segundo o jornalista e escritor Rui Facó (1903-1963), a religiosidade de Antônio Conselheiro e a fé inabalável de seus seguidores no “Bom Jesus” (era assim que os sertanejos o chamavam), foi canalizadora para que os conselheristas pegassem em armas e lutassem contra a República, pois a consideravam um “espírito do demônio”. A República só podia ser confundida, em seu espírito primário, com a lei do Diabo... Contra ela, portanto, a sua religiosidade se levantava, de armas nas mãos, uma vez que com armas era agredido (FACÓ 1963, p. 89).

O jornalista e escritor Euclides da Cunha, no seu clássico livro “Os Sertões”, publicado em 1902, confirmou também a resistência do povo simples dessa comunidade sertaneja, mostrando que não houve rendição por parte dos canudenses:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Vencido palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados (CUNHA, *apud* COTRIN, 2005, p. 472).

Sobre o episódio de Caldeirão, a fé e a confiança no seu líder religioso, o beato José Lourenço, fizeram com que os habitantes dessa localidade resistisse até a morte as investidas do Estado Brasileiro, que usou até aviões para bombardear essa comunidade simples sertaneja.

O ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, autoriza o auxílio necessário pelas tropas regulares sediadas em Fortaleza. Até aviões, então escassos, recebem ordem de levantar voo para bombardear o nucleamento de Lourenço e Severino Tavares. (FACÓ, 1963, p. 210).

⁴⁴ Disponível em <<http://www.palmares.gov.br/?s=Zumbi%2C+heroi+nacional>>acesso em 27/07/2018.

Antônio Conselheiro e José Lourenço tornaram-se símbolos da resistência camponesa e exemplos de como a religião pode ser instrumentalizada a favor da libertação dos pobres, dos excluídos e oprimidos, apesar do seu poder de coesão e alienação.

Na terceira estrofe da música “Ofertório do Povo”, Zé Vicente, por ser um poeta, usou uma licença poética ao referir-se ao sangue dos “mártires” como “sementes de libertação”. Esse artista popular, relembra a memória de dois personagens que foram assassinados durante o Regime Militar brasileiro, que começou em 1964: Raimundo Ferreira da Silva, mais conhecido como “Gringo” e Santo Dias da Silva.

Raimundo “Gringo” foi líder do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia e agente de pastoral da diocese dessa mesma cidade. Segundo o site “Irmandade dos mártires da Caminhada”, ele foi sequestrado a mando dos latifundiários locais com a conivência da polícia e foi levado de madrugada aos arredores de Araguaína, torturado e morto à bala. Seu corpo apresentava sinais de golpes na cabeça e um braço fraturado.

A história de “Gringo” nada mais é que a própria história de seu povo, cujos direitos defendeu, como cristão e como sindicalista autêntico. Muitas vezes ameaçado de morte, jamais cedeu diante dessas ameaças. Verdadeiro líder, *“sua combatividade e sua coragem eram nossa força, que crescerá com seu martírio”*, afirma um de seus companheiros sindicalistas. (TONNY, 2017, n.p).⁴⁵

O operário e metalúrgico Santo Dias assim como o Gringo também fazia parte de uma Pastoral Social da Igreja Católica, a Pastoral Operária. Ele foi morto pela Polícia Militar quando participava de uma greve no dia 30 de outubro de 1979. Quem comandava a greve era exatamente ele. Segundo o site “Memória da Ditadura”, Santo Dias era agricultor e foi expulso da terra onde vivia com a família em 1961, após participar de um movimento por melhores condições de trabalho.

Santo Dias se tornou mártir da luta operária. Familiares, amigos e companheiros criaram o Comitê Santo Dias para pressionar pela condenação do soldado Herculano Leonel, acusado de desferir o tiro que matou o operário, e não deixar a história cair no esquecimento. O policial foi

condenado em 1982 a seis anos de prisão, mas recorreu e o processo foi arquivado (MEMÓRIA DA DITADURA, 2013, n.p).⁴⁶

Ainda sobre Santo Dias, o Agente de Pastoral Waldemar Rossi (2009), que faz parte da Pastoral Operária de São Paulo escreve:

Santo Dias da Silva era um trabalhador inteligente, sensível aos problemas sociais, de formação cristã na linha da Teologia da Libertação, isto é, entendia a mensagem da busca da justiça como fundamental para a vivência dos ensinamentos do Evangelho. Nasceu em 22 de fevereiro de 1942, em Terra Roxa, São Paulo, onde iniciou sua militância na fazenda em que morava com seus pais. Tomando conhecimento dos direitos elementares dos trabalhadores rurais, começou seu trabalho de conscientização dos companheiros do campo e, juntos, partiram para os primeiros enfrentamentos com o fazendeiro. Santo Dias pagou o preço de sua ousadia com a perda do trabalho e o desalojamento de toda sua família da fazenda. Continuou sua luta até mudar-se para a cidade grande, São Paulo. Consciente do valor social do seu trabalho como metalúrgico, dedicava-se em desempenhá-lo corretamente, assim como usava seu tempo para unir seus companheiros (ROSSI, 2009, n.p).⁴⁷

Na quarta e última estrofe, Zé Vicente oferece os símbolos do pão e do vinho, muito utilizados nas cerimônias eucarísticas católicas e que representam a coragem daqueles que estão dispostos a doar sua vida em nome da liberdade. Para Zé Vicente, essa força é destruidora da própria morte, sendo também libertação.

A teoria marxista presente, nessas duas últimas estrofes, é a luta de classes. Temos a classe dominante opressora, representada pelos latifundiários e grandes empresários e os governantes do Regime Militar, com os seus vassalos e a classe empobrecida, representada pelos operários e lavradores: O Gringo e o Santo Dias. Marx, no seu livro "O 18 Brumário de Luiz Bonaparte" afirma que quem desafia as estruturas do poder opressor, seja de que partido for, vai sucumbir diante daqueles que defendem ou afirmam defender a propriedade, a família, a religião e a ordem:

A partir desse momento, sempre que qualquer um dos numerosos partidos que haviam se conglomerado sob esse signo contra os insurgentes de junho tenta impor na arena revolucionária o interesse da sua própria classe, ele sucumbe diante do mote: "Propriedade, família, religião, ordem". (MARX, 2011, p. 42).

⁴⁶ Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/santo-dias/index.html>> acesso em 09/06/2018)

⁴⁷ Disponível em <<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/santo-dias-um-martir-da-luta-dos-trabalhadores/>> acesso em 27/07/2018

Para Marx, qualquer reivindicação, ainda que seja a favor do liberalismo ou da democracia, é estigmatizada de socialismo:

A sociedade é salva sempre que o círculo dos seus dominadores se estreita, sempre que um interesse mais exclusivo é imposto a um mais amplo. Toda e qualquer reivindicação da mais elementar reforma financeira burguesa, do mais trivial liberalismo, do mais formal republicanism, da mais banal democracia é simultaneamente punida como "atentado contra a sociedade" e estigmatizada como "socialismo". (MARX, 2011, p. 42).

Foi contra a ameaça do comunismo que os militares, com o apoio da parte mais abastada da sociedade civil, deram um golpe em 1964 e instauraram uma ditadura, perseguindo, torturando e assassinando pessoas como Gringo e Santo Dias, que eram rotulados de socialistas e, principalmente, de comunistas. Nesse período, a luta de classes era intensa, inclusive armada. Muitos operários, estudantes e até padres católicos e pastores protestantes perderam suas vidas, lutando contra o regime autoritário dos militares.

4.8 Diálogo entre a filosofia marxista e a música *Meu canto, minha arma*

Em uma entrevista à jornalista Tânia Caliarí do *Goethe-Institut*, um instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha, o teólogo Leonardo Boff, um dos precursores da Teologia da Libertação na América Latina, fala sobre a herança da teoria marxista para o movimento no continente. Para Boff, Marx deixou para nós uma lição impossível de refutar: “o pobre é um explorado e oprimido pelo sistema capitalista” (BOFF, apud Caliarí, 2018, n.p). Para esse teólogo, se há uma opressão, o contrário dela deve ser a libertação. A música “Meu canto, minha arma”, de Zé Vicente resume bem o pensamento teológico libertador latinoamericano, ao qual Boff se refere.

O tempo é pesado, eu sei.
Há fome de pão e de paz.
Não é este o país que eu sonhei.
Tá demais!
Já chega de medo e mentiras.
Violência e roubo à nação!
O sim é só para a verdade
O resto é não!

E eu vou por aí com meu canto.
Abrindo estradas, quebrando encantos.

Rompendo as barreiras do coração.
 Rasgando mentiras e ilusão!
 Meu canto é arma, eu sei...
 E há tempos estou na luta!

Quem diz que a dor é eterna.
 Que o cego não pode enxergar!
 Que a sorte é que nos governa,
 Vejam lá.
 Os raios do sol batem forte.
 A gente sabe, já vê.
 A força do amor vence a morte
 Faz viver! (VICENTE, 1995).

Na primeira estrofe da sua música, Zé Vicente reconhece o “peso”, metaforicamente falando, do tempo. Para esse compositor católico, povo tem fome, tanto material, quanto espiritual. Como, segundo esse autor, suas músicas são inspiradas nos evangelhos de Jesus Cristo, podemos inferir que há uma conexão entre a estrofe dessa música referente ao trecho que afirma que “há fome de pão e de paz” com a passagem bíblica das bem-aventuranças. “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (MATEUS 5: 6).

Zé Vicente revela-se desiludido com o Brasil ao afirmar que não era este o país com que ele tinha sonhado. Ele denuncia a mentira, o roubo à nação brasileira e a violência que causa medo aos pobres, revelando a luta de classe presente entre a classe oprimida, que é a classe popular e a classe opressora, as elites. Para este artista a verdade deve sempre prevalecer acima de tudo.

Existe um ditado popular muito difundido entre os artistas, que diz, exatamente, o seguinte: “o artista vai onde o povo está”. Essa segunda estrofe mostra o espírito nômade e errante do artista Zé Vicente, quando ele afirma que “vai por ai com seu canto”, e que “seu canto é sua arma” na luta contra toda forma de injustiça e de toda opressão, mentiras ou desilusão. Para o filósofo marxista e crítico literário britânico Terry Eagleton (2012), a arte é uma imagem do trabalho não alienado. Segundo ele, o filósofo Alemão Karl Marx gostava de ver o que escrevia.

Era assim que Marx gostava de ver seus escritos, os quais certa vez descreveu como parte de “um todo artístico” e em cuja redação (diferentemente da maioria de seus discípulos) ele dedicava uma atenção meticulosa ao estilo. Ao mesmo tempo, seu interesse em arte não era puramente teórico. Ele próprio compunha poesia lírica e escreveu um romance cômico, um fragmento de drama em versos e um manuscrito de tamanho considerável sobre arte e religião. Também planejava um jornal de crítica dramática e um tratado sobre estética. O escopo de seu

conhecimento de literatura universal era impressionante. (EAGLETON, 2012, pg 77).

Para Eagleton, o trabalho dos seres humanos não é gratificante, com raras exceções: “o trabalho na sociedade humana sempre se deu sob alguma forma de coerção mesmo que seja apenas pela necessidade de não morrer de fome” (EAGLETON 2012, p. 77).

Eagleton afirma que o trabalho se dá sobre uma sociedade classista para gerar lucros e poder para uma minoria. Porém para um artista como Zé Vicente sua arte, (música e poesia), apesar de ser seu trabalho, é prazerosa e utilitária, pois é usada como uma forma de educação e denúncia.

Nessa terceira estrofe, mais poética das duas, Zé Vicente questiona o determinismo e o fatalismo de alguns cristãos, que acreditam que tudo é obra do acaso ou da sorte. Algumas pessoas acreditam que a sociedade é regida por leis naturais e que é impossível mudá-las, como, por exemplo, os liberais que acreditam que o Estado não deve interferir na economia e que as desigualdades sociais são algo normal na sociedade capitalista.

A intervenção do estado na economia, quando logra amenizar um problema, o faz à custa da criação de outro problema; se melhora a situação de um, termina por prejudicar a de outro (...)

O liberal, no entanto, é cético quanto à ação estatal, porque a implantação do bem-estar geral demandará concentração de poder e de riqueza no estado. Essa concentração reduz o poder da sociedade, e pode torná-la refém das elites que controlam o estado. (MAULTASCH, 2017, n.p).⁴⁸

Zé Vicente, porém, afirma de forma metafórica que assim como o sol brilha para todos, a justiça tende a prevalecer sobre a injustiça, e que nada é mais forte do que o amor, que vence até a morte, gerando vida.

4.9. Diálogo entre a filosofia marxista e a música “Eu venho de lá da roça”:

O Manifesto Comunista, livro escrito por Karl Marx e Friedrich Engels em 1847, afirma que toda e qualquer história das sociedades, desde o seu surgimento até hoje, é voltada para luta de classe.

⁴⁸ Disponível em <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2688>> acesso em 28/07/2018.

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. (MARX; ENGELS, 1847-1848, p. 01).

Essa teoria da luta de classe, formulada por Marx e Engels, apesar das várias interpretações e qualificações dos teóricos marxistas ao longo da história, infere que tanto na história escrita, quanto na oral, esse fenômeno histórico-social está presente. A letra da música “Eu venho de lá da roça” de Zé Vicente vai falar exatamente dela, estando presente em todas as estrofes.

Eu venho de lá da roça, eu venho do interior.
Me escutem que sou brasileiro, eu sou sertanejo
Sou bom lavrador.

Na terra pisada e tão seca,
A fome é herança maior.
O pobre mais pobre sem vez,
Nordeste de mal a pior!
O rico mais rico explorando,
Promessas em cada eleição.
E a gente cansado de ver,
O mal dominar a nação!

Se a gente vai junto à cidade,
Pedir um trabalho ao doutor.
Tem cara de espanto nas portas,
Tem riso de nojo e temor!
Soldados sempre nos esperam,
Armados ou como espião!
Parece que somos bandidos,
E acusam de agitação!

Quem é que produz a comida?
O milho, o arroz e o feijão?
A soja, a fruta e a verdura?
Cebola, café e algodão?
É o povo que vive na roça,
Gastando o suor e a coragem!
Pra enricar seu fulano sabido,
Que só ver a roça de passagem!

Irmãos da enxada e da luta,
É tempo de agente enxergar.
Que a terra, o poder e a riqueza,
Não servem do jeito que estar!
Não dar para esquecer que na história,
O sangue e a fé nos uniu.
E unidos seremos a força,
Que vai transformar o Brasil. (VICENTE, 2004)

A música começa com refrão no qual um narrador-personagem expõe suas origens camponesas e interioranas de homem da roça. Porém deixa claro que é brasileiro sertanejo e lavrador.

Na primeira estrofe, nota-se uma relação de causa e consequência entre os fenômenos da fome e da seca no Nordeste. Há também uma relação dialética entre os pobres e os ricos. O empobrecimento crescente do proletariado é descrito na música. A contradição dessa relação dialética está no fato de a pobreza crescente ser resultado da exploração da mão de obra assalariada pela burguesia. O acúmulo de riquezas da burguesia é uma consequência da exploração da mão de obra assalariada dos proletários. Karl Marx e Friedrich Engels, no Manifesto Comunista chamam atenção para tal fato:

A condição essencial da existência e da supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos dos particulares, a formação e o crescimento do capital a condição de existência do capital é o trabalho assalariado (MARX; ENGELS, 1847-1848, p. 8).

Marx, em no seu livro *Critica da economia política*, afirma que, na produção social, os homens se relacionam e produz meios necessários a sua sobrevivência mediante suas forças produtivas.

Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência (MARX, 2008, p. 47).]

Para esse filósofo alemão, em todo sistema, existe uma superestrutura política e jurídica. Nessa estrofe, Zé Vicente afirma que, no caso do Brasil, ela está a serviço dos poderosos e a identifica que como o “mal que governa a nação brasileira”. O compositor também denuncia promessas vazias dos políticos em épocas de eleição, que também estão a serviço da classe burguesa, rica e poderosa.

Na segunda estrofe, nota-se que o compositor também denuncia a criminalização da pobreza, quando se refere às “caras de espanto e os risos de nojo e temor” do povo da cidade. Percebe-se, na letra dessa estrofe, o papel das forças

policiais do Estado, que estão a serviço da repressão dos trabalhadores, sempre acusados de agitadores ou baderneiros. Hoje, na contemporaneidade, qualquer pessoa ou grupo que denuncia a exploração dos trabalhadores é comumente acusado de “esquerdopata”, de “bolivariano” e de “comunista”, mostrando que, em pleno século XXI, uma parcela da sociedade brasileira é ainda bastante reacionária, com uma mentalidade que remete à Guerra Fria e até mesmo ao século XIX, quando Marx e Engels, no Manifesto Comunista fazia semelhante afirmação e indagação:

Que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infame de comunista? (MARX; ENGELS, 1847-1848, p. 06).

Na terceira estrofe, Zé Vicente deixa claro que tudo o que consumimos é produzido pelo camponês, o “povo que vive na roça” e nessa relação de produção, o produto do trabalho e do esforço do homem e da mulher do campo é apropriado pela burguesia. Marx chama de alienação o fato de o proletário perder o controle da sua força de trabalho, apropriado pelo burguês capitalista.

Assim como o trabalho alienado aliena do homem a natureza e [2] aliena o homem de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital, ele o aliena da própria espécie (...). Ele (o trabalho alienado) aliena do homem o seu próprio corpo, sua natureza externa, sua vida espiritual e sua vida humana (...). Uma consequência direta da alienação do homem com relação ao produto de seu trabalho, a sua atividade vital e à vida de sua espécie é o fato de que o homem se aliena dos outros homens (...). Em geral, a afirmação de que o homem está alienado da vida de sua espécie significa que todo homem está alienado dos outros e que todos os outros estão igualmente alienados da vida humana (...). Toda alienação do homem de si mesmo e da natureza surge na relação que ele postula entre outros homens, ele próprio e a natureza. (MARX *apud* BOTTMORE, 2012, p.21).

Essa teoria marxista da alienação fica nítida nessa estrofe, quando o compositor atribui aos camponeses a produção de tudo que se consome e as riquezas que são apropriadas pelos burgueses, chamados por ele, ironicamente, de “Seu fulano sabido”. Zé Vicente afirma que esse “fulano sabido só vê a roça de passagem”. É necessário ressaltar que a maioria dos empresários do agronegócio vivem nas áreas urbanas, embora tenham propriedades nas áreas rurais.

Na quarta e última estrofe, Zé Vicente denuncia a concentração de terra e de riqueza e conclama a todos os trabalhadores que, ele chama de “irmãos da enxada e de luta” a se conscientizarem e se unirem para transformar o Brasil. Zé Vicente acredita que a união dos trabalhadores gera essa força transformadora, não esquecendo aqueles que derramaram seu sangue em nome da fé e da união de todos os trabalhadores. É a união dos trabalhadores, que Marx também conclama no final do Manifesto Comunista, afirmando que eles não têm nada a perder a não ser as suas cadeias. “Os proletários nada têm a perder nela a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!” (MARX; ENGELS, 1847-1848, p. 21).

Zé Vicente é considerado o artista católico mais identificado com as CEB'S e com a Teologia da Libertação. Para a jornalista e escritora Ana Helena Tavares, “Zé Vicente tem grande importância para as CEBs e para Teologia da Libertação. Ele é chamado por muitos de ‘o cantor das CEBs’. As músicas dele tocam fundo na alma de quem sonha com um mundo igualitário. ” (TAVARES, 2018, n.p)⁴⁹

As músicas de Zé Vicente falam de justiça, de fraternidade, de liberdade e de paz. Na sala de aula, elas podem ser usadas como ferramentas pedagógicas em todos os componentes curriculares do campo das ciências humanas e sociais aplicadas e, também, das ciências da natureza e da linguagem incluindo literatura.

Segundo o historiador e mestre em educação pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Antônio Carvalho (entrevista em 11/03/2018), Zé Vicente é um entusiasta da Teologia da Libertação e faz um trabalho excepcional em arte-educação e é importante que a academia conheça e divulgue produções científicas e filosóficas sobre figuras como esse artista.⁵⁰

⁴⁹ Disponível em <<https://www.messenger.com/t/anahelena.ribeiroTAVARES>> acesso em 10/08/2018

⁵⁰ CARVALHO. Antônio. Mensagem recebida por aplicativo de WhatsApp (11/03/2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à fase final da nossa pesquisa. Fizemos uma jornada histórico-filosófica, artística e teológica para tentar responder ao problema levantado: Como as músicas de Zé Vicente auxiliam na reflexão da teoria filosófica marxista?

Estudos recentes na área de educação demonstraram que, quando os conteúdos programáticos são abordados de forma lúdica e atrativa, despertam maior interesse nos estudantes, facilitando a assimilação desses conteúdos, e, conseqüentemente, melhoram o aprendizado.⁵¹ Por isso, é consenso entre os teóricos da educação, filósofos, sociólogos, psicólogos e pedagogos, que tanto a música, quanto a poesia são excelentes ferramentas pedagógicas adequando-se às características supracitadas.⁵² Daí a importância das músicas de Zé Vicente, com suas letras que abordam temas não só religiosos, mas, sobretudo, sociais, políticos e econômicos, e, como já foi salientado, podem ser trabalhadas em todos os componentes curriculares do campo das ciências humanas e sociais aplicadas e também das ciências da natureza e da linguagem, principalmente a literatura.

Zé Vicente é um artista católico ligado às CEB'S (Comunidades Eclesiais de Bases) e, teologicamente, baseia-se na Teologia da Libertação. Foi por esse motivo que pesquisamos algumas obras de filósofos teólogos e historiadores que fizeram essa aproximação entre a Teologia da Libertação e o marxismo, entre eles: Michael Löwy, Luigi Bordin, Daniel Marque Villela, Gustavo Gutierrez e Leonardo Boff. Constatamos que, em todos os livros e trabalhos acadêmicos que examinamos, sobretudo nos livros dos teóricos supracitados, havia referências à aproximação entre a Teologia da Libertação e alguns elementos teóricos do marxismo.

Como algumas letras das músicas de Zé Vicente foram escritas por Dom Pedro Casaldáliga, fizemos também uma investigação histórico-filosófica sobre a vida e a obra deste bispo catalão radicado no Brasil e considerado um dos personagens mais significativos da Teologia da Libertação e também da espiritualidade da Libertação. Abordamos o “caráter profético” de Casaldáliga de acordo com a doutrina da Teologia da Libertação e destacamos o fato de esse bispo

51 Disponível em http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_21_05_2014_10_08_19_idinscrito_351_ec7407d33e42d7107461439c29d1567c.pdf Acesso em 12/02/2019.

52 Disponível em https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/literatura_e_musica_uma_estrategia_interdisciplinar.pdf Acesso em 12/02/2018.

ter unido a poesia com a sua missão e sua ação pastoral na Prelazia de São Félix do Araguaia, no Estado do Mato Grosso.

Traçamos um perfil biográfico da pessoa de Zé Vicente e fizemos uma análise de oito de suas músicas, usando como base alguns elementos teóricos da filosofia marxista como dialética, materialismo histórico, ideologia, luta de classes, entre outros. Abordamos o caráter pedagógico das letras das músicas de Zé Vicente no ensino das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sobretudo filosofia. Apresentamos depoimentos de jornalistas e acadêmicos, destacando a importância da Zé Vicente para a educação, arte, cultura e religião, sobretudo a religião católica.

Relatamos a nossa experiência nas duas turmas de terceiros anos da Escola de Referência em Ensino Médio Raimundo de Castro Ferreira, onde foi aplicado o Plano de Intervenção. Incluímos textos de exposições teóricas dos alunos e alunas sobre o marxismo e a Teologia da Libertação e análises, dentro de suas limitações, de algumas músicas de Zé Vicente.

Acreditamos que, como função social, é importante que a academia se aproxime das camadas mais populares da sociedade e, trazendo personalidades como Zé Vicente, cuja obra é rica e extensa, tanto literária, quanto musicalmente, a academia acaba cumprindo essa função.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Reinaldo. **País dos Petralhas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ALBERTON, Adilson Miguel; BESSEGATO, Giovani Garcia. **O anel de tuncum, símbolo da igreja dos pobres**. <<http://discipuladoemcristo.blogspot.com/2014/10/o-anel-detucum-e-simbolo-da-igreja-dos.html> acesso em 19/09/2018>.
- BARROS, Marcelo. **O sabor da festa, que renasce: Por uma Teologia Afro-latíndia da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BEZERRA, Augusto. **A fracassada-teologia da libertação anda desesperada atacando a liderança eclesiástica-brasileira**. <<https://padreaugustobezerra.com/2017/06/06/a-fracassada-teologia-da-libertacao-anda-desesperada-atacando-a-lideranca-eclesiastica-brasileira/acesso> em 18/08/2018>.
- BÍBLIA SAGRADA. **Lucas. 6, 20-22**. São Paulo: Paulus Editora. 2017.
- BÍBLIA SAGRADA. **Lucas. 6, 20**. Edições Pastorais, Paulus, 1991.
- BÍBLIA SAGRADA. **Lucas. 21, 1-4.** Edições Pastorais, Paulus, 1991.
- BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia crítica para o Nosso Tempo**: Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____, Leonardo. **Quarenta anos da Teologia da Libertação**<<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>acesso em 15/08/2018.
- _____, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como Fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BODART, Cristiano das Neves. **Alienação em Marx**. Blog Café com Sociologia. 2016. <Disponível em <https://cafecomsociologia.com/alienacao-em-marx/acesso> em 26/07/2018>.
- BORDIN, Luigi. **O Marxismo e a Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHAUI, Marilena. **Iniciação à filosofia**. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 2013.

CALIARI, Tânia. **Entrevista com Leonardo Boff: Marxismo como Ferramenta.** <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/hum/21253100.html>. Acesso em 20/09/2018>.

_____, Tânia. **Entrevista com Leonardo Boff: Marxismo como ferramenta.** Disponível em <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/hum/21253100.html> acesso em 28/07/2018.

CANTALICE, Tiago. **Zumbi dos Palmares: De filho da Serra da Barriga a Herói Nacional** <http://www.palmares.gov.br/?s=Zumbi%2C+heroi+nacional> acesso em 27/07/2018.

CONTEÚDO aberto. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre.** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Casald%C3%A1liga acesso em 25/11/2018>.

CASALDÁLIGA, Pedro; TIERA, Pedro. **Missa dos Quilombos.** <<http://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/poesia/quilombos.htm> Acesso em 30/12/2018>.

DONNINI, Debora. **Papa: evitar a intriga para caminhar na verdadeira unidade** <https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-05/papa-francisco-missa-santa-marta-unidade.html> acesso em 26/07/2018.

EAGLETON, Terry. **Marx estava certo.** Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FERRARO, Benedito. **Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios.** 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 1993.

FRÔ, Maria. **Aos leitores que repetem 'bolivarianismo' e não fazem ideia do que falam.** <<https://www.revistaforum.com.br/bmariafro-aos-leitores-que-repetem-bolivarianismo-e-nao-fazem-ideia-que-falam/>>acesso em 23/01/2019>.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GODOY, Marcelo. **Bento XVI diz que Teologia da Libertação foi seu primeiro grande 'desafio'.** <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,bento-xvi-diz-que-teologia-da-libertacao-foi-seu-primeiro-grande-desafio,1138253>>acesso em 26/08/2018>.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: Perspectivas,** 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

IRMANDADES DOS MARTIRES DA CAMINHADA. Raimundo Ferreira LIMA, "Gringo": **Mártir da Reforma Agrária.** <http://irmandadedosmartires.blogspot.com/2017/05/galeria-dos-martires-raimundo-ferreira.html>acesso em 09/06/2018).

KONDE, Leandro. **A questão da ideologia em Gramsci.** <<https://www.acesa.com/gramsci/?id=298&page=visualizar>>.

LIMA, Raimundo de. **Canonização de Dom Romero:** figura luminosa de pastor da América Latina. <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-10/canonizacao-oscar-romero-figura-luminosa-pastor-america-latina.html> acesso em 05/01/2019>.

LOPES, Mauro. **Perseguição à Teologia da Libertação baseou-se em duas fraudes, indicam pesquisas.**

<http://outraspalavras.net/maurolopes/2017/06/05/perseguiacao-a-teologia-da-libertacao-baseou-se-em-duas-fraudes-indicam-pesquisas/> acesso em 26/09/2018.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação:** religião e política na América Latina. 2ª edição, São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, Expressão Popular, 2016.

MARTINS, Maria Helena Pires; ARANHA, Maria Lucia De Arruda. **Filosofando:** Introdução à Filosofia, 5ª Edição. São Paulo: Moderna, 2013.

MAULTASCH, Gustavo. **Liberalismo e bem-estar geral:** um diálogo com a esquerda. <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2688> acesso em 28/07/2018.

MARX, Karl; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** 2.ed. São Paulo, Boitempo, 2010.

_____. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte.** São Paulo: Boitempo, 2010.

MEMÓRIA DA DITADURA. Santo Dias. <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/santo-dias/index.html> acesso em 09/06/2018)>.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Dom Paulo Evaristo Arns. <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-paulo-evaristo-arns/index.html> acesso em 25/11/2018>.

Ordem Franciscana Secular do Brasil. **O Anel de Tucum:** Símbolo da Igreja Comprometida com os Pobres. <<http://www.ofs.org.br/noticias/item/1527-o-anel-de-tucum-simbolo-da-igreja-comprometida-com-os-pobres> acesso em 07/11/2018.>

PATER, Siegrifeld. **O Bispo dos Excluídos:** Dom José Rodrigues, Paulo Afonso: Vozes, 1996.

PINA, Rute. **No Brasil, 2 mil latifúndios ocupam área maior que 4 milhões de propriedades rurais.** <<https://www.brasildefato.com.br/2018/07/26/no-brasil-2-mil-latifundios-ocupam-area-maior-que-4-milhoes-de-propriedades-rurais/> acesso em 28/07/2018.>

PRECIOSO, Adriana Lins. **A Voz da Resistência na Poesia de Dom Pedro Casaldáliga**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. v. 21, 2011.

REITER, Ricardo Luís. **Pelos Caminhos da América**. <<http://filosofiadocotidiano.org/pelos-caminhos-da-america/> acesso em 24/07/2018>

VICENTE, Zé. **Pelos Caminhos da América**. <https://www.vagalume.com.br/zevicente/por-los-caminos-de-america.html> acesso em 07/03/2018.

REVISTA FÓRUM. **Papa faz homilia que parece ser endereçada ao golpe no Brasil**. <https://www.revistaforum.com.br/papa-faz-homilia-que-parece-ser-enderecada-ao-golpe-no-brasil/> acesso em 26/07/2018.

ROSSI, Waldemar. **Santo Dias, um mártir da luta dos trabalhadores**. Disponível em <http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/santo-dias-um-martir-da-luta-dos-trabalhadores/> acesso em 27/07/2018.

SBARDELOTT, Emerson. **A Cruz de Cristo nas Cruzes todas: Profecia e Poesia em D. Pedro Casaldáliga**. Teoliterária V. 6 - N. 11: 2016.

SILVA, Rosana Rodrigues da. **Tempos de libertação na poética de Pedro Casaldáliga**. Revista de Letras Norteamericanas Estudos Literários, 2008.

PAULINAS. **Zé Vicente: Biografia**. <https://www.paulinas.org.br/comep/?system=artistas&action=detalhes&artista=305043> acesso em 26/07/2018.

SOUZA, Claudivan Lopes. **A libertação como problema filosófico na música sócio-religiosa latino-americana**. Cadernos Cajuína, V. 3, N. 1, 2018, p. 128 – 139.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. **Entre a cruz e a foice: D. Pedro Casaldáliga e a significação religiosa do Araguaia**. Campinas, SP: 2007. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

VEIGA, Alfredo César. **Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual**. São Paulo 2009. 297f. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

VILELA, Daniel M. **Utopias esquecidas: Origens da Teologia da Libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____ **Como te cantarei senhor**. <<https://www.youtube.com/watch?v=DMkVfUV33xQ> acesso em 14/003/2018.>

_____ **Canto dos mártires da Terra**. <<https://www.vagalume.com.br/zevicente/cantos-dos-martires-da-terra.html> acesso em 17/03/2018.>

_____ **Baião do Peregrino Sofredor**. <https://www.vagalume.com.br/zevicente/baiao-do-peregrino-sofredor.html> acesso em 28/03/2018.

_____ **Nossa vista Clareou.**
<<http://www.cicaf.org.br/index.php/multimedia/musicas/file/34-nossa-vista-clareou?tmpl=component> acesso em 04/04/2018.

_____ **Ofertório do Povo.** <<https://www.lettras.mus.br/ze-vicente/1354487/acesso> em 07/04/2018>.

_____ **Meu canto, minha arma.** <https://www.lettras.mus.br/ze-vicente/988229/acesso> em 23/05/2018.

_____ **Eu venho de lá da roça,** Caminhando e cantando em comunidade, 7 ed. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1992.

APÊNDICE

RELATÓRIO SOBRE A INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA

De acordo com que foi previsto no nosso projeto de pesquisa apresentado na 1ª Jornada de Pré-qualificação da primeira turma do Mestrado Profissional em Filosofia, Prof-Filo, do núcleo da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, iniciamos nosso projeto de intervenção na Escola de Referência em Ensino Médio Raimundo de Castro Ferreira (EREM Raimundo de Castro Ferreira), em Santa Filomena, Pernambuco em 05 de março de 2018. O público-alvo desse projeto foram os alunos dos terceiros anos A e B, da referida Escola. Aproveitamos as aulas de Filosofia na referida escola, para aplicarmos nosso projeto. No 3º ano A, as aulas eram nas quintas-feiras e no 3º ano B, nas segundas-feiras. Então, por uma questão meramente cronológica, começamos com o 3º B.

Decidimos aproveitar um dos conteúdos da grade curricular de Filosofia do Planejamento da EREM Raimundo de Castro Ferreira, que foi baseado nos Parâmetros Curriculares do Estado de Pernambuco. O primeiro assunto do planejamento tinha como título: O Marxismo e as Teorias Socialistas. Para a base teórica da nossa intervenção, foi utilizado o livro *Filosofando: Introdução à Filosofia*, escrito por Maria Lucia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, especificamente o capítulo 26, que tem como título “As teorias Socialistas”.

A escolha desse livro como base teórica foi pragmática, haja vista que foi exatamente o livro didático escolhido pelos professores da área de humanas para o componente curricular Filosofia da EREM Raimundo de Castro Ferreira. Como o nosso público alvo eram alunos de Ensino Médio, resolvemos usar um livro dessa modalidade de ensino, para a base teórica do nosso projeto de intervenção, muito embora a linguagem desse livro seja muito erudita e técnica e, portanto, pouco compreensível para alunos de Ensino Médio, principalmente alunos do Sertão do Araripe, que não são familiarizados com esse tipo de linguagem, um desafio a mais no nosso projeto de intervenção.

Optamos como parte introdutória do nosso projeto de intervenção, trabalhar os conteúdos do capítulo 26, do livro *Filosofando: Introdução à filosofia*, cujos subtemas são:

1. A origem do proletariado;
2. O socialismo utópico;
3. O socialismo científico ou marxismo;
4. O anarquismo: principais ideias;
5. O socialismo no século XX;
6. Fim da utopia socialista?

Porém, antes de iniciar a nossa exposição teórica, os alunos do 3º ano B foram divididos em cinco grupos, quatro grupos com cinco componentes e um grupo com seis componentes. No 3º A, os trinta alunos foram divididos em cinco grupos com seis componentes cada. Foram entregues aos grupos formados no 3º B cinco textos sobre a Teologia da Libertação para cada um dos grupos e cinco folhas, contendo as letras de cinco músicas de Zé Vicente. Para o 3º A, foram entregues cinco apostilas, contendo fragmentos do livro o Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels e também cinco folhas, contendo as letras de outras cinco músicas de Zé Vicente. Com esse material entregue (textos e músicas), os alunos das duas turmas foram orientados a estudarem os textos e analisarem a música, para que, depois de um mês, fosse feita a culminância do projeto com a apresentação dos alunos, tanto em forma de exposição teórica quanto em forma de apresentação musical. Foi esclarecido que a apresentação musical era opcional e a exposição teórica era obrigatória.

No dia 05 de março, na aula de filosofia do 3º B, foram abordados dentro do projeto de intervenção, os seguintes conteúdos: A origem do proletariado e o socialismo utópico. Foi escolhida a música “O que vale é o amor” de Zé Vicente, para ser analisada junto com os alunos e alunas, com o intuito de ajudá-los nas suas futuras análises das suas músicas, no dia da culminância do projeto. O mesmo assunto foi abordado no dia 08 do mesmo mês, e a mesma música foi analisada.

Nos dias 12 e 15 de março, o conteúdo abordado foi Socialismo Científico ou o Marxismo, e a música analisada foi “Baião do Peregrino Sofredor”.

Nos dias 19 e 22, de março o conteúdo abordado foi o Anarquismo: Principais ideias, e a música escolhida para análise foi “Eu venho de lá da Roça”.

Nos dias 26 e 29 de março, o conteúdo abordado foi o Socialismo no século XX, e a música analisada foi “Como te cantarei senhor”.

Nos dias 02 e 05 de abril, o conteúdo abordado foi Fim da Utopia socialista? E a música analisada foi “Utopia”.

No dia 10 de abril, aconteceu a culminância do projeto com algumas apresentações musicais, em que alguns dos alunos e alunas cantaram e analisaram algumas das músicas de Zé Vicente e também fizeram exposições de textos sobre a Teologia da Libertação e do Manifesto Comunista que foram estudados por eles e elas.

O grupo formado pelos alunos Miguel Costa Pereira, Leilson Pereira da Silva e alunas Tainara Gonçalves Coelho, Letícia Pereira da Mata e Rafaela Rodrigues Gomes reproduziram e analisaram a música “Salve Romaria” de Zé Vicente e, depois, fizeram exposições teóricas sobre o texto “40 anos da Teologia da Libertação do teólogo e filósofo brasileiro Leonardo Boff, um dos principais expoentes da Teologia da Libertação no Brasil, na América Latina e no mundo. Sobre a Música Salve a Romaria, Miguel Costa expôs o seguinte:

(...) Esta música retrata as grandes romarias e falas dos romeiros, dos peregrinos de Jesus, que seguia os passos de Jesus, pelos caminhos que Jesus andou. (...) Quando ele (Zé Vicente) fala que a terra é de tão poucos, ele fala que a terra está concentrada em grandes fazendeiros ricos que concentra grandes partes das terras do Brasil. (...) (PEREIRA, Miguel Costa. Informação Verbal)⁵³.

A aluna Tainara Gonçalves Coelho citou um trecho da música e fez a seguinte exposição:

(...) Nesta parte que fala “Salve, salve a caminhada, salve, salve a romaria/ Em busca da nova aurora, de um novo dia”. (Zé Vicente)
Nova aurora quer dizer novo amanhecer.
“Em nome de tantos povos, que habitaram esse imenso chão/ Dos índios tão massacrados, um clamor sagrado de conversão”.
Um clamor sagrado de conversão, que dizer de transformação. Que esse lugar não é bom e que eles estão lutando para transformação desse lugar. (COELHO, Tainara Gonçalves. Informação verbal).⁵⁴

Na sua exposição, aluna Letícia Pereira da Mata falou:

(...) Ao longo dos tempos as terras tem sido disputadas pelas pessoas das elites. Elas têm estas terras e não usam, então ele (Zé Vicente), fala que a terra deveria ser usada como no tempo dos negros e dos indígenas. Que a

⁵³ Arquivo de áudio gravado com autorização dos alunos e alunas.

⁵⁴ Idem.

terra era usada de forma mais sustentável, sem a degradação daquelas terras. (MATA, Leticia Pereira da. Informação verbal).⁵⁵

Ao se referir às romarias, o aluno Leilson Pereira da Silva, falou o seguinte:

Como diz aqui na música, a romaria é um ato onde as pessoas fazem promessas para cumprir no dia da romaria. Os cidadãos brasileiros acreditam que nas romarias eles serão abençoados, serão pagos pelo o que fez. (...) muitas vezes nas romarias, eles saem com a imagem de Nossa Senhora carregando e eles costumam começar a noite e parar meio dia do outro dia. (SILVA, Leilson Pereira da. Informação verbal).⁵⁶

A aluna Rafaela Rodrigues Gomes, ao fazer a reflexão do texto “40 anos da Teologia da Libertação”, afirmou que a Teologia da Libertação é, na verdade, um movimento por libertação e que só pode ser compreendido se for além do meio eclesial. Rafaela ainda salientou que a Teologia da Libertação surgiu no final da década de 60 do século XX, na América Latina, e que tinha como fundamento teórico e teológico a opção preferencial pelos pobres. A aluna ainda citou alguns teólogos que fizeram parte da primeira geração da Teologia da Libertação como Leonardo Boff, Gustavo Gutiérrez, Juan Luiz Segundo, Hugo Asmann e Enrique Dussel.⁵⁷ O aluno Miguel Costa, complementando o que Rafaela falou expôs o seguinte:

A Teologia da Libertação parte diretamente dos pobres materiais, das classes oprimidas, dos negros marginalizados, das pessoas que eram perseguidas e que até hoje são perseguidas, das mulheres que sofrem com o machismo e das igrejas que sofrem blasfêmias. (PEREIRA, Miguel Costa. Informação Verbal)⁵⁸

No mesmo dia, 10 de abril, na turma do 3º ano A, o grupo formado pelos alunos Iranildo da Silva Ribeiro, Gabriel Viana Ferreira Chaves, Rodrigo Batista de Souza e pela aluna Rozeli dos Santos Gomes falaram sobre as lutas de classe, baseando-se no Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels. A música que eles analisaram foi “Ofertório da Comunidade” de Zé Vicente.

O aluno Gabriel Viana foi o primeiro a falar, e sua exposição foi sobre a Revolução Comercial e Industrial, que foi determinante para outra revolução, a

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.

Revolução Urbana. Esta aconteceu com o surgimento de duas classes antagônicas: a burguesia e o proletariado. A burguesia, com suas manufaturas e fábricas, submeteu o campo à cidade, o que provocou o êxodo rural, pois as pessoas saíram do campo para procura trabalho nas cidades e por conta disso com surgiu grandes e cada vez mais complexos centros urbanos.⁵⁹

A aluna Roseli dos Santos referiu-se aos conflitos de classes, que assume várias facetas, desde ações mais violentas de forma direta como guerras por recursos naturais e mão de obra barata e de forma indireta como mortes causadas por doenças por conta das condições insalubres de trabalho ou condições de trabalho inseguras.⁶⁰ O aluno Rodrigo Batista, na sua exposição, fez um breve retrospecto histórico da luta de classe baseado na teoria de Marx e Engels:

Segundo Karl Marx e Friedrich Engels (1848), a história de todas as sociedades até o presente, é a história de lutas de classes. Como assim? Onde homens livres escravos, patrícios e plebeus, senhores e servos, os membros de uma população estiveram em constante oposição uns contra os outros. Então eles travaram uma luta de longa data. Uma hora essa luta estava dissimulada outra hora aberta. E a cada vez que essa luta terminava, apenas acontecia uma nova configuração que não mudava em nada. Então de certa forma para Marx e Engels, as armas que a burguesia produziu para oprimir, estão sendo voltado contra ela. E a burguesia não apenas forjou as armas que a levarão a ruína, como também produziu os homens que portarão essas armas que são os operários modernos. (...) A burguesia permaneceu muito tempo na indolência. Como assim? As pessoas que nela trabalham, não lucram, e, os que nela lucram, não trabalham. E com o desenvolvimento da burguesia extraindo o capital desenvolve também a classe dos operários. Estes só encontram trabalho, na mediada do que o capital aumenta. Então os operários tem se constrangido a vender-se diariamente e a tornar-se mercadoria no comercio. E como toda luta tem aqueles que triunfam, os operários estão triunfando as vezes. Mas é um triunfo efêmero e o resultado de sua luta não é de imediato, mas é a união de todos os trabalhadores. (...) (SOUZA, Rodrigo Batista de. Informação verbal).⁶¹

O aluno Iranildo da Silva, na sua fala, fez uma reflexão sobre a música de Zé Vicente “Ofertório das Comunidades” e também falou um pouco sobre o autor da música.

Zé Vicente é um cantor, ele começou em 1981. Ele também toca alguns instrumentos, e ele gostava de contar a história dos povos em forma de canção. Ele é muito famoso e popular no Pernambuco por conta de suas músicas. Algumas delas são tristes, mas relatam a verdade. Algumas porém

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

são alegres que mostram que os pobres podem ter e conseguir um sonho novo e seu trabalho. (RIBEIRO, Iranildo da Silva. Informação Verbal)⁶²

Os alunos Fabrício de Carvalho de Souza, Alexandre Souza, Arthur Antônio dos Santos e as alunas Murillelle Alves da Silva e Jamile Coelho Clemente falaram sobre os vários tipos de socialismo, baseado no livro o “Manifesto Comunista de Marx e Engels”. Na sua exposição teórica, Fabrício Carvalho falou sobre as principais diferenças entre o capitalismo e o comunismo:

(...) O capitalismo preza pela valorização da riqueza material e o comunismo o bem estar social. O capitalismo preza o individualismo e comunismo a igualdade. O capitalismo preza pelo consumismo e comunismo preza pelo coletivismo. O capitalismo preza pela democracia e o comunismo pela estatização. O capitalismo tem a livre concorrência e comunismo e economia planificada. (...) No socialismo o mais importante é o “Nos”, já para o capitalismo é o “eu”. Eles têm as coisas mais voltadas para si, eles são mais para os ricos. É querer de mais, é alguém que só pensa si. Acredito que é possível se preocupar com os outros. (SOUZA, Fabrício de Carvalho de. Informação Verbal).⁶³

A aluna Murielle Alves da Silva, na sua exposição, falou sobre um fragmento do Manifesto Comunista que faz referência a uma classe de pequenos burgueses que surgiram no florescimento da civilização moderna.⁶⁴

O aluno Alessandro Souza e a aluna Jamile Coelho fizeram suas exposições teóricas, falando sobre a literatura socialista na França e na Alemanha, e suas conexões com a filosofia.⁶⁵ A música de Zé Vicente trabalhada foi “Baião da Nova Mulher”, sendo que essa música foi interpretada por todos os alunos e alunas do grupo, numa apresentação musical, porém eles não fizeram a reflexão da música conforme foram orientados no início da divisão dos grupos e distribuição das músicas de Zé Vicente para serem analisadas. Convém fazermos uma observação com relação à participação dos alunos nesse plano de intervenção:

Dois grupos, sendo um de cada turma, simplesmente se recusaram a fazer essa atividade; alguns membros dos grupos também se recusaram a apresentar e algumas atividades se resumiram a leituras dos textos distribuídos, fatos que prejudicaram um pouco o resultado do plano de intervenção.

⁶² Idem.

⁶³ Idem

⁶⁴ Idem

⁶⁵ Idem